



QUESTÕES GLOBAIS

# OS DESAFIOS DA GLOBALIZAÇÃO



FEVEREIRO DE 2006

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / ESCRITÓRIO DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS

---

## Questões Globais



---

|                              |   |
|------------------------------|---|
| Editor senior                | George Clack  |
| Editores colaboradores       | Alexandra Abboud<br>David A. Denny<br>Rebecca Ford Mitchell<br>Charlene Porter<br>Robin L. Yeager |
| Editores associados          | Mark A. Betka<br>Paul Malamud<br>Cheryl Pellerin  |
| Editores                     | Kathleen E. Hug<br>Chandley McDonald  |
| Especialistas em referências | Anita N. Green<br>Martin Manning<br>Kathy Spiegel<br>Vivian R. Stahl                              |
| Programadores visuais        | Chloe D. Ellis<br>Christian Larson  |
| Pesquisadora de fotos        | Ann Monroe Jacobs   |

---

|                                   |                    |
|-----------------------------------|--------------------|
| Editora-chefe                     | Judith S. Siegel   |
| Editor executivo                  | Richard W. Huckaby |
| Gerente de produção               | Christian Larson   |
| Assistente de gerente de produção | Chloe Ellis        |
| Revisora de português             | Marília Araújo     |

---

|                    |  |
|--------------------|--|
| Conselho editorial | Alexander C. Feldman<br>Jeremy F. Curtin<br>Kathleen R. Davis<br>Kara Galles |
|--------------------|--|

Fotos da capa: © Peter Back/ CORBIS; AP/WWP

O Escritório de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica cinco revistas eletrônicas com o logo *eJournal USA — Perspectivas Econômicas, Questões Globais, Questões de Democracia, Agenda de Política Externa e Sociedade e Valores*. Nelas, são analisadas as principais questões enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional, bem como a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições do país.

A cada mês sai uma revista nova em inglês, que no prazo de duas a quatro semanas é seguida de versões em francês, português, russo e espanhol. Algumas também são traduzidas para o árabe e o chinês. Cada revista é catalogada por volume (o número de anos em circulação) e por número (o número de edições publicadas durante o ano).

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades 442 que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais. Nesse caso, é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

O Escritório de Programas de Informações Internacionais mantém os números atuais e os anteriores em vários formatos eletrônicos, bem como uma relação das próximas revistas, em <http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>. Comentários são bem-vindos na embaixada dos Estados Unidos no seu país ou nos escritórios editoriais:

Editor, *eJournal USA*  
IIP/T  
U.S. Department of State  
301 4th St. SW  
Washington, DC 20547  
United States of America

E-mail: [iiptcp@state.gov](mailto:iiptcp@state.gov)

# Sobre esta edição

O Banco Mundial define globalização como "a crescente integração das economias e sociedades em todo o mundo". *A enciclopédia da internet* Wikipedia descreve globalização como "as mudanças nas sociedades e na economia mundial decorrentes do enorme aumento do comércio internacional e do intercâmbio cultural". Recentemente, a revista inglesa *The Economist* comparou a globalização a este verso de uma canção de John Lennon: "Imagine que não há países. Não é difícil fazê-lo." Claro, globalização significa coisas diferentes para as diferentes pessoas. Nesta edição, analisamos esses e outros aspectos da globalização. Os especialistas escolhidos examinam o tema sob vários ângulos apesar de não oferecermos nenhuma receita nem respostas definitivas. Nosso objetivo é que os leitores compreendam melhor esse fenômeno complexo, já profundamente instalado, que afeta a nós todos.

Começamos com uma troca de idéias sobre os rumos da globalização. O jornalista James Glassman é o moderador do debate entre o economista venezuelano Moisés Naím e o especialista americano em comércio Claude Barfield. Esses dois competentes observadores esmiúçam tudo: da dúvida se a globalização ajuda mais do que prejudica as pessoas a seu efeito sobre as atitudes religiosas. Em seguida, Josette Shiner, subsecretária de Estado para Assuntos Econômicos, Comerciais e Agrícolas, explica o vínculo entre políticas liberais de comércio e o índice de crescimento econômico dos países. Essa seção se encerra com uma entrevista com Daniel Pink, autor de dois livros bastante influentes recém-lançados, *Free Agent Nation* e *A Whole New Mind*, este último traduzido para o português com o título *A Revolução do Lado Direito do Cérebro*. Segundo a teoria de Pink, a globalização está mudando nossa forma de trabalhar e até de pensar.

A seção seguinte aborda uma questão que suscita debates acalorados — o efeito da cultura popular americana sobre as culturas locais nos países ao redor do mundo. Na opinião do professor Richard Pells, da Universidade do Texas, a cultura americana em si é uma mistura de influências estrangeiras, sendo, de certo modo, realmente uma cultura internacional. A professora alemã Jessica Gienow-Hecht, por sua vez, analisa as formas como várias

autoridades e intelectuais estrangeiros têm percebido a cultura americana através dos anos. Uma galeria de fotos põe em destaque personalidades atuais de todo o mundo nas áreas de música pop, cinema e esportes.

A última parte da revista examina as novas ameaças e oportunidades surgidas com a globalização. Daniel Griswold, do Instituto Cato, encontra uma relação entre progresso econômico e aumento de liberdade, direitos humanos e democracia nos países mais influenciados pela globalização. Louise Shelley, professora de Relações Internacionais na Universidade Americana, examina um aspecto negativo da globalização: a forma como fronteiras mais abertas e alta tecnologia também podem tornar as coisas mais fáceis para as redes criminosas e terroristas. O especialista em saúde pública dr. Donald Henderson pondera sobre a ameaça de pandemias globais nesta era em que pessoas e vírus podem fazer viagens áreas pelo mundo em questão de horas. Um box destaca este lado positivo do efeito "aldeia global": a forma como as comunicações possibilitam maior cooperação entre as nações após catástrofes naturais, como o tsunami no Oceano Índico em 2004. O professor Stephen P. Heyneman, da Universidade de Vanderbilt, tece considerações sobre as ambições comuns das faculdades e universidades de muitos países.

Um ponto inquestionável em todos os debates é que a globalização veio para ficar. "Há grupos de todos os tipos com idéias comuns, grupos de interesse — pessoas que compartilham os mesmos interesses, paixões, tecnologias, passatempos... que cruzam as fronteiras, reúnem-se e criam comunidades virtuais... que desenvolvem todos os tipos de novas dinâmicas políticas", afirma Moisés Naím sobre a internet. "Isso é irreversível. As ondas anteriores de globalização eram institucionais, eram comerciais, e seus principais atores eram as empresas de comercialização. Hoje há uma globalização de pessoas físicas, e essa diferença é importantíssima." ■



Turista chinês descansa em frente de um café Starbucks em Xangai, China (Eugene Hoshiko/ ©AP/WWP)

EUGENE HOSHIKO © AP/WWP



## OS DESAFIOS DA GLOBALIZAÇÃO

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / FEVEREIRO DE 2006 / VOLUME 11 / NÚMERO 1  
<http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>

### O FUTURO DA GLOBALIZAÇÃO

- 6 Conversa sobre Globalização**  
JAMES GLASSMAN, MEMBRO RESIDENTE DO INSTITUTO EMPRESARIAL AMERICANO; MOISÉS NAÍM, REDATOR-CHEFE DA REVISTA *FOREIGN POLICY*; E CLAUDE BARFIELD, ACADÊMICO RESIDENTE DO INSTITUTO EMPRESARIAL AMERICANO  
James Glassman atua como moderador em troca de idéias sobre globalização.
- 13** Boxes: *Arctic Monkeys: primeiros superastros ingleses da era do iPod*
- 14** Boxes: *As viagens de uma camiseta*  
PIETRA RIVOLI, PROFESSORA ASSOCIADA DE FINANÇAS DA UNIVERSIDADE DE GEORGETOWN
- 16** **Política Econômica Transformadora dos EUA: Ligando Comércio, Crescimento e Desenvolvimento**  
JOSETTE SHEERAN SHINER, SUBSECRETÁRIA DE ESTADO PARA ASSUNTOS ECONÔMICOS, COMERCIAIS E AGRÍCOLAS  
Alta funcionária do Departamento de Estado dos EUA discute a relação existente entre comércio e crescimento econômico.
- 19** **Locais de Trabalho em Mudança: Entrevista com Daniel Pink**  
O consultor de negócios, palestrante e escritor Daniel Pink contribui com idéias sobre vários aspectos da globalização.

### CULTURA DE QUEM? UM DIÁLOGO

- 24** **A Cultura Americana É realmente "Americana"?**  
RICHARD PELS, PROFESSOR DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DO TEXAS, EM AUSTIN  
Especialista analisa a natureza e a popularidade da cultura "americana" em todo o mundo.
- 29** **Considerações de uma Européia sobre a Influência da Cultura Americana**  
JESSICA C.E. GIENOW-HECHT, PROFESSORA DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE JOHANN WOLFGANG GOETHE DE FRANKFURT AM MAIN  
Especialista alemã em relações germano-americanas mostra como a cultura americana é vista do outro lado do Atlântico.
- 32** **Sucesso em Todo o Mundo**  
Apresentações sobre celebridades em um mundo globalizado ilustradas com fotos.

### NOVAS AMEAÇAS E NOVAS OPORTUNIDADES

- 38** **Globalização, Direitos Humanos e Democracia**  
DANIEL GRISWOLD, DIRETOR DO CENTRO DE ESTUDOS DE POLÍTICAS COMERCIAIS DO INSTITUTO CATO  
Especialista em comércio, imigração e globalização debate a relação existente entre comércio, desenvolvimento e reforma política.

#### **41 A Globalização do Crime e do Terrorismo**

LOUISE SHELLEY, PROFESSORA DA ESCOLA DE SERVIÇO INTERNACIONAL NA UNIVERSIDADE AMERICANA

Acadêmica e escritora de renome descreve o efeito da globalização sobre a “trindade obscena”: crime, terrorismo e corrupção.

#### **45 A Conexão da Saúde em Âmbito Global**

D.A. HENDERSON, PROFESSOR DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA DA UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH

O ex-diretor médico da Organização Mundial da Saúde para a erradicação da varíola descreve como a saúde das pessoas tornou-se interdependente na era da globalização.

#### **48 Boxes: *Adaptação das regulamentações internacionais de saúde a um mundo menor***

#### **49 Boxes: *Cooperação em sistemas de alerta contra tsunamis***

#### **51 Questões Globais no Ensino Superior**

STEPHEN P. HEYNEMAN, PROFESSOR DE POLÍTICA DE EDUCAÇÃO INTERNACIONAL DA UNIVERSIDADE VANDERBILT

Professor discute o ensino superior em um mundo globalizado.

#### **55 Bibliografia**

#### **58 Recursos na Internet**



### VÍDEO ON-LINE

CONVERSA SOBRE GLOBALIZAÇÃO

(PÁGINA 6 NA VERSÃO IMPRESSA)

- O que é globalização?
- Desvantagens da globalização
- Para onde vai a globalização?

Todo o debate também está disponível para download em arquivo MP3.

<http://www.usinfo.state.gov/journals/itgic/0206/ijge/ijge0206.htm>

# APRESENTAÇÃO



*“Veja, não tenho nada contra a globalização, contanto que fique longe de mim”*

Robert Mankoff/ CARTOONBANK.COM/ ©THE NEW YORKER  
COLLECTION 2001 Todos os direitos reservados

**E**m 2000, o Fundo Monetário Internacional (FMI) publicou um estudo temático com o título sugestivo “Globalização: Ameaça ou Oportunidade?”. A equipe do FMI descreveu globalização como “um processo histórico, o resultado da inovação humana e do progresso tecnológico. O termo se refere à crescente integração de todas as economias do mundo, especialmente por meio do comércio e dos fluxos financeiros”.

Na verdade, muitas pessoas logo se lembram de liberalização do comércio quando pensam em globalização, e nos últimos anos os efeitos econômicos desse fenômeno passaram a comandar os debates. Mas a globalização também apresenta poderosa dimensão psicológica.

O analista de mídia Marshall McLuhan cunhou a famosa expressão “aldeia global” na década de 1960, para descrever a profunda transformação cultural num mundo em que as ondas de rádio conectavam todos os cantos do planeta. Bem antes do mundo interligado em que vivemos, McLuhan analisou os avanços da tecnologia da comunicação — geradores de rupturas tanto nas sociedades tradicionais como nas modernas.

Muitos acadêmicos estudaram o tema com maior profundidade. Para Arjun Appadurai, antropólogo indiano e atual reitor da Nova Escola de Pesquisa Social da cidade de Nova York, globalização é “o nome de uma nova revolução industrial (impulsionada pelas poderosas tecnologias da informação e da comunicação) que mal começou. Como é algo novo, exige muito de nossos recursos lingüísticos e políticos para entendê-la e administrá-la”. Appadurai identifica cinco tipos de interconectividade característicos da globalização: movimentação transfronteiriça de pessoas, dinheiro, idéias, imagens midiáticas e tecnologias.

O aspecto da globalização gerador de discordâncias — muitas vezes veementes — é o questionamento se a maior parte de seus efeitos são bons ou ruins. Como diz o site do Banco Mundial, a globalização “é um dos temas que vêm suscitando os debates mais acalorados na economia internacional nos últimos anos. O crescimento rápido e a redução da pobreza em países pobres 20 anos atrás, como a China e a Índia, entre outros, são aspectos positivos da globalização. Mas esse fenômeno também tem gerado significativa oposição internacional. A preocupação é que a globalização tenha aumentado a desigualdade e a degradação do meio ambiente”.

Muitas vezes, a globalização econômica parece ser uma espécie de corrida com vencedores e perdedores reais. “A globalização oferece grandes oportunidades para o verdadeiro desenvolvimento em todo o mundo, mas não avança por igual”, de acordo com o estudo temático do FMI. “Alguns países estão se integrando na economia global em passo mais acelerado do que outros. Os que conseguiram se integrar estão desfrutando de crescimento mais rápido e redução da pobreza.”

“Nos Estados Unidos e nos cerca de dez países mais ricos do mundo”, diz Appadurai, “globalização é certamente a palavra da moda com conotação positiva entre as elites empresariais e seus aliados políticos. Mas, para os migrantes, os negros e outras comunidades marginalizadas (o chamado ‘Sul’ no ‘Norte’), esse fenômeno é fonte de preocupação quanto a inclusão, empregos e maior aprofundamento da marginalização”.

Entretanto, a globalização também inspira considerável preocupação nos Estados Unidos e em outras partes do mundo desenvolvido quando assume a forma de terceirização

— a transferência do trabalho de fábricas e do setor de serviços para países com salários mais baixos.

O economista britânico Phillipe Legrain, por sua vez, mostrou recentemente os benefícios culturais da globalização. "A beleza da globalização", escreve Legrain, "é que ela pode libertar as pessoas da tirania da geografia. Só o fato de alguém ter nascido na França já não significa que tal pessoa só possa pretender falar francês, comer alimentos franceses, ler livros franceses, visitar museus na França — e assim por diante. Um francês, assim como um americano ou alguém de qualquer nacionalidade, pode passar férias na Espanha ou na Flórida, comer sushi ou espaguete no jantar, tomar coca-cola ou vinho chileno, assistir a um filme de sucesso de Hollywood ou de Almodovar, ouvir bhangra ou rap, praticar ioga ou kickboxing, ler a revista Elle ou a The Economist e ter amigos no mundo inteiro".

*O colunista do jornal The New York Times Thomas Friedman também vê os efeitos da globalização com otimismo. De acordo com seu recente best-seller O Mundo é Plano, com as novas tecnologias da internet o trabalho pode ser transferido para qualquer lugar do mundo em busca de conhecimentos especializados e mão-de-obra barata. Há maior colaboração criativa. Médicos em Bangalore, na Índia, podem examinar radiografias de pacientes americanos enquanto estes dormem — uma evolução que, segundo Friedman, beneficia os dois países. Para usar a metáfora predileta do autor, o campo de atuação da concorrência econômica nivelou-se.*

Entretanto, até para Friedman, a globalização tem seus componentes inquietantes. "Mundo plano significa que estamos interligando todos os centros de conhecimento do planeta em uma única rede global que — se a política e o terrorismo não interferirem — poderá iniciar uma nova era de prosperidade e inovação", escreve Friedman. "Mas minha reflexão sobre o mundo plano também me atemorizou... fiquei receoso porque obviamente não são apenas os desenvolvedores de softwares e os fanáticos por informática que se capacitam para atuar em um mundo plano. São também a Al Qaeda e outras redes terroristas. O campo de atuação não está sendo nivelado somente de forma a atrair todo um novo grupo de inovadores e lhes conferir superpoderes. Está oferecendo igualdade de condições a todo um novo grupo de homens e mulheres irados, frustrados e humilhados."

Claude Smadja e Klaus Schwab — dois fundadores do Fórum Econômico Mundial, organização com sede na Suíça que reúne líderes empresariais e governamentais para melhorar a situação internacional — resumiram o principal desafio enfrentado pela globalização. "Numa época em que se enfatizam a concessão de mais poder às pessoas, a promoção da democracia em todo o mundo e o controle de cada um sobre a própria vida, a globalização estabeleceu a supremacia do mercado de forma sem precedentes", escreveram eles em 1999. "Devemos mostrar que a globalização não é apenas uma senha para focar exclusivamente o valor da empresa para os acionistas em detrimento de qualquer outra coisa; que o livre fluxo de bens e capital não se desenvolve em prejuízo dos segmentos mais vulneráveis da população e de alguns padrões sociais e humanos aceitos. (...) Se não criarmos formas de tornar a globalização mais inclusiva, teremos de enfrentar a perspectiva do ressurgimento das profundas confrontações sociais do passado, ampliadas no nível internacional."

*George Clack  
Editor sênior*

# CONVERSA SOBRE GLOBALIZAÇÃO



*Reunimos três especialistas para debater a globalização e seus problemas.*

*O moderador do debate, James Glassman, membro residente do Instituto Empresarial Americano, é ex-editor e colunista do Washington Post e hoje administra o site TCSDaily.com, que se dedica à ligação entre alta tecnologia e políticas públicas. Moisés Naím, atual redator-chefe da revista Foreign Policy, é economista venezuelano e atuou no Banco Mundial e como ministro da Indústria e do Comércio da Venezuela na década de 1990. Acabou de publicar o livro Ilícito: O Ataque da Pirataria, da Lavagem de Dinheiro e do Tráfico à Economia Global. Claude Barfield é especialista em Comércio, ex-consultor do representante de Comércio dos EUA e acadêmico residente do Instituto Empresarial Americano. É autor de Free Trade, Sovereignty, Democracy: The Future of the World Trade Organization. Atualmente está escrevendo um livro sobre a China.*

*Embora muitos vejam a globalização como acontecimento recente, nossos especialistas explicam que se trata de um fenômeno que ocorre há muito tempo, de várias formas, praticamente desde que teve início o comércio entre as nações. Na verdade, o período da década de 1870 até a Primeira Guerra Mundial, época de enormes mudanças nos transportes e nas comunicações, já foi visto como a era dourada da globalização. A ampla discussão que se segue também aborda as mudanças recentes na China e no Leste Europeu; o futuro do Estado-nação; a pirataria e outras formas de comércio ilícito; as consequências da globalização sobre o mundo em desenvolvimento e sua ligação com o ressurgimento do fervor*

*religioso; e o efeito da globalização tanto na democracia quanto nos ditadores.*

**Glassman:** Vamos começar com uma pergunta básica. O que é globalização?

**Barfield:** Bem, cada um tem uma definição diferente, suponho, mas a meu ver é o impacto da mudança tecnológica em cada país, em cada sociedade no decorrer do tempo. Em minha opinião, a globalização baseia-se fundamentalmente na tecnologia. A globalização mais integrada que estamos vivenciando hoje seria impossível sem as inovações das últimas décadas na eficiência dos transportes (produção e entrega *just-in-time*), respaldada pela revolução nas comunicações que hoje possibilita mensagens instantâneas para pessoas e organizações no mundo todo.

**Glassman:** É um fenômeno novo?

**Barfield:** Não, acredito que podemos remontar aos gregos. Com a prática do comércio entre diferentes nações ou diferentes sociedades, teve início a globalização, porque essa troca já representava idéias, movimentos, transações — transações comerciais — entre diferentes povos. Portanto, esse foi o começo, por assim dizer, da globalização. Não se está mais em uma comunidade humana isolada, sem nenhum contato.

**Glassman:** Portanto, você está definindo a globalização em termos comerciais?

**Barfield:** Bem, estou tentando [definir] em termos de contextos sociais e também comerciais. Os dois períodos mais recentes analisados são o fim do século 19 e o início do século 20, grosso modo, da década de 1870 até a Primeira Guerra Mundial. Nessa época, houve mudanças tecnológicas nos transportes e nas comunicações, e o que chamaríamos de mundo desenvolvido tornou-se muito, muito interligado, na verdade, mais interligado do que o mundo desenvolvido de hoje. Algumas pessoas se lembram dessa fase como uma era dourada, por assim dizer, da globalização. E então poderíamos simplesmente retomar pouco a pouco após 1945 a força aglutinadora das décadas de 70 e 80 e início da década de 90, quando de fato ocorreu essa explosão de novas tecnologias em termos de comunicação instantânea e viagens muito rápidas.

Acho que as políticas públicas certamente têm impacto na globalização. Se analisarmos as políticas após 1920-21 nos Estados Unidos e em seguida após a Depressão no início dos anos 30 na Europa e nos Estados Unidos, assim como em países como a Argentina — nação bastante avançada naquela época —, veremos que todos esses países tinham políticas que chamaríamos de autárquicas [destinadas a criar auto-suficiência ou independência econômica]. Eles se fecharam. Cortaram o comércio e os investimentos.

**Glassman:** Desses países “autárquicos”... ainda resta algum significativo?

**Barfield:** Pode-se pensar na Coreia do Norte como o exemplo óbvio hoje, mas mesmo assim com ressalvas. Havia sistemas autárquicos montados pelos soviéticos no Leste Europeu com políticas internas que não possibilitavam ter muito comércio.

**Glassman:** Alguns dizem que a globalização é uma ideia americana, que o resto do mundo está adotando um conceito americano. Isso procede?

**Barfield:** Somente na medida em que os Estados Unidos, graças à sua posição na evolução do século 20, sempre estiveram na vanguarda da tecnologia. E isso foi verdade mesmo durante a Depressão.

**Glassman:** Quais são os benefícios da globalização?



Claude Barfield

*"Acredito que podemos remontar aos gregos. Com a prática do comércio entre diferentes nações ou diferentes sociedades, teve início a globalização, porque essa troca já representava ideias, movimentos, transações — transações comerciais — entre diferentes povos."*

**Barfield:** Acho que os principais benefícios são a capacidade de consumir produtos melhores — e produtos melhores a preços mais baixos — e ter uma melhor qualidade de vida. Isso começa na economia, mas não termina nela, porque as pessoas têm outros objetivos na vida além das metas econômicas. Entretanto, acredito, a globalização é um meio pelo qual se pode alcançar outros fins

personais, nacionais e sociais.

**Glassman:** Moisés, em seu livro *Ilicito: O Ataque da Pirataria, da Lavagem de Dinheiro e do Tráfico à Economia Global*, você fala sobre globalização em termos não apenas tecnológicos, mas também políticos e de mudança: “Uma grande mudança que essa onda mais recente de globalização sempre traz à mente é a revolução na política, tão profunda e transformadora quanto a mudança na tecnologia.” Contudo, essa revolução na política foi causada pela revolução na tecnologia ou pela revolução nas comunicações? Como isso aconteceu?

**Naim:** Receio não sabermos. Tudo que sabemos é que ocorreu ao mesmo tempo, e há razões muito boas e concretas para afirmar que, quanto mais informações as pessoas têm, mais livres elas são para aprender como os outros vivem. Com isso, elas também foram incentivadas a se esforçar e lutar por liberdade. E assim há uma conexão entre novas tecnologias de comunicação e transporte e as revoluções políticas da década de 1990, que abriram fronteiras e criaram uma onda de democratização. Vai ser muito difícil realmente definir a causalidade, mas não importa. Tudo que sabemos é que essas duas coisas convergiram, e a meu ver isso é muito importante.

Uma das coisas que tento fazer no livro é desfazer a associação muito comum entre globalização e comércio ou entre globalização e investimentos ou globalização e economia. É importantíssimo entender que o mundo hoje está conectado de um modo que vai além da economia e do comércio. Como sabemos, o 11 de Setembro é um exemplo de globalização. O atentado ao World Trade Center foi motivado pela turbulência política do outro lado do mundo. Os terroristas contaram com ferramentas e tecnologias da globalização. Também aproveitaram oportunidades criadas pelas fronteiras mais abertas devido às mudanças políticas.

**Barfield:** Concordo com isso. Não estou certo de quais foram as dimensões da revolução política. Entretanto, tenho uma advertência. E trata-se de um enigma que teremos de resolver nos próximos anos, não apenas nós, mas todas as

nações. Com a globalização, há tecnologia nova nas fronteiras e os governos não têm tanto controle sobre suas populações como tinham antes, mas o Estado-nação ainda é o único foco de legitimidade democrática. Não há democracia acima do Estado-nação. Talvez em algum momento venhamos a ter. Mas é preciso trabalhar nisso com a abordagem do que é possível ou o que é legítimo para uma nação fazer e do que ela deveria abrir mão. E isso é muito discutido. Isto é, refiro-me à posição do governo dos EUA sobre o Tribunal Penal Internacional ou sobre quais poderes devemos dar às Nações Unidas ou à Organização Mundial do Comércio a esse respeito.

**Glassman:** Conforme opinião de muitas pessoas, com a tecnologia da globalização o Estado-nação iria enfraquecer. Agora, talvez seja um pouco cedo para ver esse enfraquecimento, mas você acha que ele vai ocorrer?

**Naím:** Não. E não concordo que o Estado-nação seja um elemento organizador essencial e central do sistema internacional. Há muita discussão sobre o Estado-nação enfraquecido, e francamente em minha opinião isso é tolice. Acredito nisto: o Estado-nação permanecerá por muito tempo. O que está acontecendo é que os Estados-nação estão sendo transformados pela globalização, estão sendo transformados pelas políticas liberais inerentes às novas tecnologias. E as restrições aos Estados-nação são mais estreitas e firmes do que no passado. Se você conversar com qualquer chefe de Estado hoje, mesmo os dirigentes de governos autoritários, ele lhe dirá que seu papel é muito limitado ou mais limitado do que no passado.

**Glassman:** Mas que tipo de restrição? Seria o fato de a população ter mais contato com o mundo externo ou é também o fluxo de capital nos países?

**Naím:** Tudo isso. Os líderes autoritários têm de enfrentar mercados de títulos e sistemas financeiros internacionais que limitam suas escolhas econômicas. Eles têm todos os tipos de limitações e possibilidades comerciais. Mas também existem as normas internacionais. E eles não podem torturar de forma tão escancarada e com a liberdade do passado. Isso acontece e continua a acontecer. Porém, uma mudança interessante existente hoje, como resultado da globalização e das mudanças dos anos 90, é que os ditadores já não dormem um sono tão tranquilo como no passado. Hoje em dia nem sempre os ditadores saem do palácio presidencial para casas e vilas na Riviera. Podem acabar sendo julgados como Milosevic.

**Glassman:** Gostaria de falar sobre as desvantagens da globalização já que Claude falou antes sobre as vantagens: crescimento econômico e mais exposição a novas idéias e, talvez, como você diz, mais democracia, menos controle por parte dos ditadores. Seu livro de fato fala sobre uma dessas deficiências da globalização. Você diz estar convencido de que mais e mais idéias e coisas estão sendo roubadas ou



(Bullit Marquez/ ©AP/WWP)

O diretor-geral da OMC, Pascal Lamy, à direita, e John Tsang, secretário de Comércio de Hong Kong e presidente da Sexta Conferência Ministerial da OMC, cumprimentam-se após a conclusão da cúpula de seis dias realizada em dezembro de 2005

plagiadas. E começa com um caso surpreendente sobre como a autobiografia de Bill Clinton foi roubada na China e de certa forma reescrita. Isso é realmente algo com que devemos nos preocupar? É um sorvedouro dos recursos dos países que cada vez mais se dedicam a produzir propriedade intelectual?

**Naím:** Essa é uma questão importante. Quando se pensa sobre os países e a explosão de produtos falsificados no comércio internacional, os exemplos que vêm à mente são os tênis ultracaros que podem ser comprados por uma fração do preço se eles forem falsificados ou as elegantes bolsas de senhoras ou os DVDs de filmes e música que são constantemente copiados e utilizados sem que se paguem direitos sobre eles. E, então, a pergunta é: quem, de fato, está sendo prejudicado?

Mas tende-se a esquecer várias coisas. Primeiro, os vários tipos de comércio ilícito normalmente estão conectados, e muitas vezes a pessoa que está vendendo a bolsa elegante, o vendedor de rua, está em situação tão ilícita quanto a bolsa à venda. Ele provavelmente foi traficado de outro país e está sendo usado e explorado pelas redes que traficam pessoas para vender esses artigos falsificados. Equivale a um “trabalhador escravo” tentando pagar sua dívida com os traficantes.

Quase sempre esses trabalhadores não estão ali felizes e por vontade própria. No caso do comércio internacional de mulheres, quase sempre elas são seduzidas pela oportunidade de sair do Leste Europeu e ir para a Europa Ocidental; saem com o objetivo de trabalhar como empregadas domésticas e acabam exploradas e coagidas à prostituição. E esse aspecto representa grande parte desse comércio.

Voltando aos produtos falsificados, podemos brincar sobre o relógio que custa US\$ 5 mil e é comprado por US\$ 20 nas ruas de Manhattan e tudo bem, mas há outras coisas que são falsificadas e são muito perigosas. Há peças de avião

falsificadas com defeitos e podem causar acidentes aéreos. Há remédios falsificados que, em vez de curar, matam. Há todo tipo de dimensões associadas com esses comércios que não são tão fáceis de ser toleradas quanto relógios e bolsas.

**Glassman:** Claude, vamos falar sobre algumas das imagens mais populares da globalização. Acabei de participar da reunião da Organização Mundial do Comércio em Hong Kong, e havia alguns agricultores sul-coreanos que chamaram muita atenção por suas manifestações, reclamando da provável perda de empregos caso a Coréia do Sul se abra para o comércio de arroz. A única coisa que podem ser, dizem eles, é produtores de arroz. Não sabem fazer mais nada. Já estão velhos. E, de todo jeito, o arroz não custa muito. Então, o dilema desses agricultores é parte do aspecto negativo da globalização ou, de fato, em última instância, é positivo?

**Barfield:** Acho que todas as nações são negligentes ao lidar com os lados negativos da abertura de seus mercados ao comércio ou aos investimentos, basicamente porque as políticas não são muito boas. Esses agricultores sul-coreanos... fazem isso geração após geração e ninguém interveio para tentar facilitar essa mudança, a transição do ajuste, exceto por atrito, o que de fato acontece hoje na Coréia. Creio que todas as nações estão sendo negligentes. De fato, não se tem clareza de como fazer esse ajuste, mas certamente existe uma obrigação moral ou social da nação que está envolvida nisso — seja a Coréia, seja os Estados Unidos, seja os britânicos, seja o europeus — de intervir. E essa situação pode ser dolorosa.

No entanto, há outro lado. Há todo tipo de romantismo no movimento antiglobalização, no sentido de que deveríamos deixar em paz essas tribos do alto Amazonas ou os agricultores empobrecidos do sul do México — de certa forma é uma coisa terrível o que está acontecendo com eles, o fato de o México estar se abrindo. Bem, pense na vida que essas pessoas estão levando. Costumamos pensar nos velhos e bons tempos dessa região — uma ótima vida agrícola no século 19. Mas, mesmo nas nossas fazendas americanas do Meio Oeste ou do Sul, os dias eram longos, as pessoas não estudavam — havia trabalho enfadonho e pesado. Portanto, em minha opinião, as questões de transição em termos de políticas públicas é que são importantes. Mas, como disse o outro debatedor, não é possível deter esse processo. A questão é como fazer o ajuste de maneira social ou moralmente mais aceitável?

**Glassman:** Você acha que uma maneira de torná-lo aceitável, como dizem algumas pessoas, é remover as barreiras comerciais para os países em desenvolvimento em ritmo diferente em relação aos países desenvolvidos?

**Barfield:** De acordo com os Estados Unidos, a Europa e os países desenvolvidos, é preciso apenas uma década ou década e meia para têxteis e vestuário, que são as áreas mais protegidas de muitas economias. Portanto, no início dos



(Bullitt Marquez / © AP/WWP)

Agricultores sul-coreanos preparam-se para manifestação contra redução das barreiras ao comércio de arroz durante a Conferência Ministerial da OMC em Hong Kong, em dezembro de 2005

anos 1990 pedimos que nos dessem essa década. Os países em desenvolvimento estão do mesmo modo dizendo “nos dêem uma década a mais ou uma década e meia”, mas o problema é que ninguém faz nada.

Então, não vejo nenhum problema em dar mais tempo, mas tem de ser um tempo determinado concretamente. E também é preciso ter em mente: aquilo que os países em desenvolvimento querem — quando falam sobre o chamado tratamento especial e diferenciado — é permitir a continuidade do flagelo de seus monopólios locais e suas indústrias ineficientes por um período maior. Portanto, não estamos de fato fazendo um favor a eles.

**Glassman:** Além desse comércio ilícito de produtos falsificados, a globalização tem outras desvantagens?

**Naim:** Ela tem conseqüências negativas e já estamos vendo algumas delas. Há uma sensação generalizada de inquietude na população. Grande parte da resistência das pessoas se dá pela idéia de que algo grande está acontecendo — mudanças muito, muito profundas no modo como as pessoas vivem, mudanças nas quais as empresas podem sobreviver ou não. Setores inteiros estão sendo redefinidos. Acabamos de ouvir neste país, no ano passado, um debate muito acalorado sobre terceirização, sobre toda a idéia de utilizar funcionários na Ásia, na Índia para fazer o trabalho que costumava ser feito aqui, e foi possível detectar muita ansiedade, que vai além da perda de empregos. Se medirmos os empregos perdidos com a terceirização, trata-se de um número muito pequeno. Mas todo esse debate nos levaria a pensar que estamos falando de cerca de centenas de milhares de americanos perdendo seus empregos, e não é esse o caso.

Portanto, há uma ansiedade generalizada sobre a globalização devido à sensação de que estão ocorrendo mudanças com possibilidade de afetar a todos nós, e não



(Huang Shengang/ ©AP/XINHUA/WWP)

Funcionários da alfândega chinesa verificam produtos eletrônicos falsificados confiscados em caso que envolveu cerca de 460 mil baterias e 30 mil fones de ouvidos falsificados da Sony em maio de 2005

sabemos se e como, no final das contas, elas acabarão atingido nossas famílias, nossas empresas e nossas comunidades ou a nós mesmos.

**Glassman:** Sempre tive a impressão de que a globalização é exemplo de alguma coisa em que os benefícios são muito disseminados e os custos muito reduzidos, prejudicando apenas indústrias específicas — a indústria americana de calçados ou a rizicultura coreana, por exemplo — e as pessoas envolvidas estão gritando e chiando, mas você está falando de uma ansiedade mais generalizada. Isso realmente tem base?

**Naím:** O melhor exemplo é o que você deu dos agricultores sul-coreanos, porque me pergunto onde estavam os consumidores de arroz nessas reuniões? Certamente existe toda uma geração de agricultores sul-coreanos que vai sofrer com o que está acontecendo nas regras do comércio internacional do arroz. Mas um número muito maior de pessoas vai se beneficiar da abertura do comércio e da eliminação dos subsídios — os subsídios que distorcem o comércio de arroz. Esses consumidores não estão representados lá porque cada um deles vai se beneficiar muito pouco, de um modo muitas vezes imperceptível, enquanto os agricultores coreanos vão ser atingidos neste momento de uma maneira bastante mensurável. Portanto, é mais fácil mobilizá-los e organizá-los.

Seu argumento é que, sim, isso está acontecendo, mas há algo maior. E, acredito, ainda estamos ajustando nossas mentes a um novo mundo onde as ideologias tradicionais do passado — socialismo ou comunismo do tipo da União Soviética — deram a muitas pessoas âncoras sobre como pensar o mundo e como interpretar as mudanças, um mundo com duas superpotências que se equilibravam. Hoje há apenas uma, e todos os dias recebemos notícias de mudanças que não sabemos como interpretar, de clonagem a

coisas surgidas na internet, passando por comércio ilícito e guerra no Iraque, além de terroristas suicidas internacionais que estão dispostos a matar e morrer.

**Barfield:** Entretanto, isso não acontece somente em sociedades fechadas; acontece também nos Estados Unidos. Somos uma sociedade que tradicionalmente tem tido mobilidade, aceitando novas idéias e com capacidade muito maior do que outras sociedades de fazer isso e não ficar preocupada. Mas na verdade acho que transcendendo a economia há uma sensação maior de que existem muitas forças fora do nosso controle. Estou falando das pessoas, não dos governos. E isso viria de qualquer coisa, desde a biotecnologia até o extraordinário impacto da revolução da informação.

A meu ver, os jovens aceitam e entendem muitas dessas coisas. Eles sabem lidar com seus telefones celulares, todos os computadores, etc., mas estão ainda mais conscientes de que a tecnologia pode ser de fato surpreendente, mesmo para eles.

**Glassman:** Porém, há realmente coisas mais fora do controle das pessoas do que antes ou será que sabemos mais sobre o que está acontecendo no mundo do que costumávamos saber? Em outras palavras, refiro-me outra vez ao papel das comunicações, avanço capaz de ter efeitos benéficos gerais, mas também de produzir muito mais ansiedade. Por exemplo, vimos que o número de catástrofes naturais está aumentando, mas, de acordo com muitos cientistas, na verdade, as ocorrências não estão aumentando de fato. Apenas agora sabemos o que está acontecendo.

**Barfield:** Em minha opinião, as duas coisas. As pessoas falam... há histórias do começo a meados do século 19 de como as pessoas ficaram apavoradas ao ver um trem pela primeira vez. Ou o primeiro rádio que permitiu ir além de seu próprio condado ou cidade nos Estados Unidos. Mas suponho ser apenas o alcance da mudanças, vindas de todas as direções e de vários tipos de disciplinas — da tecnologia e também da ciência.

**Glassman:** Moisés, existe conexão entre a globalização e o aumento do fervor religioso — chamado por algumas pessoas de fundamentalismo — que vemos não apenas no mundo muçulmano, mas também em outras religiões?

**Naím:** Observamos isso nos Estados Unidos. Não há dúvida. Os resultados são um movimento em direção a maior religiosidade e prática religiosa formalizada mais intensa e mesmo maior presença das interpretações fundamentalistas da religião na vida diária e até na política. Acho que por trás da sua pergunta está uma hipótese convincente, isto é, à medida que o mundo muda, seja por causa da globalização ou da revolução da informação, à medida que todas as mudanças discutidas por vocês dois atingem a todos nós, as pessoas começam a buscar âncoras. O que está acontecendo é que a previsibilidade diminuiu. As pessoas costumavam

achar que sua vida poderia seguir mais ou menos como a de seus vizinhos e pais. Agora a sensação é que muitas coisas podem acontecer com a nossa vida — muitas coisas maravilhosas, mas também algumas coisas bastante terríveis que tornariam a nossa existência e a de nossa família diferentes da vida de nossos vizinhos ou pais ou irmãos.

Portanto, com essa sensação de incerteza, de ansiedade sobre aonde isso vai dar, as pessoas precisam ter algo em que se agarrar, e suponho existir uma oportunidade muito poderosa de fazê-lo por meio da religião. Isso acontece em alguns países. Em outros, a religião substituiu a esperança de prosperidade como uma forma de pensamento. Em grande parte do Oriente Médio, como sabemos, o desempenho econômico, mesmo em países ricos, é desolador. E, se você aliar isso ao aspecto demográfico, nos lugares onde há muitos jovens que basicamente não têm esperança, não têm esperança em uma política melhor ou de participar na vida pública e na vida política do país, ou não têm esperança de realmente prosperar e possuir mais bens materiais, a religião se torna uma opção muito interessante. É normalmente a única opção em termos de dedicar a vida a uma causa, uma idéia, uma esperança, um sentimento — uma crença religiosa.

**Barfield:** Para mim, o que é realmente fascinante, no entanto, é que o Oriente Médio sem dúvida tem de estar na frente e no centro. Isto é, pensem no que está acontecendo. Falamos de vidas sendo desarraigadas e mudadas. Pensem no que estava dizendo um jovem, digamos, nos anos 1960, 70 ou 80 na China. Depois pensem nessa geração que está surgindo, digamos, os adolescentes na China hoje. Temos alguns jovens no meu instituto — jovens chineses convencidos de que haverá alguma forma de democracia. São tipos MBA práticos, não são sonhadores e, mesmo assim, essa transição será muito difícil.

**Glassman:** Permitam-me fazer aquela pergunta, quase um clichê, mas cuja resposta continuo querendo saber: a globalização — definida apenas em termos econômicos, entendida como uma economia mais aberta, um mercado mais voltado para a economia — leva naturalmente à democracia?

**Naím:** Acho que é muito cedo para dizer. Não sabemos.

**Glassman:** Não apenas na China, mas em qualquer país?

**Naím:** Em qualquer país. Não sabemos. Lembre-se, tivemos ondas de globalização no decorrer de toda a história. Esta



James Glassman

*“Existe conexão entre a globalização e o aumento do fervor religioso — chamado por algumas pessoas de fundamentalismo — que vemos não apenas no mundo muçulmano, mas também em outras religiões?”*

não é a primeira vez que o mundo vivencia uma integração muito intensa de diversas economias. Esta onda de agora começou em ritmo acelerado nos anos 1990. É, mais uma vez, a revolução da informação junto com o colapso da União Soviética, a abertura de países antes fechados. E está acontecendo enquanto conversamos, e está acontecendo em uma

velocidade e de modos que nós ainda não compreendemos totalmente. Em algumas áreas, a globalização está criando melhores condições para as democracias. Em outras, a globalização está atrapalhando a democracia.

**Glassman:** Onde ela está atrapalhando a democracia?

**Naím:** Estou pensando, por exemplo, nos países produtores de petróleo onde a globalização criou mercados muito grandes. O preço do petróleo hoje em dia é muito alto em grande parte devido ao que está acontecendo na China e porque a economia global está crescendo de modo muito significativo. Isso cria um fluxo de receita para governos autoritários, e essas receitas muito altas são inibidoras de reformas econômicas e democráticas.

**Barfield:** Não discordo, mas em minha opinião a infelicidade para eles é que têm esse único recurso, assim, as forças da globalização não os atingem tanto.

**Glassman:** Penso que o maior problema é o fato de um recurso ser propriedade do governo e ser controlado só por ele.

**Barfield:** Bem, isso é verdade, mas a questão é que esses países petrolíferos não precisam competir como foi necessário no Brasil, na Argentina ou no Chile, por exemplo. Toda a questão se reduz a voltar à sua pergunta original, a globalização produz “naturalmente” a democracia? A resposta é não. No entanto, esse é um debate que está sendo travado nos círculos intelectuais — e, creio, é abordado pelo livro de Naím — entre realistas e os chamados internacionalistas liberais. De acordo com as pessoas das áreas de segurança e de diplomacia no instituto em que trabalho, os economistas ou os favoráveis à globalização sempre afirmam que ela levará à democracia. Bem, vejam a China; parece que lá isso não aconteceu. Concordo. Não acho que tenha havido uma progressão natural.



(Khalil Senosi/©AP/WWP)

Graças à disseminação da tecnologia moderna, Amina Harun pode se comunicar por seu telefone celular enquanto vende melancias no maior mercado de frutas e hortaliças frescas do Quênia

No entanto, isto também é verdade: com a globalização e apesar do fato de que o governo chinês pode controlar a internet em parte — e eles controlam essas outras fontes de informação —, é simplesmente impossível hoje controlar a população em termos de informação, em termos de isolá-los, como era possível fazer no Leste Europeu, na Hungria e na Tchecoslováquia, na década de 1950 e 60, ou na China, na década de 1960. E então se percebe que os chineses também estão dando permissão para seus estudantes viajarem para todo o mundo. Mesmo o maior dos autoritários terá liberado forças que em última instância não será capaz de controlar. Se isso resultará em democracia, não sei, mas certamente é verdade que será inquietante para qualquer governo no poder.



(Manish Swarup/©AP/WWP)

Clientes indianos passeiam em shopping center de Gurgaon, ao sul de Nova Délhi

**Glassman:** Você concorda com isso?

**Naim:** Sim, totalmente. É bom lembrar que a maioria da humanidade vive hoje em regimes não democráticos. Isso é normal. Um ser humano normal hoje é uma pessoa que não come três refeições por dia, não obtém informação de fontes independentes, se é que obtém de alguma. Um terço da humanidade hoje não tem telefone e nunca fez um telefonema, e a maioria não vive em democracias.

A maioria das crianças do mundo não frequenta a escola. A maioria das pessoas do mundo não tem empregos formais.

**Barfield:** Mas, a meu ver, temos de ser cuidadosos. Em minha opinião, teríamos de dizer que, mais do que qualquer outro período da história da humanidade, temos pessoas vivendo em algum tipo de Estado democrático.

**Glassman:** O número de democracias de fato triplicou nos últimos 30 anos, embora a maioria das pessoas não viva em democracias, se considerarmos a China um país não democrático, como faria a maioria das pessoas.

Vamos apenas falar para onde está indo a globalização. Bem, tivemos períodos na história em que houve globalização, seguidos de drásticas interrupções por um período muito longo, por pelo menos 40 ou 50 anos. É possível ocorrer a mesma coisa novamente? A globalização veio para ficar ou é cíclica?

Minha especial preocupação é que no mundo em desenvolvimento muitas pessoas realmente não estão participando desse processo de globalização. Há alguma coisa que possa ser feita sobre isso?

**Barfield:** Se olharmos para os países em desenvolvimento... esqueça o que os políticos dizem e se comprometerão a fazer ou o que os chefes de Estado assinarão nas conversações comerciais de Hong Kong. Vamos considerar apenas o Leste Asiático ou mesmo a América Latina e voltar à pergunta. Eles se recusam a assinar tratados que garantam os direitos do investidor ou do investimento, mas deixaram suas fronteiras bem abertas.

E a outra coisa para se ter em mente é que, em termos comerciais, a quantidade de abertura voluntária de mercados — esqueçam as negociações — é enorme em praticamente todas as regiões, exceto talvez a África ou o Oriente Médio. O que a Argentina fez e a Indonésia tem feito em investimentos nos últimos 20 anos vai muito além de qualquer coisa que colocariam no papel, mas aconteceu. Em outras palavras, elas estão convencidas. Elas vêem que esse é o caminho a seguir, mas estão muito nervosas com a possibilidade de serem obrigadas pela Organização Mundial do Comércio ou outra organização internacional a cumprir regras. Elas querem poder ficar abertas para estrangeiros, para a General Motors ou a General Electric, mas não querem que alguém diga que em suas empresas é preciso ter as mesmas regras do Brasil, do Chile ou do México.

**Glassman:** Mas, de modo geral, você é otimista em relação ao mundo em desenvolvimento e também ao resto do mundo?

**Barfield:** Sim.

**Naím:** Mais uma vez, se você pegar a definição de globalização e imbuí-la fortemente de comércio e investimentos, então é verdade. Os ciclos comerciais podem ter altos e baixos e podemos ter um impulso de protecionismo.

**Glassman:** Por falar nisso, você acha que isso está acontecendo neste momento?

**Naím:** Não. A meu ver, o comércio é bem forte e livre. A cada ano o comércio internacional cresce e tem crescido mais do que o PIB global. Portanto, sim, há todo tipo de obstáculo ao comércio e há todo tipo de subsídios e distorções, mas o comércio está se movimentando.

Considere uma definição mais ampla de globalização que inclua não apenas comércio e investimentos e a compare



Moisés Naím

*“A internet está sendo usada por adolescentes que se reúnem com outros adolescentes do mundo todo. Há todo tipo de grupo, de grupos de interesse, pessoas que compartilham interesses, paixões, tecnologias, hobbies, que se reúnem cruzando fronteiras e criam comunidades virtuais com toda espécie de atividade e capacidade e desenvolvem todo tipo de novas dinâmicas políticas.”*

com o século 19. Quando o telégrafo chegou, houve esse furor de comunicação ao redor do mundo. Porém, o telégrafo era usado principalmente pelas instituições. Ao contrário, a internet está sendo usada por adolescentes que se reúnem com outros adolescentes do mundo todo. Há todo tipo de grupo, de grupos de interesse, pessoas que compartilham interesses, paixões, tecnologias, hobbies,

que se reúnem cruzando fronteiras e criam comunidades virtuais com toda espécie de atividade e capacidade e desenvolvem todo tipo de novas dinâmicas políticas. Isso é irreversível, porque, como disse Barfield, é possível controlar a internet, mas há limites do quanto se pode controlá-la.

Portanto, este é o segredo. As pessoas estão se organizando. Temos mais globalização individual do que jamais se viu na história. As ondas anteriores de globalização foram institucionais e comerciais, e os atores principais eram as empresas comerciais. Hoje há a globalização de pessoas físicas e essa é uma diferença muito importante. ■

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

## Arctic Monkeys: primeiros superastros ingleses da era do iPod

A mais nova banda *indie* de Sheffield, Inglaterra, a Arctic Monkeys, com integrantes na faixa dos vinte anos, é um exemplo de como os adolescentes utilizam a internet para juntar-se a outros adolescentes com idéias semelhantes em todo o mundo. Juntos, o vocalista Alex Turner, o baixista Andy Nicholson, o baterista Matt Helders e o guitarrista Jamie Cook detêm atualmente o recorde britânico de venda mais rápida de álbum de estréia depois de atingirem a incrível marca de 360 mil cópias na primeira semana.

Esse sucesso deve ser creditado ao uso que fizeram da internet. A Arctic Monkeys começou distribuindo CDs gratuitos de demonstração em 2003-2004. Sua base de fãs cresceu

rapidamente, assim que esses CDs demo foram colocados na internet para ser baixados e escutados por outros adolescentes interessados. Logo os fãs começaram a percorrer grandes distâncias para assistir às suas apresentações públicas e surpreenderam a banda, pois começaram a cantar as canções quando eram executadas.



Foto: Tabatha Fireman/ BIBLIOTECA DE IMAGENS MÚSICAIS REDFERN'S

Atualmente alguns aclamam os integrantes da Arctic Monkeys como os primeiros superastros da era do iPod. Se isso é verdade ou não, ainda está para ser confirmado. No entanto, o sucesso deles demonstra como tecnologias modernas, por exemplo a internet, estão aproximando pessoas com interesses semelhantes. Esse feito também permitiu que a banda estendesse seu alcance global lançando seu CD de estréia nos EUA em 21 de fevereiro de 2006.

## As viagens de uma camiseta

Pietra Rivoli



*Tudo começou em 1999 em uma reunião na Organização Mundial do Comércio. Um manifestante ativista perguntou a Pietra Rivoli, professora associada de Finanças na Escola de Administração de Empresas McDonough da Universidade de Georgetown: “Quem fez sua camiseta?” Em busca da resposta, Rivoli viajou para a China, o Texas e a Tanzânia, vivenciando in loco as*

*complexidades da economia global. Ela conta a história em seu livro *The Travels of a T-Shirt in the Global Economy: An Economist Examines the Markets, Power, and Politics of World Trade*. No artigo a seguir, a autora faz reflexões sobre suas experiências e se revela maravilhada com o poder que o comércio tem de unir pessoas diferentes.*

Quando decidi seguir minha camiseta ao redor do mundo, o que eu mais queria era contar uma bela história. Não comecei tentando provar um ponto de vista nem transmitir uma lição, embora por certo tenham surgido lições das minhas viagens. Simplesmente tive a sensação de que esta coisa muito simples tinha uma história complicada e fascinante para contar. Uma história que poderá sensibilizar qualquer um que se veste toda manhã, e eu quero contar essa história.

Descobri que no mundo inteiro as pessoas gostam de se sentir capazes de explicar coisas a professores. Deve ser algum tipo de emoção obstinada. Seja em uma fazenda texana de algodão, seja em uma banca africana de camisetas, as pessoas queriam que eu entendesse seu lugar na economia global, queriam me explicar como funcionava seu pequeno microcosmo da globalização; queriam que eu entendesse como era complicado, como era duro, mas também como era interessante enfrentar seus desafios a cada dia.

Como viajei pelo mundo fazendo entrevistas para o livro, ouvi muitos pareceres contrários, opiniões sobre subsídios ao algodão e políticas de comércio, sobre a China e as perdas de

emprego. Mas não encontrei nenhum vilão. Não há bandidos na biografia da minha camiseta. Cada empresa, cada empresário, cada político envolvido na vida de minha camiseta somente tentava progredir num mercado competitivo e frequentemente instável.

Escrevi este livro em uma época tumultuada e muitas vezes trágica, marcada pelo 11 de Setembro e por guerras no Afeganistão e no Iraque, por bombas terroristas na Europa e por uma eleição fortemente contestada nos Estados Unidos. Mas, quando viajei de uma fazenda de algodão do Texas para uma fábrica chinesa, dos contatos com burocratas de Washington para contatos com um negociante de roupas usadas descendente de terceira geração de imigrantes judeus ou com importadores muçulmanos na África Oriental, fiquei maravilhada com a forma como eles se entendiam entre si. Enquanto bombas eram lançadas, aqueles muçulmanos, judeus, negros e brancos mantinham sua amizade por causa da minha camiseta. O fio, o tecido e a roupa os mantinham unidos; o comércio mundial os unia. Eles não tiveram nenhuma escolha a não ser continuar conversando entre si. Os pequenos negociantes se saíam muito bem enquanto os figurões lutavam. E isto ficou claro para mim depois das minhas viagens: digam o que disserem sobre o comércio, ele é sem dúvida um instrumento de paz e entendimento. Sinto-me privilegiada porque todos sobre os quais escrevi são meus amigos agora, e espero que os leitores gostem de todos os protagonistas da biografia da minha camiseta tanto quanto eu.

Estou lecionando em uma escola de administração de empresas há bastante tempo, portanto sei como é fácil entediar as pessoas com conversas sobre déficits comerciais, ou concorrência, ou desemprego. Mas todo mundo ama uma boa história. Alguns professores de administração evitam histórias em aulas e pesquisas, preocupados com sua falta de credibilidade ou de peso intelectual. Porém, contanto que façamos o possível para contar a história toda, não apenas casos selecionados para provar nosso ponto de vista, as histórias podem nos ajudar a entender as complexidades do comércio e dos negócios internacionais. Espero que a história da minha camiseta tenha feito exatamente isso.

Estreante como autora, tive alguns momentos fascinantes inacreditáveis desde a publicação do livro. O primeiro foi quando soube que a revista *Time* estava fazendo a resenha do livro, e o segundo foi quando atendi o telefone e descobri

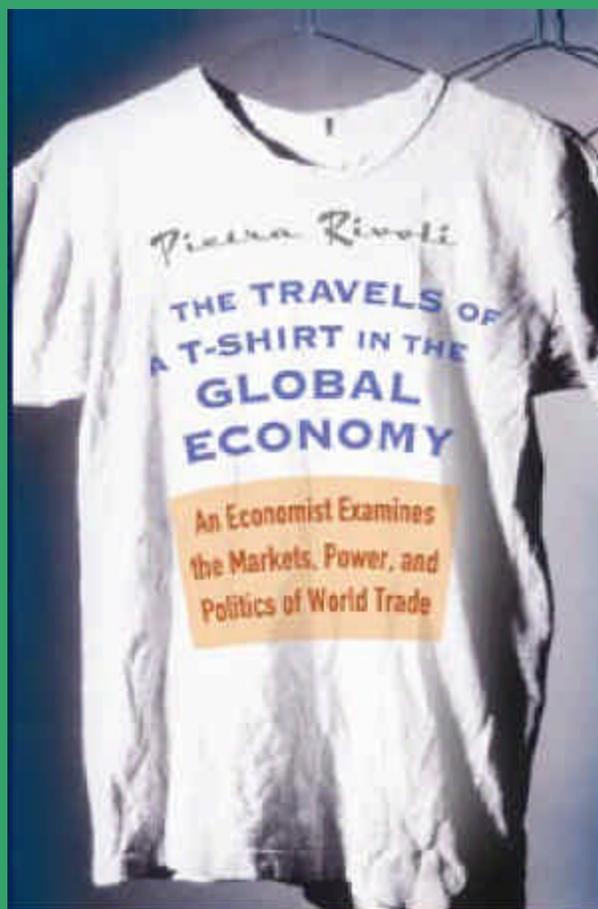
que o correspondente de negócios internacionais da Rádio Pública Nacional (NPR), Adam Davidson, estava na linha. Adam me disse que adorara o livro e gostaria de fazer uma série da NPR sobre ele. E então me fez o maior elogio que um professor poderia receber quando afirmou que o livro havia mudado a sua maneira de pensar sobre a globalização e mesmo o modo como ele noticiaria os negócios internacionais no futuro.

A série da NPR foi realizada ao longo de mais ou menos um mês, quando Adam e eu viajamos para muitos dos lugares sobre os quais eu havia escrito, de volta às fazendas de algodão no Texas e às fábricas chinesas. No rádio, tivemos somente 24 minutos para resumir meu trabalho de cinco anos e viagens de milhares de quilômetros, apenas 24 minutos para contar a biografia dessa coisa simples

complicadíssima. Quando ouvi os sons de fundo gravados por Adam para a série radiofônica — barulho de tratores, barulho de máquinas de costura, barulho de descarçadores de algodão e o silêncio sinistro de uma fábrica de camisetas fechada — compreendi que eu nunca havia pensado sobre os sons produzidos pela globalização. Se fechar os olhos e escutar com atenção, você poderá ouvir tudo isso funcionando. ■

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*



© Douglas Whyte/CORBIS; cortesia: JOHN WILEY & SONS, INC.

# POLÍTICA ECONÔMICA TRANSFORMADORA DOS EUA: Ligando Comércio, Crescimento e Desenvolvimento

JOSETTE SHEERAN SHINER

SUBSECRETÁRIA DE ESTADO DOS EUA PARA ASSUNTOS ECONÔMICOS, COMERCIAIS E AGRÍCOLAS



*A subsecretária de Estado dos EUA para Assuntos Econômicos, Comerciais e Agrícolas, Josette Sheeran Shiner, discute a relação entre comércio e crescimento econômico.*

**P**or que alguns países têm crescimento econômico vigoroso e outros não? Entre 1975 e 2003, o PIB *per capita* cresceu a taxas inferiores a 1% ao ano em mais da metade dos países do mundo. Cerca de um terço de todos os países realmente empobreceu. Esse número seria ainda maior se fossem computados os dados de mais de 35 países cujas instituições são fracas demais para fornecer estatísticas confiáveis.

Os economistas e os especialistas em desenvolvimento que procuram respostas a essa pergunta estão cada vez mais encontrando ligações com o comércio. Se analisarmos amplamente o mundo no século passado, será difícil encontrar provas sistemáticas de benefícios do protecionismo. Exemplos de políticas protecionistas mal concebidas são abundantes: o isolacionismo dos EUA após o crash do mercado acionário em 1929 precipitou a Grande Depressão; os esquemas de substituição de importações dos países em desenvolvimento nas décadas de 1960 e 1970 desestimularam o crescimento econômico; o comunismo fez

minguar a produtividade, a inovação e a liberdade econômica. O protecionismo não traz benefícios sustentáveis.

Por outro lado, a liberalização do comércio está dando uma contribuição significativa para o crescimento econômico, a redução da pobreza e a estabilidade mundial. Estudos econômicos confirmam que os países de economia mais aberta empenham-se em expandir o comércio internacional e têm taxas de crescimento superiores às das economias mais fechadas. Entre os países em desenvolvimento, aqueles mais envolvidos com o comércio internacional exibiram taxas de crescimento três vezes maiores que as dos outros na década de 1990.

A China e a Índia são os dois exemplos mais notáveis do poder da liberalização do comércio. Há trinta anos, a pobreza era generalizada em ambos os países. Eles ainda têm essencialmente os mesmos recursos naturais básicos que tinham naquela época. E seus sistemas políticos quase não se alteraram com o passar dos anos. No entanto, hoje em dia ambos exibem uma das maiores taxas de crescimento econômico do mundo. O que mudou? Eles abriram seus mercados para o mundo, contribuindo para o maior e mais rápido declínio da pobreza de que se tem notícia na história mundial. A organização não-governamental Oxfam informou que, se a África, o Leste Asiático, o Sul da Ásia e a



(Rajesh Nirgude / ©AP/WWP)

Corretor indiano trabalha na Bolsa de Valores de Bombaim, onde o índice atingiu a maior alta de todos os tempos em 14 de fevereiro de 2005

América Latina aumentassem em 1% sua participação nas exportações mundiais, os ganhos resultantes na renda nacional poderiam tirar 128 milhões de pessoas da pobreza.

Os Estados Unidos são líderes em promover oportunidades econômicas como essas no mundo porque empregam em sua política econômica abordagens novas e inovadoras que ligam comércio, ajuda e desenvolvimento.

A secretária de Estado, Condoleezza Rice, enfatizou o poder do comércio e do crescimento na transformação das sociedades: "Talvez não exista ferramenta mais importante para os Estados Unidos, quando se pensa em difusão da estabilidade democrática e da liberdade, do que fazer uso de nossa diplomacia econômica, dos benefícios do livre comércio, dos benefícios da assistência ao desenvolvimento..."

## REDUÇÃO DAS BARREIRAS COMERCIAIS

Por meio de negociações comerciais na Organização Mundial do Comércio (OMC), estamos promovendo o avanço de propostas audaciosas para eliminar tarifas, cotas e subsídios que distorcem o comércio. E desafiamos os outros países a fazerem o mesmo. Grande parte da força da economia americana pode ser atribuída à redução das barreiras comerciais pelos Estados Unidos e seus principais parceiros comerciais. As tarifas médias dos produtos caíram de 40% na época da Segunda Guerra Mundial para menos de 4% atualmente entre os países membros da OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico). Tarifas mais baixas incentivam a concorrência, a inovação, a alocação eficiente de recursos, a troca de idéias e de tecnologia e o investimento estrangeiro. Tarifas mais baixas também reduzem os custos de produção das indústrias, tornando-as mais competitivas no âmbito mundial. Os países em desenvolvimento têm uma oportunidade rara de obter ganhos com o comércio mais livre, pois as tarifas médias nesses países são bem mais altas do que no mundo desenvolvido, e 70% delas incidem sobre itens importados de outros países em desenvolvimento.

A reforma do comércio agrícola é amplamente reconhecida como uma etapa importante para a expansão do desenvolvimento econômico, e o acesso aos mercados agrícolas por meio de negociações na OMC pode tirar milhões de pessoas da pobreza. De acordo com o Banco Mundial, a melhora do acesso a mercados responderia por 93% dos benefícios decorrentes das reformas do comércio agrícola mundial. Para os países em desenvolvimento, quase todos os benefícios viriam da redução de suas próprias tarifas de importação.

Mas o comércio sozinho não leva automaticamente ao crescimento, à geração de empregos e à redução da pobreza. Se desejam aproveitar o comércio mais livre e incentivar o crescimento econômico, os países também devem adotar outras políticas nacionais sólidas: boa governança, Estado de Direito, instituições fortes, políticas monetárias e macroeconômicas sólidas e o compromisso de investir no povo. Essas políticas podem ser difíceis de manter, mesmo nos melhores ambientes. E muitos países em desenvolvimento são prejudicados por suas próprias políticas, que inibem o empreendedorismo. Na África Subsaariana, gastam-se mais de 63 dias, em média, para abrir uma empresa e mais de 200% da renda *per capita* anual para registrá-la. Na Austrália, são dois dias e 1,9%. À medida que os países tomam providências para desenvolver uma economia sustentável, os investidores sentem-se mais confiantes para negociar e investir nesses mercados. Um ambiente propício para os negócios ajuda a atrair mais investimento estrangeiro direto, contribuindo para gerar empregos, receita e crescimento econômico.

## A CONTA DO DESAFIO DO MILÊNIO

Sabendo disso, o presidente Bush propôs um programa de assistência ao desenvolvimento novo e inovador, chamado Conta do Desafio do Milênio (Millennium Challenge Account - MCA). A Corporação Desafio do Milênio (Millennium Challenge Corporation - MCC), que administra a Conta do Desafio do Milênio, usa as lições sobre desenvolvimento aprendidas nos últimos 50 anos e vincula políticas econômicas sólidas a novas oportunidades de comércio e investimento. A MCC funciona basicamente como um programa de ajuda, mas também auxilia na criação de um ambiente que sustente os benefícios do livre comércio.

Os Estados Unidos também lançaram programas que combinam iniciativas de capacitação em comércio (TCB) com iniciativas comerciais, incorporando a TCB em sua agenda global, regional e bilateral, de modo a proporcionar às nações em desenvolvimento as ferramentas de que necessitam para tirar vantagem do comércio aberto. De fato, o Escritório do Representante de Comércio dos Estados Unidos criou um departamento especial específico para trabalhar com questões de capacitação em comércio. Esses esforços fizeram dos Estados Unidos o maior país doador de assistência para capacitação comercial: mais de US\$ 1,3

bilhão em 2005 e a promessa de dobrar essa quantia para US\$ 2,7 bilhões anuais até 2010.

Essa abordagem inovadora dos EUA de ligar comércio, ajuda e desenvolvimento já está produzindo resultados reais. O Acordo de Livre Comércio (ALC) dos EUA com a América Central marcou a primeira vez que a capacitação comercial fez parte das negociações de ALCs. Por exemplo, os Estados Unidos ajudaram os agricultores de El Salvador a conquistar novos mercados ao melhorar suas técnicas de comercialização, o padrão dos alimentos, a produtividade e os serviços de apoio às suas culturas. Com isso, a renda média deles mais do que dobrou. Desde então, esse modelo tem sido usado nas negociações de ALCs americanos com os países andinos, a União Aduaneira da África Austral, a Tailândia e outras nações.

A MCC também está produzindo avanço nos registros. Desde o seu estabelecimento em 2004, ela aprovou programas de assistência que totalizam mais de US\$ 900 milhões em cinco nações: Madagascar, Honduras, Cabo Verde, Nicarágua e Geórgia. Pouco mais de dois anos após o anúncio dos indicadores da MCA em fevereiro de 2003, o número médio de dias para abrir uma empresa caiu de 61 para 46 nos países candidatos à MCA. De acordo com autoridades do Banco Mundial, graças ao efeito incentivo da MCA, em 2004 o Paraguai adotou reformas políticas importantes que melhoraram sua pontuação no item “dias para abrir um negócio” e catalisaram aumento de cerca de 20% no registro de novas empresas.

A liberalização do comércio é um ingrediente essencial e necessário para o sucesso dos programas de crescimento econômico. Os Estados Unidos estão empenhados em ajudar os países a prosperar no campo econômico e em reduzir a pobreza mundial. Estamos na vanguarda, trabalhando com afinco com a comunidade internacional e com cada país para aumentar essas oportunidades. Nossos 135 consulados e embaixadas espalhados pelo mundo estão ativamente empenhados em promover essa política. Muitos países em desenvolvimento já reconhecem o elo vital entre liberalização do comércio e crescimento econômico. É cada vez mais importante pôr em prática programas de apoio a esses esforços. Trabalhando juntos, com certeza poderemos aumentar a prosperidade econômica mundial à medida que avançamos no século 21. ■

# LOCAIS DE TRABALHO EM MUDANÇA

## Entrevista com Daniel Pink



*Daniel Pink, consultor de negócios, palestrante e escritor, escreveu dois livros bem recebidos pela crítica sobre a economia global e seus efeitos sobre as pessoas no mundo todo: A Revolução do Lado Direito do Cérebro e Free Agent Nation. Seus ensaios sobre pessoas que optaram por ficar fora do mundo corporativo para trabalhar por conta própria, terceirização e busca de sentido no trabalho foram publicados no The New York Times, na Harvard Business Review e na revista Fast Company. Editor colaborador da revista Wired, Pink também escreve uma coluna para o Yahoo! Finance. Pink foi entrevistado por Paul Malamud, da equipe de redação do Departamento de Estado dos EUA.*

**"A globalização é boa, não é perfeita. E não podemos deixar que o perfeito seja inimigo do bom."**

**P:** O que é globalização para você?

**Pink:** Globalização é a ampla movimentação entre economias, sociedades e tecnologia, que está unindo o mundo e afetando mercados de capital, tecnologia e troca de informações.

**P:** O que faz com que isso aconteça?

**Pink:** A meu ver, são várias coisas. Uma delas é sem dúvida o advento de novas tecnologias como a internet, que permite a um criança da Zâmbia encontrar informações de maneira quase tão rápida quanto o bibliotecário-chefe da Universidade de Cambridge. Permite às pessoas comunicar-se mais facilmente com seus países de origem; possibilita a

movimentação de capital pelo mundo até o local onde possa ser mais bem aplicado. Dá mais transparência aos governos e às instituições políticas do que antes. E derruba barreiras comerciais. Quando penso na globalização, ela me remete basicamente a fluxos: fluxo de idéias, fluxo de capital, fluxo de bens e serviços ou fluxo de pessoas — todos eles facilitados e acelerados devido à globalização.

**P:** Com a globalização, estamos em situação melhor ou pior?

**Pink:** Estamos melhor. Em minha opinião, a globalização é boa, não é perfeita. E não podemos deixar que o perfeito seja inimigo do bom. A globalização em geral melhorou os padrões de vida no mundo todo, mas obviamente ocasionou alguns deslocamentos. O trabalhador americano que perdeu o emprego na indústria manufatureira para algum país em desenvolvimento, onde se ganha um quinto do que ele estaria ganhando, é de alguma forma prejudicado pela globalização.

Ao mesmo tempo, esse trabalhador da indústria manufatureira e sua família tiram proveito do barateamento de bens e serviços com a queda das barreiras comerciais. E, claro, beneficiam-se de toda a tecnologia que torna possível a globalização. Portanto, em minha opinião, a globalização é em grande parte um fenômeno positivo. O desafio das políticas públicas e das lideranças políticas em âmbito nacional e transnacional é certificar-se de que as pessoas se beneficiem com a globalização e que os governos e as instituições políticas intervenham para mitigar seus efeitos negativos.

**P:** Há estatísticas mostrando que a globalização melhora a vida de todos?

**Pink:** Depende do padrão de vida. Sem dúvida, o PIB *per capita* americano triplicou nos últimos 50 anos. E com certeza o padrão de vida em grande parte do mundo também melhorou. Isso posto, ainda restam mais de um bilhão de pessoas neste planeta vivendo com menos de um dólar por dia. Então, não é que todos estejam vivendo em um paraíso, mas, em geral, a globalização teve efeito mais positivo do que negativo, e o presente é melhor do que o passado. E, levando tudo em conta, estou quase certo — não por ser otimista inconseqüente, mas sim realista — de que o futuro será melhor do que o presente.

**P:** Em seu livro *A Revolução do Lado Direito do Cérebro*, o senhor prevê que mais trabalhos rotineiros de escritório serão deslocados de nações desenvolvidas para países em desenvolvimento e que eles serão compensados com empregos mais criativos nos Estados Unidos e em outros países desenvolvidos. No entanto, isso pressupõe que a maioria das pessoas é capaz de ser altamente criativa. E se a maioria não for?

**Pink:** Discordo da premissa de que a maioria das pessoas não possui esse tipo de capacidade. A meu ver, as economias estão se automatizando e transferindo para o exterior o trabalho rotineiro de escritório — contabilidade e análise financeira básicas e até serviços jurídicos básicos —, e esse é o mesmo padrão observado no trabalho industrial de rotina. Atualmente todas as rotinas — isto é, tudo que possa ser reduzido a um roteiro, uma planilha de especificações ou um conjunto de normas — vão desaparecer cada vez mais dos Estados Unidos, do Canadá, da Europa Ocidental e do Japão, pois esse tipo de trabalho pode ser feito com menor custo por computadores e por pessoas no exterior.

Bem, isso significa que, para sobreviver na economia, você deve fazer algo não rotineiro. Costumam ser assim os trabalhos artísticos, criativos e empáticos em relação ao panorama geral. E, segundo penso, a idéia de que os seres humanos e em especial americanos não possam ser criativos, empáticos, voltados para o panorama geral é completamente errada.

*“Para sobreviver na economia, você deve fazer algo não rotineiro”*

Por exemplo, imagine a época em que os Estados Unidos estavam mudando da economia agrícola para a economia industrial, e as pessoas diziam: “Bom, nem todos podem cursar o ensino médio, nem todos podem aprender a ler e escrever. Uma boa educação está reservada somente para certa elite.” Minha idéia não é que todos se tornem um Salvador Dali, mas

sim adeptos desse tipo de habilidade de alto conceito e alto quilate. E penso que é perfeitamente viável.

Ninguém diria: “Não se consegue alfabetizar as massas.” Nem todos vão se tornar uma Toni Morrison. Mas quase todos podem ser alfabetizados. “As massas não aprendem a lidar com números.” Bem, não concordo com isso. Ninguém vai se transformar em um Albert Einstein, mas com certeza todos conseguem aprender a lidar com números. E têm capacidade de ir além disso.



(Gautam Singh/ AP/WWP)

Como ilustração de recentes avanços no uso da tecnologia na medicina, o dr. Arjun Kalyanpur em Bangalore, na Índia, discute a cintigrafia de um paciente com médico americano de Connecticut

**P:** O que acontece para as pessoas nos países desenvolvidos quando os habitantes das nações em desenvolvimento atingem igualmente um bom nível de educação e descobrem sua própria criatividade?

**Pink:** É um excelente ponto a considerar. Tom Friedman escreveu sobre essa questão. Há duas linhas diferentes de pensamento. De acordo com uma delas, a competição da China e da Índia está nos obrigando a baixar os padrões. Segundo a outra, essa concorrência nos obriga a elevar os padrões. Friedman acredita — e eu concordo — que a atitude desses países nos obriga a elevar os padrões, e digo isso não por otimismo, mas porque essa sempre foi a norma, a trajetória. Bem, não se pode ter 100% de certeza de que a trajetória se repita, mas é no que eu apostaria.

Portanto, concordo que os americanos não têm absolutamente o monopólio sobre esse tipo de capacidade

criativa e o que nós, americanos, devemos fazer é abandonar nosso desvanecimento e nos tornarmos bem melhores nesse aspecto, porque, como afirma Tom Friedman, esses países estão nos obrigando a elevar os padrões.

**P:** A natureza do trabalho está mudando em outros aspectos. Os computadores estão ficando cada vez mais complexos e potentes. Quando o senhor imagina que os computadores poderão competir com seres humanos para realizar trabalhos de profissionais liberais?

**Pink:** De certo modo, a meu ver, eles estão fazendo alguns tipos de trabalho de profissional liberal. Veja só o TurboTax [programa de software que ajuda as pessoas a preparar suas declarações de imposto de renda]. Todos nós temos essa preocupação com a transferência do trabalho para o exterior e com a terceirização. Foram feitas na Índia 3 milhões de declarações de americanos por especialistas indianos em imposto de renda no ano passado. Entretanto, 21 milhões das declarações americanas foram preparadas pelo TurboTax. Portanto, de alguma maneira, o software já pode realizar certas partes do trabalho de profissionais e, pouco a pouco, fará mais e mais.

Por isso, os contadores que quiserem sobreviver não poderão ganhar a vida fazendo a mesma coisa que um software de US\$ 39,95. Precisarão fazer coisas mais difíceis de ser reduzidas a código de computador, como assessoria mais sofisticada — entendendo as necessidades financeiras das pessoas e prestando-lhes consultoria financeira em nível mais elevado.

Até certo ponto é a mesma coisa também com corretores de bolsa de valores e com investimentos. Hoje muitos americanos fazem investimentos on-line. As informações estão totalmente disponíveis, as transações de corretagem pela internet são baratas porque é possível executá-las no computador pessoal, e não é mais necessário um corretor de bolsa de valores ao telefone para realizar transações de rotina.

Em algum momento aquele corretor tentará se tornar consultor financeiro, entender a situação do investidor de modo mais detalhado e oferecer-lhe o tipo de orientação que um programa de computador jamais oferecerá.

**P:** E quanto a robôs? Como o senhor imagina que afetarão o trabalho existente?

**Pink:** Ao visitar um chão de fábrica hoje em dia, o que se vê não é aquele da década de 1920 ou até dos anos 1950, onde havia um bando de homens de macacões sujos de graxa girando chaves inglesas em uma linha de montagem. O que se vê são pessoas, muitas vezes com diploma universitário, basicamente dirigindo esses robôs. Os robôs não têm autonomia nem vontade própria. Eles respondem a códigos de software. Assim, alguém tem de escrever o código, alguém deve monitorar esses robôs. Então, cada vez mais, é esse o tipo de trabalho industrial. É óbvio que isso exige um nível de capacidade bem maior.



(Pat. Vasquez-Cunningham/ AP/WWP) Enquanto assiste a vídeo em tempo real de uma linha de esgoto em Albuquerque, no Novo México, o técnico Jeremy Vanrite manobra um robô Módulo de Acesso ao Esgoto (SAM) nesse percurso por meio de controles interativos de computador

**P:** A maioria dos trabalhadores do mundo tem a inteligência e o QI para se adaptar a tudo isso?

**Pink:** Discordo da premissa dessa pergunta de que o QI é medida de aptidão. O QI é a medida de determinada espécie de raciocínio, mas não é de jeito nenhum a única forma de raciocínio, e é enorme a evidência de que a correlação entre QI e sucesso na carreira é basicamente zero. O QI tem correlação com a profissão que se escolhe. Além disso, o QI, medido por testes-padrão, subiu com o passar do tempo — o QI médio aumentou. Ele tem a ver com parte da inteligência, mas mede apenas um pequeno aspecto dela. Veja o trabalho de Dan Goleman sobre inteligência emocional e o de Howard Gardner em Harvard sobre as inteligências múltiplas. Não acredito muito em QI como medida da capacidade humana.

**P:** O senhor acha que a dignidade humana está ameaçada por alguns subprodutos da globalização? Segundo algumas pessoas, os laços de família, clã, comunidade e hierarquia estão se afrouxando e mesmo a dignidade da realização individual com base no desenvolvimento de habilidades individuais significa menos, pois os papéis mudam com muita frequência nas economias globalizadas.

**Pink:** É uma pergunta interessante. Parece-me que o mundo ocidental é um precursor do futuro; por exemplo, os vínculos de família aqui são muito mais difusos do que em outras partes do mundo. Há uma mobilidade muito maior, pois as pessoas não moram necessariamente no mesmo lugar em que vivem seus pais, irmãos ou irmãs. Há uma série de formas diferentes de família agora que suscita dúvidas sobre a família nuclear. A questão de a identidade resultar de toda uma vida de conhecimentos é interessante. Penso que há mudança aqui, porque a meia-vida de todo o tipo de aptidão atualmente está encolhendo cada vez mais. Não se pode ganhar a vida dedicando-se a um negócio durante 40 anos, porque as coisas não funcionam desse modo. A vida útil de

um determinado conjunto de conhecimentos é literalmente de alguns anos. Portanto, há agora uma vantagem óbvia em aprender, descobrir como aprender e se atualizar constantemente.

Não sei se isso destrói a dignidade humana. Pode-se dizer que, ao contrário, isso a faz aumentar. Possibilita às pessoas atuar cada vez melhor, não cair na estagnação, ter mais oportunidade de prosperar. Porém, claro, as histórias individuais são diferentes e a pergunta é válida.

**P:** No livro *A Revolução do Lado Direito do Cérebro*, o senhor se refere às pessoas como “ela”. Acredita que a globalização destaca o papel das mulheres? O senhor também quer dar a entender que o lado andrógino do espírito humano representa algum tipo de vantagem na nova economia?



(Sara D. Davis/ AP/WWP)

Duas participantes de Omã no Programa de Estágio em Empresas dos EUA na Universidade Duke falam com Sally Morton (de costas para a câmera), vice-presidente internacional de estatística e epidemiologia do Instituto de Pesquisa Triângulo em Durham, na Carolina do Norte, em dezembro de 2005

**Pink:** Há evidências de que as pessoas com mentes mais andróginas, capazes de raciocinar tanto de maneira tipicamente masculina, “com o lado esquerdo do cérebro”, quanto de maneira feminina, “com o lado direito do cérebro”, estão em vantagem na economia moderna. Acredito que muitas aptidões com frequência descartadas por serem “femininas” ou “frágeis” — coisas como empatia e até certo ponto mesmo a criatividade — são mais valiosas hoje em dia e podem representar pequena vantagem para as mulheres. O futuro pertence a pessoas com mentes andróginas, pessoas com capacidade analítica, mas também artística e de empatia.

**P:** Será mesmo verdade? As pessoas não se sentem mais à vontade com as atitudes tradicionais de seus gêneros?

**Pink:** Bem, veja só o caso das forças armadas dos EUA, em geral, uma profissão masculina. Temos muitas mulheres servindo nas Forças Armadas, e as tarefas atuais que os soldados devem realizar às vezes envolvem um conjunto mais sofisticado de conhecimentos. Devem entender a cultura local; exercer missões de paz — e manter a paz é bem diferente de ir diretamente para combate. Para mim, todos os homens têm alguma capacidade de pensar de maneira andrógina, e os que não estiverem dispostos a desenvolvê-la terão dificuldades.

**P:** Uma das mudanças vinculadas de alguma forma à globalização é o uso disseminado de celulares, da internet, até mesmo de jogos de computador. Como entretenimento, esses fenômenos estão realmente ligados à economia globalizada?

**Pink:** É difícil dizer. Mas até mesmo *videogames*, como qualquer outra forma de entretenimento, podem se tornar uma língua franca que permeie culturas. Mesmo a conectividade constante de telefones celulares pode ser relacionada com a globalização, embora seja um parente um tanto distante.

**P:** Em seu livro, o senhor afirma que a globalização parece ter levado à busca cada vez maior de espiritualidade nos Estados Unidos. Qual o motivo?

**Pink:** Há enorme evidência de que acima de um nível relativamente modesto, mais dinheiro não cria tanta satisfação e felicidade na vida, e o que nos traz satisfação e felicidade, no final das contas, são bens não monetários: satisfação no trabalho, relacionamentos íntimos, uma vida com sentido. Em minha opinião, à medida que mais pessoas se libertem da luta pela sobrevivência, haverá mais pessoas podendo se dar ao luxo de buscar sentido, finalidade e transcendência na vida.

Veja o trabalho do ganhador do Prêmio Nobel de Economia Robert William Fogel, falando sobre “o quarto grande despertar”. Ele discorre sobre como a busca de auto-realização se expandiu de uma pequena fração do planeta para abranger muito mais pessoas, especialmente no mundo desenvolvido. Outros chamam isso de “busca de sentido” — partes do planeta passaram da “busca material” para a “busca de sentido”. Ronald Inglehart da Universidade de Michigan se refere a isso como mudança de valores materialistas para valores pós-materialistas. Penso que há certo luxo decorrente

da boa situação material traduzindo-se em liberação das pessoas para que busquem algo mais.

**P:** Em seu livro mais recente, *Free Agent Nation*, o senhor disse que a mão-de-obra globalizada consistirá mais e mais de pessoas trabalhando por conta própria. O que quis dizer com isso?

**Pink:** Defino agente independente como alguém que trabalha sem vínculo com uma grande organização — um *freelancer*, um proprietário único de empresa, o operador de uma microempresa. Essa forma de trabalho está se tornando mais comum devido à tecnologia, à mudança radical no contrato social entre pessoas físicas e organizações e à mudança estrutural dentro das próprias organizações, em parte pela busca de sentido já mencionada.



(Damian Dovarganes/ AP/WWP)

O pequeno empresário Rafael Cardenas trabalha em seu site [elgofero.com](http://elgofero.com) a partir de sua residência em Los Angeles

**“Os caçadores de talento agora têm acesso a um mercado de trabalho que não é só local, é potencialmente mundial, muito embora esse processo esteja apenas começando”**

Essas são as forças que estão induzindo muitas pessoas a pular fora do barco corporativo e lançar-se à luta sozinhas ou fazendo com que outras sejam empurradas do barco. E a relação de tudo isso com a globalização está na mobilidade que ela propicia aos indivíduos. Há pessoas que trabalham para empresas da América do Norte e talvez morem na Europa ou em outros lugares do mundo. Os caçadores de talento agora têm acesso a um mercado de trabalho que não é só local, é

potencialmente mundial, muito embora esse processo esteja apenas começando. Em minha opinião, à medida que as economias evoluírem, mais e mais pessoas em todo o mundo procurarão inventar sua própria maneira de trabalhar em vez de se ligar permanentemente a uma organização. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.



*“Trabalhar em casa é uma benção relativa”*

Danny Shanahan/ cartoonbank.com/ © The New Yorker Collection 2000 Todos os direitos reservados

# A CULTURA AMERICANA É REALMENTE “AMERICANA”?

RICHARD PELLIS



*Richard Pellis é professor de História da Universidade do Texas em Austin. É autor de três livros: Radical Visions and American Dreams: Culture and Social Thought in the Depression Years; The Liberal Mind in a Conservative Age: American Intellectuals in the 1940s and 1950s; e Not Like Us: How Europeans Have Loved, Hated, and Transformed American Culture Since World War II. Atualmente está escrevendo From Modernism to the Movies: The Globalization of American Culture in the Twentieth Century. Pellis atuou seis vezes como conferencista sênior e coordenador acadêmico, bem como professor visitante, de programas da Fulbright, em universidades de diversos países como Holanda, Dinamarca, Alemanha, Áustria, Finlândia, Brasil, Austrália e Indonésia.*

Desde o começo do século 20, pessoas de outros países sentem-se incomodadas com o impacto global da cultura americana. Em 1901, o escritor britânico William Stead publicou um livro que chamou diabolicamente de *A Americanização do Mundo*. O título expressava uma série de apreensões — sobre o

desaparecimento de idiomas e tradições nacionais e a destruição da “identidade” específica de um país sob o peso dos hábitos e estados de espírito americanos — que persistem até hoje.

Ultimamente a globalização tem sido o maior inimigo dos acadêmicos, jornalistas e ativistas políticos que abominam o que vêem como uma tendência à uniformização cultural. Para a maioria deles, cultura global é sinônimo de cultura americana. E continuam repetindo que Hollywood, McDonald’s e Disneylândia estão erradicando as peculiaridades locais e regionais — disseminando imagens e mensagens subliminares tão arditas que sufocam as vozes antagônicas em outras terras.

Apesar dessas alegações, o relacionamento cultural entre os Estados Unidos e o resto do mundo nos últimos cem anos nunca foi unilateral. Pelo contrário, os Estados Unidos foram — e continuam sendo — tanto um consumidor de influências artísticas e intelectuais estrangeiras quanto um modelador de gostos e entretenimento no mundo.

De fato, por serem uma nação de imigrantes desde o século 19, os Estados Unidos têm recebido e exportado cultura global na mesma proporção. A influência dos imigrantes nos Estados Unidos explica por que sua cultura é tão popular há tanto tempo em tantos lugares. A cultura

americana difundiu-se pelo mundo porque incorporou estilos e idéias de outros países. O que os americanos fizeram melhor que seus concorrentes estrangeiros foi reembalar os produtos culturais recebidos de fora e retransmiti-los para o resto do planeta. É por isso que a cultura de massa global acabou se identificando, embora de maneira simplista, com os Estados Unidos.

Os americanos, no entanto, não inventaram o fast food, os parques de diversão ou o cinema. Antes do Big Mac, havia os *fish and chips* (restaurantes britânicos que se tornaram conhecidos com a venda de filé de peixe com fritas em cones de jornal). Antes da Disneylândia, havia os Tivoli Gardens de Copenhague (usados por Walt Disney como protótipos para o seu primeiro parque temático em Anaheim, Califórnia, modelo posteriormente reexportado para Tóquio e Paris). E, nas primeiras duas décadas do século 20, os dois maiores exportadores mundiais de filmes foram a França e a Itália.

## A INFLUÊNCIA DO MODERNISMO

Assim, a origem dos entretenimentos internacionais atuais não pode ser atribuída unicamente aos circos de P. T. Barnum ou ao Show do Oeste Selvagem de Buffalo Bill. As raízes da nova cultura global também estão no ataque modernista europeu, no início do século 20, à literatura, à música, à pintura e à arquitetura do século 19 — em especial na recusa modernista de respeitar as fronteiras tradicionais entre alta e baixa cultura. O modernismo nas artes foi improvisado, eclético e irreverente. Esses traços também foram característicos da cultura popular americana.

Os artistas do início do século 20 desafiaram a noção de que a cultura era um meio de progresso moral ou intelectual. E o fizeram enfatizando o estilo e a habilidade artística em detrimento da filosofia, da religião ou da ideologia. Deliberadamente, chamaram a atenção para a linguagem em seus romances, para a óptica em suas pinturas, para os materiais e a função de sua arquitetura, para a estrutura da música em vez de suas melodias.

Embora o modernismo tenha sido um movimento principalmente europeu, ele sem querer acelerou o crescimento da cultura de massa nos Estados Unidos. O surrealismo, com suas associações fantasiosas, prestou-se facilmente ao jogo de palavras e ao simbolismo psicológico encontrados em propagandas, charges e parques temáticos. O dadaísmo ridicularizou o esnobismo das instituições culturais de elite e reforçou um apetite já existente (sobretudo entre o público de imigrantes nos Estados Unidos) por espetáculos de “classe baixa” em cinemas baratos de má reputação e vaudevilles. Os experimentos de Stravinsky com música atonal não ortodoxa validaram as inovações rítmicas do jazz americano.

O modernismo forneceu as bases para uma cultura genuinamente nova. Mas essa nova cultura acabou não sendo

**“A influência dos imigrantes nos Estados Unidos explica por que sua cultura é tão popular há tanto tempo em tantos lugares.”**

nem modernista nem européia. Em vez disso, os artistas americanos transformaram um projeto de vanguarda em um fenômeno global.



(Rene Macura/ ©AP/WWP)

Catherine Zeta-Jones, nascida no País de Gales, e Antonio Banderas, natural da Espanha, posam para fotos antes da estréia de “A Lenda do Zorro” em outubro de 2005

## POT-POURRI DE CULTURA POP

É na cultura popular que se pode ver melhor a relação recíproca entre os Estados Unidos e o resto do mundo. Há muitas razões para a ascendência da cultura de massa americana. Certamente a capacidade dos conglomerados de mídia americanos de controlar a produção e a distribuição de seus produtos foi importante incentivo para a difusão mundial do entretenimento americano. Mas o poder do capitalismo não é a única explicação, nem a mais relevante, para a popularidade global dos filmes e programas de televisão americanos.

A eficácia do inglês como língua de comunicação de massa foi essencial para a aceitação da cultura americana. Ao contrário do alemão, do russo ou do chinês, a estrutura e a gramática mais simples do inglês, junto com sua tendência a usar palavras mais curtas, menos abstratas e sentenças mais concisas, são vantajosas para compositores de letras de música, slogans de propaganda, legendas de charges, manchetes de jornais e diálogos de cinema e TV. O inglês é,

portanto, uma língua excepcionalmente apropriada para as demandas e a divulgação da cultura de massa americana.

Outro fator é a compleição internacional do público americano. A heterogeneidade da população americana — sua diversidade regional, étnica, religiosa e racial — forçou a mídia, desde os primeiros anos do século 20, a experimentar mensagens, imagens e enredos de grande apelo multicultural. Os estúdios de Hollywood, as revistas de grande circulação e as redes de televisão tiveram de aprender a comunicar-se com uma variedade de grupos e classes dentro do país. Com isso, adquiriram técnicas para atrair um público igualmente diverso no exterior.

**“A heterogeneidade da população americana... forçou a mídia, desde os primeiros anos do século 20, a experimentar mensagens, imagens e enredos de grande apelo multicultural.”**

verdade, uma forma de arte tão puramente americana como o jazz evoluiu durante o século 20 para um amálgama de música africana, caribenha, latino-americana e europeia modernista. Essa mistura de formas na cultura de massa americana aumentou sua atração para o público multiétnico nacional e internacional ao captar suas experiências e seus gostos diferentes.

## INFLUÊNCIAS EUROPÉIAS EM HOLLYWOOD

Em nenhum outro setor a influência estrangeira é mais inconfundível que na indústria cinematográfica americana. Para o bem ou para o mal, Hollywood tornou-se, no século 20, a capital cultural do mundo moderno. Mas ela nunca foi uma capital exclusivamente americana. Assim como os centros culturais do passado — Florença, Paris, Viena —, Hollywood funciona como uma comunidade internacional, construída por empresários imigrantes, que utiliza o talento de atores, diretores, escritores, diretores de fotografia, editores, compositores, figurinistas e cenógrafos de todas as partes do mundo.

Além disso, durante grande parte do século 20, os cineastas americanos viram-se como acólitos, fascinados pelas obras superiores dos diretores estrangeiros. Da década de 1940 até meados da década de 1960, por exemplo, os americanos veneraram diretores como Ingmar Bergman, Federico Fellini, Michelangelo Antonioni, François Truffaut, Jean-Luc Godard, Akira Kurosawa e Satyajit Ray.

No entanto, um dos paradoxos do cinema europeu e asiático é que seu maior sucesso foi justamente a produção de imitações americanas. Por volta dos anos 1970, os gênios mais novos — Francis Ford Coppola, Martin Scorsese, Robert Altman, Steven Spielberg, Woody Allen — eram americanos. Os americanos devem seus métodos de improvisação e suas preocupações autobiográficas ao neo-realismo italiano e à *Nouvelle Vague* francesa. Mas o uso dessas técnicas revolucionou o cinema nos Estados Unidos, e ficou ainda mais difícil para a indústria cinematográfica de qualquer outro continente alcançar a popularidade mundial dos filmes americanos.

Ademais, os diretores americanos de qualquer época imitavam artistas e cineastas estrangeiros, prestando muita atenção ao estilo e às qualidades formais de um filme, bem como à necessidade de contar uma história visualmente. Os pintores europeus do início do século 20 queriam que os observadores reconhecessem que estavam olhando para linhas e cores em uma tela, não para uma reprodução do mundo natural. Do mesmo modo, muitos filmes americanos — dos múltiplos narradores de *Cidadão Kane*, à cena em tela dividida mostrando como dois amantes imaginam sua relação em *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa*, à quebra da cronologia de cenas passadas e futuras em *Pulp Fiction - Tempo de Violência* — deliberadamente fazem o público



(Jennifer Graylock/ ©AP/WWP)

O neozelandês Peter Jackson, diretor da trilogia “O Senhor dos Anéis”, segura o boneco articulado original do King Kong, utilizado para efeitos especiais no filme de 1933, na estréia mundial de seu filme mais recente, “King Kong”

Uma maneira importante com qual a mídia americana conseguiu transcender as divisões sociais internas, as fronteiras nacionais e as barreiras da língua foi misturando estilos culturais. Os músicos e os compositores americanos seguiram o exemplo de artistas modernistas como Picasso e Braque e utilizaram elementos da alta e da baixa cultura. Aaron Copland, George Gershwin e Leonard Bernstein incorporaram melodias folclóricas, hinos religiosos, blues, gospel e jazz em seus concertos, sinfonias, óperas e balés. Na

lembrar-se de que está assistindo a um filme, não a uma versão fotografada da realidade. Os cineastas americanos (não apenas no cinema, mas também na MTV) querem usar as técnicas mais sofisticadas de filmagem e edição, inspirados em grande parte pelos diretores estrangeiros, para criar uma colagem modernista de imagens que expresse a velocidade e a sedução da vida no mundo contemporâneo.

A dependência de Hollywood da pirotecnia visual modernista é mais evidente no estilo predominantemente não verbal de muitos de seus atores contemporâneos. Depois da atuação revolucionária de Marlon Brando em *Um Bonde Chamado Desejo*, nos palcos em 1947 e no cinema em 1951, o modelo de interpretação americano tornou-se inarticulado — uma introspecção reflexiva que não se encontra nos heróis e heroínas de fala frenética e superficial das comédias malucas (*screwball comedies*) e dos filmes de gângster da década de 1930.



(©AP/WWP)

O ator americano Marlon Brando, adepto do “método Stanislavsky”, e a atriz britânica Vivien Leigh em “Um Bonde Chamado Desejo”

Brando foi treinado no “método”, técnica de interpretação originalmente desenvolvida no Teatro de Arte

**“A recusa a intimidar o público com uma mensagem social explica, mais do que qualquer outro fator, a popularidade mundial do entretenimento americano.”**

de Moscou por Stanislavsky na Rússia pré-revolucionária. O “método” incentivava os atores a improvisar, trazer à tona memórias e sentimentos íntimos da infância, em geral em detrimento do que um dramaturgo ou roteirista pretendia. Assim, o poder emocional da interpretação americana — exemplificado por Brando e seus

sucessores — está concentrado sobretudo no que não é dito, na exploração de paixões que não poderiam ser comunicadas por palavras.

A influência do “método”, não apenas nos Estados Unidos, mas também no exterior, onde se refletiu no estilo de interpretação de Jean-Paul Belmondo e Marcello Mastroianni, é exemplo clássico de como uma idéia estrangeira, originalmente destinada aos palcos, foi adaptada para o cinema nos Estados Unidos pós-guerra e transmitida para o resto do mundo como um paradigma para o comportamento cinematográfico e social. E, o mais importante, a despreocupação do ator adepto do “método” com a língua e a dependência de maneirismos físicos e mesmo do silêncio ao interpretar um papel permitem que o público do mundo todo — mesmo aqueles não muito versados em inglês — entenda e aprecie o que está assistindo nos filmes americanos.

## RELAÇÕES HUMANAS

Por fim, a cultura americana imitou não apenas a extravagância visual dos modernistas, mas também sua tendência a ser apolíticos e antiideológicos. A recusa a intimidar o público com uma mensagem social explica, mais do que qualquer outro fator, a popularidade mundial do entretenimento americano. Os filmes americanos, em particular, têm geralmente focado as relações humanas e os sentimentos pessoais, não os problemas de um determinado tempo ou lugar. Contam histórias de amor, intriga, sucesso, fracasso, conflitos morais e sobrevivência. Os filmes mais memoráveis da década de 1930 (com exceção de *As Vinhas da Ira*) foram comédias e musicais sobre pessoas diferentes que se apaixonam, não filmes voltados para questões sociais como pobreza e desemprego. Do mesmo modo, os melhores filmes sobre a Segunda Guerra Mundial (como *Casablanca*) ou sobre a Guerra do Vietnã (como *O Franco-Atirador*) permanecem na mente por muito tempo após o fim desses conflitos porque exploram as emoções mais íntimas de seus personagens, não os eventos destacados nas manchetes.

Esses dilemas tão intensamente pessoais são vividos por pessoas de todos os lugares. Assim, europeus, asiáticos e latino-americanos embarcaram no *Titanic*, como já haviam feito com *...E o Vento Levou*, não porque esses filmes celebravam os valores americanos, mas porque pessoas de todos os cantos do mundo podiam ver uma parte de sua própria vida refletida nas histórias de amor e de morte.

A cultura de massa americana sempre foi crua e intrusiva,



(Greg Baker ©AP/WWP)

Mulher chinesa compra entradas para o filme "Titanic" em cinema de Pequim



(John D. Mchugh ©AP/WWP)

Cada um dos filmes "Cidade de Deus" (2004) e o "O Jardineiro Fiel" (2005), do diretor brasileiro Fernando Meirelles, recebeu quatro indicações para o Oscar

e seus críticos sempre reclamaram. Mas a cultura americana nunca sentiu toda essa estranheza nos estrangeiros. E, melhor ainda, ela transformou o que recebeu dos outros em uma cultura que qualquer pessoa, em qualquer lugar, pode abraçar — uma cultura que é emocional e, às vezes, artisticamente irresistível para milhões de pessoas no mundo inteiro.

Então, apesar do ressurgimento do antiamericanismo — não apenas no Oriente Médio, mas também na Europa e na América Latina —, é importante reconhecer que os filmes, os programas de televisão e os parques temáticos americanos foram menos "imperialistas" que cosmopolitas. No fim, a cultura de massa americana não transformou o mundo em uma réplica dos Estados Unidos. Pelo contrário, a dependência americana das culturas estrangeiras é que fez dos Estados Unidos uma réplica do mundo. ■

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# CONSIDERAÇÕES DE UMA EUROPÉIA SOBRE A INFLUÊNCIA DA CULTURA AMERICANA

JESSICA C.E. GIENOW-HECHT



*Jessica C.E. Gienow-Hecht leciona História na Universidade Johann Wolfgang Goethe de Frankfurt am Main. Seu primeiro livro, Transmission Impossible: American Journalism as Cultural Diplomacy in Postwar Germany, 1945-55, dividiu o Prêmio Stuart Bernath de melhor primeiro livro de história diplomática. Seu segundo livro, Sound Diplomacy: Music and Emotions in German-American Relations Since 1850, será publicado pela editora da Universidade de Chicago. Ela já lecionou na Universidade de Virgínia, na Universidade de Bielefeld, na Universidade Martin-Luther de Halle-Wittenberg e na Universidade de Harvard.*

**N**o filme *Os Deuses Devem Estar Loucos*, de 1981, ao voar sobre o deserto de Kalahari, em Botsuana, um piloto deixa cair no meio de uma tribo africana uma garrafa vazia de coca-cola. Na mesma hora, os nativos vêem a garrafa como uma dádiva dos deuses. Mas “a dádiva” muda para pior as tradições e costumes sociais de seu mundo. Por fim, os nativos mandam um membro da tribo jogar a garrafa num local que eles acreditam ser o fim da terra.

O filme dá uma idéia do que ficou sendo conhecido como “O Grande Debate”. Será que os americanos são

“imperialistas culturais” que conquistam e corrompem o resto do mundo espalhando cultura popular em todo lugar?

É verdade, como escreve Richard Pells, que muito do que constitui a atual cultura popular americana originou-se de uma mistura de influências estrangeiras durante o século 20. Mas isso não explica porque tantas pessoas em todo o mundo criticam tanto o que vêem como “imperialismo cultural americano”. Nem explica porque essa idéia ganhou tamanha força ao longo do século passado. Se quisermos entender melhor essa noção, precisamos considerar tanto a composição da cultura americana e sua influência no estrangeiro – como o faz Pells – quanto sua recepção pelos não-americanos.

## PANORAMA HISTÓRICO

O fato de uma nação cujas transferências culturais se tornaram tão polêmicas ter começado com pouco interesse na exportação de cultura é um paradoxo curioso da história americana. Historicamente, os americanos consideraram em primeiro lugar seu sistema político como qualidade distintiva, e não seus poetas, artistas e romancistas. Em geral, eles vêem sua cultura popular mais como fonte de entretenimento privado que como instrumento de política externa. Jamais pensaram seriamente em estabelecer um departamento de cultura no governo federal. Em 1938, o

Departamento de Estado criou uma Divisão de Relações Culturais, mas muitas autoridades dos EUA criticaram o uso da cultura como ferramenta diplomática. Ainda hoje, a maioria dos americanos acredita que a cultura pertence à esfera da criatividade, do gosto público e da livre iniciativa, não ao governo.

No entanto, a situação mudou após a Segunda Guerra Mundial. Durante a Guerra Fria, os diplomatas americanos decidiram que os Estados Unidos precisavam defender o estilo de vida americano no estrangeiro. Numa época em que a União Soviética buscava exportar o comunismo, as personalidades públicas, bem como os formuladores de políticas, procuravam exercer maior influência no mundo inteiro por meio da cultura. Nos anos seguintes ao Dia da Vitória na Europa, o governo americano criou uma série de organizações e programas, como a Agência de Informações dos Estados Unidos e o programa de intercâmbio Fulbright, que transmitiam informações sobre a cultura americana.



(Anjum Naveed/ ©AP/WWP)

O embaixador americano no Paquistão, Ryan Crocker, conversa com bolsistas Fulbright, em abril de 2005

Analisando a questão objetivamente, os Estados Unidos não foram, na verdade, a primeira nação a exportar seu modo de vida. Desde a Renascença as potências europeias fomentavam uma variedade de programas de intercâmbio cultural. Os britânicos na Índia e no Oriente Médio, os alemães na África e os franceses na Indochina, todos eles enviaram sua cultura para o exterior como ferramenta poderosa para fortalecer os negócios, o comércio e a influência política, bem como para recrutar elites para seus próprios fins. Um estudo elaborado pela Unesco em 1959 revelou que mais da metade dos 81 Estados questionados, incluindo todos os maiores, tinha programas oficiais de relações culturais. Algumas das atividades atuais da Comunidade Européia baseiam-se em diplomacia cultural coletiva – ou seja, a criação de organizações para promover idiomas e intercâmbio de informações culturais.

A Argentina, o México, o Egito, a Suécia e a Índia exportam, tradicionalmente, sua mídia para os países adjacentes. Além disso, a aquisição de estúdios cinematográficos de Hollywood nos últimos anos por corporações com sede no estrangeiro levantou a questão sobre se os americanos não teriam passado de “imperialistas

culturais” a vítimas do controle de empresas. Porém, mesmo que os Estados Unidos não tenham sido a primeira nação a exportar seu modo de vida, os críticos estrangeiros têm concentrado constantemente nessa nação seus temores sobre o futuro.

Nas décadas de 1970 e 1980, por exemplo, a Europa Ocidental viu o surgimento de protestos antiamericanos, grupos de paz e manifestações de massa contra a presença militar americana. Na Europa, esse antiamericanismo logo atingiu os assuntos culturais. Segundo os críticos, os produtos americanos exerciam entre os consumidores influência que ia além de sua popularidade. Os bens dos EUA pareciam dominar não somente os mercados externos como também as mentes estrangeiras. Para diversos intelectuais europeus a cultura de massa, os filmes de Hollywood e o comercialismo pareciam ameaçar a soberania européia, as tradições e uma ordem social baseada na cultura impressa. A cultura de massa também parecia toldar as distinções sociais, superar os limites do Estado-nação e disseminar o mercado capitalista.

Contudo, o que as pessoas falam dos outros nos revela mais coisas sobre elas próprias que sobre os outros. O que as pessoas no mundo inteiro pensam da cultura americana pode nos revelar muito mais sobre elas próprias que sobre os Estados Unidos.

## CULTURA E GLOBALIZAÇÃO

Atualmente, muitos políticos e críticos culturais de todo o mundo lamentam o influxo de filmes dos EUA. Os representantes europeus, por exemplo, estão preocupados com sua diferenciação cultural e o temor de já terem perdido boa parte do seu público para os produtos americanos. Em entrevista concedida em 1991, sob o título “Quanto mais alto o satélite, mais baixa a cultura” o ex-ministro francês da Cultura, Jack Lang, condenou com veemência o imperialismo cultural dos EUA. Esse tipo de crítica não é novo. Na década de 1970, o professor chileno Armand Mattelart e o romancista e crítico Ariel Dorfman haviam escrito um influente panfleto intitulado *Para leer al pato Donald (literalmente, Para ler o pato Donald)*, que denunciava de forma eloqüente a visão distorcida de Hollywood sobre a realidade e defendia que o povo chileno libertasse sua cultura.

Minúsculas nações, povos distantes e tribos desconhecidas ganham espaço nas manchetes dos jornais internacionais por meio de clamorosos protestos contra as influências ocidentais. Dizem que, da Islândia à América Latina, da África Central às Filipinas, representantes deploram o fim de suas culturas devido à crescente influência da televisão e da cultura anglo-americanas.

De muitas maneiras, no entanto, a idéia de um “imperialismo cultural americano” revela-se inadequada. O sociólogo americano John Tomlinson ponderou que esse fenômeno pode ser apenas a disseminação da modernidade, um processo de perda de culturas locais, não de expansão cultural. O progresso tecnológico e econômico global e a

integração simplesmente reduzem a importância da cultura nacional. É um engano, portanto, culpar qualquer nação pelo desenvolvimento da cultura em nível mundial. Ao contrário, todos os países são afetados por uma mudança cultural global.

O termo “globalização” tem potencial para, no futuro, receber as críticas hoje endereçadas ao imperialismo cultural dos EUA. A globalização refere-se tanto à compressão do mundo quanto à crescente percepção da terra como um conjunto orgânico. Embora muitas pessoas falem da globalização como um simples fenômeno econômico, ele é multidisciplinar em suas causas e efeitos. Esse termo um tanto vago inclui muitas características de modernização, como a disseminação do capitalismo ocidental, a tecnologia e a lógica científica. A ideia central continua sendo, porém, a de que culturas e sociedades não coincidem necessariamente com os limites do Estado-nação. Em outras palavras, os Estados Unidos podem não ser responsáveis pela disseminação da moderna cultura de massa.

Nas últimas décadas, boa parte das críticas internacionais sobre o “imperialismo cultural” passou de uma postura antiamericana para um nível mais global, sem um inimigo identificável. Mesmo os principais críticos dos Estados Unidos ajustaram as recriminações anteriores ao novo quadro. Já em 1980, Armand Mattelart alertou sobre o grande e inadequado uso da noção de “imperialismo cultural”. Ele ressaltou que o termo não implicava nenhuma conspiração externa, podendo ser promovido apenas por uma combinação de forças internacionais e nativas (da elite).

Se o conceito do domínio cultural dos EUA é tão questionável, por que então o antiamericanismo cresceu tanto em quase todos os lugares nas décadas passadas e mesmo atualmente? Com frequência, as razões têm menos a ver com os Estados Unidos que com os próprios autores dos protestos. Em certo sentido, não existe nenhum antiamericanismo cultural, mas apenas uma variedade de manifestações muito heterogêneas desse fenômeno, condicionadas por preocupações geográficas e ciclos históricos. A forma e o conteúdo do fenômeno diferem não apenas de acordo com dimensões espaciais como também com dimensões temporais: cada época e cada grupo têm formas próprias de antiamericanismo. No século 20, boa parte dessa desaprovação estava centrada no aspecto econômico das exportações culturais dos EUA. No século 21, parece que as pessoas do mundo inteiro se preocupam mais com as implicações políticas globais do poder americano.

*"De muitas maneiras, no entanto, a ideia de um "imperialismo cultural americano" revela-se inadequada."*

Na Guerra Fria, o antiamericanismo francês teve origem nas divergências entre comunismo e socialismo. Debates públicos denunciavam o expansionismo americano, a Otan e o que era visto como influência corruptora da arte americana, todas horrorizando as elites francesas, mas não a massa de eleitores. Em vez disso, o “estilo de vida americano” fascinava uma

geração de jovens franceses apaixonados pelo consumismo, melhores padrões de vida e crescimento econômico.

O caso francês é instrutivo, pois põe em evidência o paradoxo mais fundamental do antiamericanismo cultural: a qualquer momento no tempo, essa crítica era e é impensável sem o outro lado da moeda, o filoamericanismo. A tensão entre os dois representa a própria condição necessária para sustentar a existência de ambos: grandes expectativas e amarga desilusão andam sempre juntas.

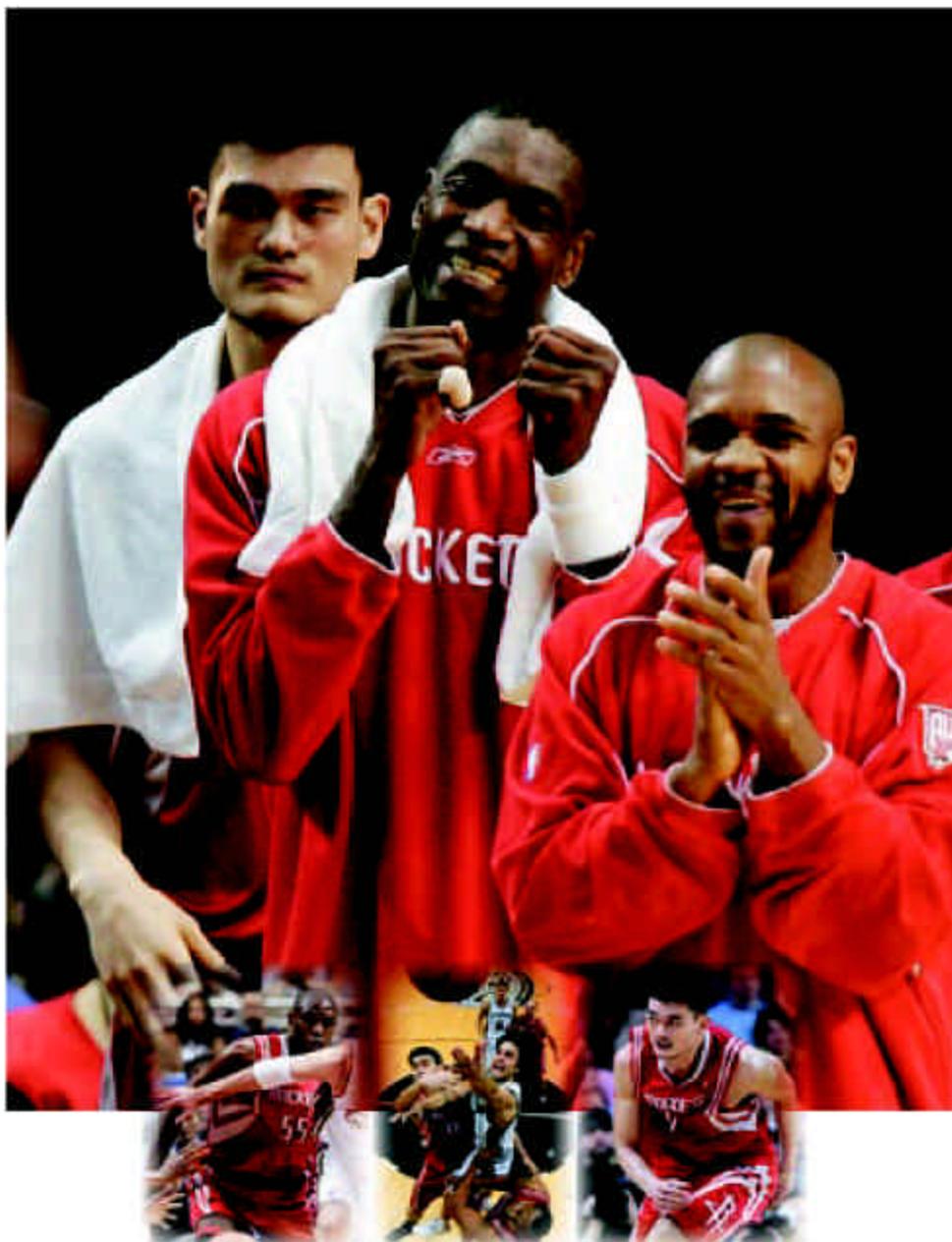
Além disso, os Estados mais poderosos vivenciaram a lição histórica básica de que o poder gera suspeita, e quanto maior o poder exercido por uma nação dominante, tanto maior será o antagonismo das outras nações. No intervalo entre as duas guerras mundiais e mesmo nos primeiros anos da Guerra Fria, vários observadores políticos e culturais entenderam esse aspecto e alertaram os formuladores de políticas dos EUA para as consequências dessa evolução. À medida que os Estados Unidos se tornaram superpotência mundial, era inevitável que as pessoas no exterior, nas palavras do teólogo americano, Reihold Niebuhr, “odiassem os que têm poder sobre elas”. E isso é verdade tanto em termos culturais quanto políticos. Ao ponderar sobre o futuro da globalização e o papel a ser desempenhado pelos Estados Unidos nesse contexto, talvez seja bom nos lembrarmos das palavras desse sábio. ■

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# SUCESSO EM TODO O MUNDO

**N**o mundo globalizado de hoje, a fama de alguém não está confinada a seu país natal. Astros de cinema, músicos, atletas, designers e empresários estão entre os numerosos grupos de pessoas que fazem muito sucesso compartilhando seu talento e cultura singulares com a comunidade global. As seguintes apresentações ilustradas com fotos destacam algumas dessas personalidades, muitas das quais já usaram sua fama para melhorar a vida de outras pessoas menos afortunadas. Por exemplo, o conhecido astro do basquete congolês e ativista humanitário, Dikembe Mutombo, abaixo, doou milhões [de dólares] para abrir o primeiro posto de saúde moderno em Kinshasa, República Democrática do Congo. Mutombo, da equipe de basquete Houston Rockets, tem a seu lado os colegas de equipe, o astro chinês Yao Ming e o americano David Wesley. (Todas as imagens: © AP/WWP)





Bono, o astro irlandês do rock e vocalista do U2, apresenta-se para a multidão na primeira das cinco noites de lotação esgotada no Madison Square Garden na cidade de Nova York. Em 2006, o U2 ganhou cinco prêmios Grammy, a maior premiação da indústria musical americana. Além de sua fama musical, Bono é conhecido internacionalmente por ajudar na luta contra a disseminação do HIV/Aids na África.

A atriz de Bollywood Neha Dhupia e o ator paquistanês Moammar Rana posam durante a divulgação de seu próximo filme *Kabhi Pyar Na Karna* (Never Fall in Love). O Bollywood indiano, trocadilho com a palavra Hollywood, é a indústria cinematográfica mais prolífera do mundo, produzindo centenas de filmes por ano que são vistos por centenas de milhões de pessoas no mundo todo. Muitos dos grandes astros, estrelas, diretores e produtores de Bollywood uniram seus esforços para levantar fundos para as vítimas do tsunami em 2005.



O jardineiro do New York Yankees Hideki Matsui (à esquerda) e Ichiro Suzuki (à direita), que joga em igual posição no Seattle Mariners, transferiram-se com sucesso do Japão para se tornarem jogadores da liga principal de estrelas do beisebol nos Estados Unidos. De acordo com o site mlb.com, 29,2% dos jogadores da liga principal de beisebol constantes das relações no dia da abertura dos jogos em 2005 nasceram fora dos Estados Unidos. Esses jogadores representam 15 países estrangeiros, Porto Rico e as Ilhas Virgens.

O renomado diretor e produtor Stephen Spielberg, a atriz Michelle Yeoh, da Malásia, e o ator japonês Ken Watanabe comparecem à estréia de *Memórias de uma Gueixa*. Yeoh estrelou os filmes *O Tigre e o Dragão* e *O Amanhã Nunca Morre*. Os créditos de Spielberg incluem campeões de audiência como *Indiana Jones* e a série *Jurassic Park*. Watanabe também atuou em *O Último Samurai*.



A atriz francesa Audrey Tautou tornou-se estrela internacional por sua atuação na ficção romântica de Jean-Pierre Jeunet *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain*. Ela também foi a protagonista de *Eterno Amor*, co-produção franco-americana.

Durante as décadas de 1950, 60 e 70, o jogador de futebol Pelé atuou em quatro Copas do Mundo na seleção brasileira de futebol e marcou 1.280 gols numa carreira com o total de 1.360 jogos. Ele é uma lenda viva no Brasil e reconhecido para sempre como o homem que tornou o futebol conhecido nos Estados Unidos. Além disso, vem realizando um grande trabalho para a causa das crianças por meio do Unicef.



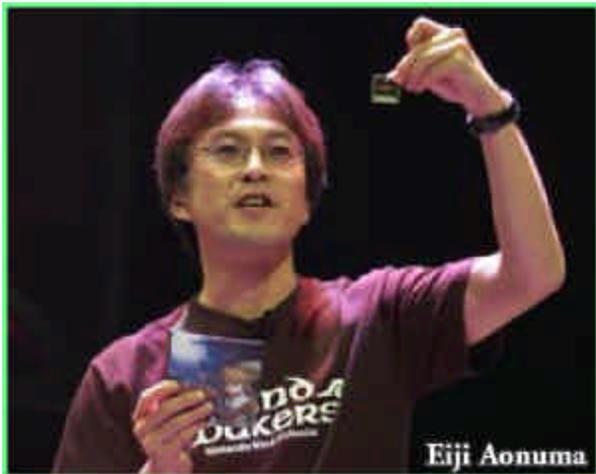
Os filmes de Jackie Chan combinam com frequência o humor escrachado com ações de alta tensão envolvendo artes marciais. Chan, no mesmo estilo de Yeoh, realiza suas próprias acrobacias. Entre seus créditos cinematográficos estão: *Polícia em Fúria*, *A Hora do Rush*, *A Hora do Rush 2* e *Bater ou Correr*. Jackie Chan também é embaixador da Boa Vontade do Unicef e contribuiu com US\$ 65 mil para ajudar as vítimas do tsunami.



A cantora e atriz Björk é a personalidade pop mais famosa e controvertida da Islândia. Ela recebeu o prêmio de melhor atriz no Festival de Cinema de Cannes em maio de 2000 por seu papel em *Dançando no Escuro*. O filme também lhe deu a indicação ao Oscar de melhor canção para "I've Seen It All". Björk também se apresentou no concerto *Live 8* realizado no Japão para angariar recursos para a África. Seu álbum *Army of Me* foi lançado em benefício das vítimas do tsunami asiático.



Eiji Aonuma, de nacionalidade japonesa, é designer e diretor de videogames como a popular série da Nintendo, *A Lenda de Zelda*. O fato de muitos videogames serem interativos, divertidos e com tendência a apelar à natureza competitiva das pessoas contribui para sua popularidade internacional. Muitos deles oferecem aos jogadores a opção de jogar sozinhos contra o computador, contra seus amigos ou on-line contra outros jogadores em qualquer lugar do mundo.



Maria Rita, vencedora do Grammy, é filha da cantora brasileira Elis Regina, já falecida, e do pianista, compositor e arranjador dos estilos musicais jazz e pop, César Camargo Mariano. Seu CD de estréia lançado em 2003, tendo por título seu nome, conquistou não só elogios da crítica e do público como também o Grammy latino em três categorias, inclusive de revelação do ano, melhor álbum de MPB (Música Popular Brasileira) e melhor canção brasileira. *O New York Times* chamou-a de "o maior fenômeno da música popular brasileira dos últimos anos".



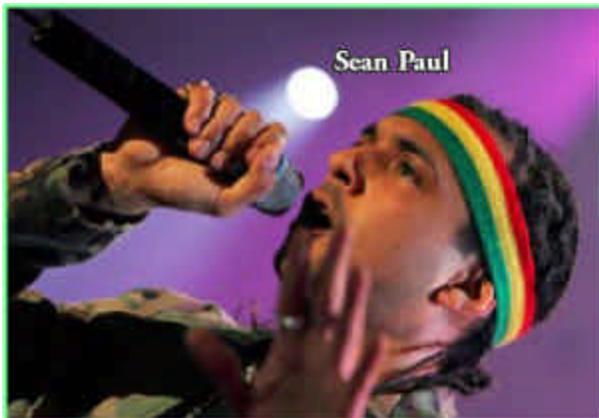


A música da banda System of a Down, de Los Angeles, foi descrita como uma combinação de elementos do gótico e do funk com som cortante que agrada a fãs bem jovens e letras que atraem os de 20 e poucos anos. Todos os componentes da banda são de origem armênia, tendo dois deles nascido no Líbano, um na Armênia e outro na Califórnia.

A cantora colombiana Shakira firmou-se como estrela internacional com uma mistura inovadora dos estilos pop e rock. Ela ganhou um Grammy por seu desempenho de melhor cantora de música pop (“Ojos Asi”) na premiação inaugural do Grammy latino em 2000. Seu status de *superstar* foi confirmado no ano seguinte quando seu álbum “Laundry Service” foi classificado entre os 5 mais da parada de música pop americana.

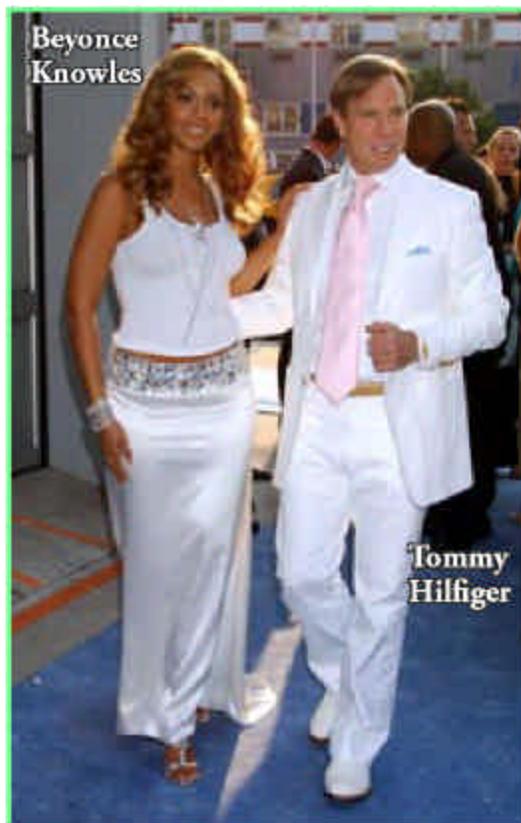
Seiji Horibuchi, fundador da Viz Communications e editor da revista Shonen Jump, posa ao lado de vários personagens de revista em quadrinhos e de animação na entrada dos escritórios de sua empresa em São Francisco. Animação, brinquedos e videogames japoneses são populares no mundo todo porque englobam apreciadores de todos os sexos e idades. Histórias de quadrinhos chamados “mangás” e animações japonesas conhecidas como “anime” estão passando rapidamente de um nicho de mercado para um fenômeno de massa nos Estados Unidos.





O lançamento de "Baby Girl" de Sean Paul em 1996 foi o primeiro de uma série de indiscutíveis sucessos estrondosos, evidenciando que o autêntico reggae jamaicano de salão poderia ser adotado como música popular em escala global. Seu álbum *Dutty Rock*, que lhe valeu Disco Duplo de Platina, vendeu quase seis milhões de cópias no mundo todo e recebeu vários prêmios de prestígio, inclusive o Grammy de melhor álbum de reggae em 2004.

A cantora Beyoncé Knowles e o guru da moda Tommy Hilfiger comparecem a uma festa de lançamento de uma nova fragrância da marca Hilfiger. Beyoncé, nascida em Houston, Texas, é compositora de talento e canta em francês e em inglês. Ganhadora de vários prêmios Grammy, muitas vezes se apresenta em concertos beneficentes, como o realizado em 2003 na África do Sul em prol do combate à Aids. Em uma verdadeira empresa familiar, seu pai atua como seu empresário e a mãe como figurinista. Nascido em Elmira, Nova York, o designer Hilfiger transformou o que no início era somente uma empresa especializada em jeans e roupas esportivas masculinas em império global de meio bilhão de dólares, que abrange roupas femininas, infantis, sapatos, óculos, perfumes e mobília para casa.



Gérard Depardieu é indiscutivelmente o maior ator da França na atualidade. Representou vários papéis no teatro e no cinema, inclusive Cyrano de Bergerac, o Conde de Monte Cristo, Napoleão e o personagem de quadrinhos Obelix, além de ter atuado em filmes americanos como *O Homem da Máscara de Ferro* e *Green Card - Passaporte para o Amor*. Ele também será protagonista de *Knights of Manhattan* de Sam Weisman, anunciado para 2006.

# GLOBALIZAÇÃO, DIREITOS HUMANOS E DEMOCRACIA

DANIEL GRISWOLD



*Daniel Griswold é diretor do Centro de Estudos de Políticas Comerciais do Instituto Cato em Washington, D.C. e autor de muitos estudos e artigos sobre comércio, imigração e globalização, incluindo o estudo de janeiro de 2004 "Trading Tyranny for Freedom: How Open Markets Till the Soil for Democracy" [Trocando tirania por liberdade: como os mercados abertos preparam o terreno para a democracia], disponível no site: [www.freetrade.org](http://www.freetrade.org).*

Quando se discutem comércio e globalização no Congresso dos EUA ou na mídia americana, o foco é quase totalmente voltado para o impacto econômico interno – na indústria, nos empregos e nos salários. Entretanto, comércio é algo mais do que exportar soja e máquinas-ferramentas. Significa também exportar liberdade e democracia.

Desde 11 de setembro de 2001, o governo Bush tem defendido a idéia de que o comércio pode e deve desempenhar um papel na promoção da democracia e dos direitos humanos no resto do mundo. Em pronunciamento em abril de 2002, o presidente Bush declarou: "O comércio cria hábitos de liberdade", e esses hábitos "começam a gerar expectativas de democracia e demanda por instituições democráticas melhores. Sociedades que são abertas ao comércio externo são mais abertas à democracia no âmbito interno."

## COMÉRCIO, DESENVOLVIMENTO E REFORMA POLÍTICA

A ligação entre comércio, desenvolvimento e reforma política não se resume a uma associação casual. Na teoria e na prática, as liberdades política e econômica se reforçam mutuamente. Filósofos políticos, de Aristóteles a Samuel Huntington, observaram que o desenvolvimento econômico e uma classe média em expansão podem proporcionar terreno mais fértil para a democracia.

O comércio e a globalização podem incentivar a reforma política aumentando a liberdade do povo para exercer maior controle sobre seu cotidiano. Em países menos desenvolvidos, a expansão de mercados significa que as pessoas já não precisam subornar funcionários do governo ou lhes pedir permissão para importar uma TV ou peças para seu trator. Controles de intercâmbio externo já não limitam sua liberdade de viajar ao exterior. Elas podem adquirir com mais facilidade equipamentos de comunicação como telefones celulares, acesso à internet, TVs via satélite e aparelhos de fax.

Trabalhadores e produtores que vivem em países mais abertos são menos dependentes das autoridades para sua subsistência. Em uma economia direcionada para o mercado, por exemplo, o governo não pode mais proibir a publicação de jornais independentes, mesmo que suas matérias desagradem às autoridades governantes. Em economias e sociedades mais abertas, o "efeito CNN" da mídia global e a atenção do consumidor expõem e desencorajam abusos contra os trabalhadores. Nos países em desenvolvimento

mais globalizados, as multinacionais têm mais estímulo para oferecer benefícios e salários competitivos do que nos países fechados.

Liberdade econômica e rendas crescentes, por sua vez, ajudam a criar uma classe média mais educada e com mais consciência política. Uma classe empresarial em ascensão e uma sociedade civil mais próspera geram líderes e centros de influência fora do governo. Com o passar do tempo, as pessoas economicamente livres também querem e esperam exercer seus direitos políticos e civis. Por outro lado, um governo que isola seus cidadãos do resto do mundo pode controlar as pessoas com mais facilidade e privá-las de recursos e informações que elas poderiam usar para contestar a autoridade governamental.

*"A percepção da política externa dos EUA é que comércio e desenvolvimento, junto com seus benefícios econômicos, podem se mostrar instrumentos poderosos para disseminar liberdades e democracias mais amplas no mundo todo."*

liberdades civis, significativa independência na vida cívica e mídia independente". Esse resultado iguala-se aos 35% de seres humanos que em 1973 desfrutavam de grau semelhante de liberdade. A porcentagem de cidadãos de países "não livres", nos quais as liberdades políticas e civis são sistematicamente reprimidas, caiu de 47% para 36% no mesmo período. A taxa da população em países que são

"parcialmente livres" permaneceu em 18%. Ao mesmo tempo, a porcentagem de governos democráticos no mundo atingiu 64%, o nível mais alto nos 33 anos de pesquisa da Freedom House.

Graças, em boa parte, aos ventos libertadores da globalização, os 11 pontos percentuais da população mundial que nas três últimas décadas passou de "não livre" para "livre" mostram que mais 650 milhões de seres humanos desfrutaram hoje dos tipos de liberdades políticas e civis naturais em países como Estados Unidos, Japão e Bélgica. Não sofrem mais a forma de tirania que ainda vemos nos países mais repressores.

Considerando-se cada país individualmente, as liberdades política e econômica também parecem estar relacionadas. Conforme constatado por um estudo de 2004 do Instituto Cato intitulado "Trading Tyranny for Freedom", os países relativamente abertos à economia global estão muito mais inclinados a ser democracias que respeitam as liberdades políticas e civis do que aqueles relativamente fechados. E os países relativamente fechados são muito mais propensos a negar de forma sistemática as liberdades políticas e civis do que os abertos à economia global.

## DA REFORMA ECONÔMICA À REFORMA POLÍTICA

Nas últimas duas décadas, várias economias seguiram o caminho das reformas econômica e comercial que levam à reforma política. Coréia do Sul e Taiwan até os recentes anos 1980 eram governados por regimes autoritários que não permitiam muita discordância direta. Atualmente, depois de anos de expansão comercial e aumento de receitas, os dois países são democracias multipartidárias com amplas liberdades políticas e civis. Outros países que seguiram a trilha dessas reformas com tenacidade foram: Chile, Gana, Hungria, México, Nicarágua, Paraguai, Portugal e Tanzânia.

Em outras palavras, governos que concedem a seus cidadãos alto grau de liberdade para participar do comércio internacional encontram cada vez mais dificuldade para privá-los de liberdades políticas e civis. Por outro lado, os governos que "protegem" seus cidadãos com barreiras tarifárias e outras barreiras ao comércio internacional têm mais facilidade para negar-lhes as mesmas liberdades. Certamente, a correlação entre abertura econômica e



(Anthony Mitchell // ©AP/WWP)

Em outubro de 2004, o exportador de couro Girma Hagos lê as notícias na internet em Addis Ababa, Etiópia, para se informar sobre as próximas eleições dos EUA

## DEMOCRATIZAÇÃO CRESCENTE

Como previsto na teoria, comércio, desenvolvimento e liberdades políticas e civis parecem estar interligados no mundo real. Todos podem concordar que o mundo está mais globalizado hoje do que há 30 anos, mas não há reconhecimento tão amplo de que o mundo está muito mais democratizado hoje do que há 30 anos. Segundo a mais recente pesquisa da Freedom House, a parcela da população mundial com amplas liberdades políticas e sociais aumentou substancialmente nas últimas três décadas, à medida que cresceu o número de governos democráticos no mundo.

Em seu levantamento anual divulgado em dezembro de 2005, a organização de pesquisa de direitos humanos revelou que 46% da população mundial vive hoje em países classificados como "livres", nos quais os cidadãos "desfrutam de livre concorrência política, clima de respeito pelas

liberdade política não é perfeita em todos os países, mas as amplas tendências são inegáveis.

A percepção da política externa dos EUA é que comércio e desenvolvimento, junto com seus benefícios econômicos, podem se mostrar instrumentos poderosos para disseminar liberdades e democracias mais amplas no mundo todo.

Na China continental, por exemplo, reforma econômica e globalização são motivos de esperança para reformas políticas. Após 25 anos de reforma e crescimento rápido, uma classe média em ascensão vivencia pela primeira vez a liberdade de possuir casa própria, viajar ao exterior e cooperar com outros em iniciativas econômicas sem controle governamental. O número de linhas telefônicas, celulares e usuários da internet cresceu exponencialmente na última década. Milhares de estudantes e turistas chineses viajam ao exterior a cada ano. Isso só pode ser uma boa notícia para a liberdade individual na China e um problema crescente para o governo.



(Kamran Jebreili/ ©AP/WWP)

Kamel, o jôquei robô, monta um camelo de corrida em teste, em Doha, Catar, em abril de 2005. Catar pretende substituir os jôqueis infantis tradicionais por robôs

O livre comércio e a globalização podem também influenciar na promoção da democracia e dos direitos humanos no Oriente Médio. Em maio de 2003, ao divulgar seu plano geral para a área de livre comércio do Oriente Médio, o presidente Bush disse: “O mundo árabe tem imensa tradição cultural, mas está muito distante do progresso econômico do nosso tempo. No mundo todo, os mercados livres e o comércio ajudaram a combater a pobreza e ensinaram a homens e mulheres os hábitos de liberdade.”



(Cassandra Vinograd/ ©AP/WWP)

Criança retirada do trabalho escravo encontra-se em um centro de reabilitação em Accra, Gana. Nos últimos anos, centenas de crianças têm sido resgatadas graças à atenção internacional

A estagnação econômica no Oriente Médio alimenta o terrorismo, não por causa da pobreza, mas pela falta de oportunidades e de esperança de um futuro melhor, especialmente entre os jovens. Os jovens que não conseguem encontrar um bom trabalho e não podem participar do processo político são aliciados por fanáticos religiosos e recrutadores terroristas. Qualquer esforço para encorajar mais liberdade no Oriente Médio deve contemplar uma agenda para promover liberdade econômica e abertura.

## O FUTURO

Em âmbito multilateral, um acordo bem-sucedido na Organização Mundial do Comércio (OMC) criaria no mundo inteiro um clima mais propício à democracia e aos direitos humanos. Os países menos desenvolvidos, com a abertura de seus mercados relativamente fechados e a conquista de mais acesso aos mercados dos países ricos, poderiam atingir taxas de crescimento mais elevadas e desenvolver a crescente classe média que forma a base da maioria das democracias. Uma conclusão satisfatória das negociações comerciais da Rodada de Desenvolvimento Doha, da OMC, reforçaria a globalização e a expansão das liberdades políticas e civis, duas tendências que caminham juntas e marcaram os últimos 30 anos. O fracasso poderá retardar e frustrar o avanço nas duas frentes para milhares de pessoas.

Nas três últimas décadas, globalização, direitos humanos e democracia têm avançado juntos de forma vacilante — nem sempre e nem sempre no mesmo ritmo em todos os lugares, mas de modo a não deixar dúvidas de que estão interligados. Ao incentivar a globalização em países menos desenvolvidos, não estamos apenas contribuindo para aumentar as taxas de crescimento e de renda, promover padrões mais elevados e alimentar, vestir e abrigar os pobres; estamos também disseminando liberdades políticas e sociais.



*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# A GLOBALIZAÇÃO DO CRIME E DO TERRORISMO

LOUISE SHELLEY



*Louise Shelley é professora da Escola de Serviço Internacional e fundadora e diretora do Centro Transnacional de Combate ao Crime e à Corrupção na Universidade Americana em Washington, D.C. Uma das principais especialistas em crime e terrorismo transnacional, ela é a autora de Policing Soviet Society e Crime and Modernization, bem como de vários artigos e capítulos de livros que enfocam os mais variados aspectos do crime transnacional.*

No final do século 20 surgiu um novo fenômeno — a globalização simultânea do crime, do terror e da corrupção, “trindade obscena” que se manifesta em todo o mundo. Pode ser encontrada tanto nos países mais pobres da América Latina e da África como no coração da Europa próspera. Amparados pela corrupção, grupos criminosos e terroristas operam juntos, da área da tríplice fronteira na América Latina aos conflitos regionais da África Ocidental e da ex-União Soviética, chegando ainda às prisões da Europa Ocidental. O crime e o terrorismo também se cruzam na Austrália, na Ásia e na América do Norte, como evidenciado pelas ações penais que documentam a ampla combinação de suas atividades.

Esta trindade obscena, entretanto, é mais complexa do que o fato de terroristas se voltarem para o crime apenas para apoiar suas atividades ou simplesmente o aumento do fluxo internacional de produtos ilegais. Trata-se mais de um claro fenômeno no qual as redes criminosas globalizadas trabalham com terroristas, com ambos sendo capazes de realizar suas atividades com sucesso, auxiliados por uma corrupção endêmica.

A distinção artificial feita entre crime e terrorismo é baseada em um conceito ultrapassado sobre o significado de um e outro. O adágio de que criminosos se envolvem no crime para obter lucro e de que terroristas atuam exclusivamente por razões políticas não reflete a realidade contemporânea de ambos os grupos. Os criminosos não pertencem mais a organizações hierárquicas que não ameaçam o próprio Estado — como foi verdade em relação à Máfia siciliana e à Yakusa japonesa. Os terroristas, muitas vezes apoiados pelo crime, trocam frequentemente de identidade como criminosos e terroristas. As estruturas das redes às quais ambos pertencem permitem essa ligação, independentemente de estarem conscientes ou não da identidade um do outro. Os dois grupos podem trabalhar juntos de forma direta ou podem se relacionar por meio de seus facilitadores. Por exemplo, em Los Angeles, a mesma escola de idiomas que forneceu os documentos para os vistos de alguns dos seqüestradores do 11 de Setembro fez o mesmo para as prostitutas de uma das principais redes de tráfico de pessoas. Por sua vez, a rede de tráfico começou a explorar identidades roubadas que podiam facilitar as atividades terroristas.

Ao contrário da tese de que a situação atual é produto da globalização, tanto o crime organizado quanto o terrorismo tem operado historicamente através das fronteiras. Já nos anos 1930, os membros da Máfia italiana dos Estados Unidos viajavam para Kobe, no Japão, e Xangai, na China, em busca de drogas, e os participantes de várias gangues criminosas dos EUA refugiavam-se na China para evitar o alcance da lei americana. Os membros do Exército Republicano Irlandês encontravam refúgio nas comunidades irlandesas no exterior, que também forneciam ajuda financeira à organização na Irlanda.

O que é novo, no entanto, é a velocidade e frequência de suas interações e a intensidade da cooperação entre essas duas formas de crime transnacional.

Tanto os criminosos quanto os terroristas desenvolveram redes transnacionais, dispersando suas atividades, seu planejamento e sua logística em vários continentes, confundindo, assim, os sistemas jurídicos estatais usados para combater o crime transnacional em todas as suas manifestações. Os criminosos transnacionais são os principais beneficiários da globalização. Terroristas e criminosos movimentam pessoas, dinheiro e commodities em um mundo no qual tais fluxos, em escala cada vez maior, fornecem excelente cobertura para suas atividades. Terroristas e grupos criminosos transnacionais se globalizaram para atingir seus mercados, perpetuar suas ações e evitar ser descobertos.



Mineiros bateiam à procura de diamantes no nordeste de Serra Leoa, perto da fronteira da Guiné, em junho de 2004. A exportação de diamantes da Serra Leoa foi proibida pelas Nações Unidas de 2000 a junho de 2003 porque esses "diamantes de conflitos" tinham sido usados para financiar batalhas mortais na região.

(Fotos: Ben Curtis/©AP/WWP)

## OPERAÇÃO GLOBALIZAÇÃO

O crime organizado internacional globalizou suas atividades pelas mesmas razões que as corporações multinacionais legítimas. Assim como as multinacionais abrem sucursais no mundo inteiro para tirar proveito da mão-de-obra atrativa ou dos mercados de matérias-primas, o mesmo ocorre com os negócios ilegais. Além disso, os negócios internacionais, tanto os legítimos quanto os ilícitos, também criam no mundo inteiro toda a infra-estrutura necessária para a produção, o marketing e as necessidades de distribuição. Empresas ilegais podem se expandir geograficamente para aproveitar essas novas condições econômicas, graças à revolução nas comunicações e no transporte internacional. Outra razão para os terroristas se globalizarem foi aproveitar a capacidade de poder recrutar no exterior, de estar perto das comunidades da diáspora que podem apoiá-los do ponto de vista logístico e financeiro e de ter acesso a comunidades mais afluentes.

O fim da Guerra Fria exerceu grande influência na ascensão do crime transnacional. Com o fim da confrontação entre as superpotências houve redução do potencial de conflito em grande escala, mas desde o final dos anos 1980 tem havido um aumento fenomenal do número de lutas regionais. Infelizmente, as armas e a mão-de-obra que alimentam esses conflitos estão muitas vezes ligadas às atividades criminosas transnacionais por meio do comércio ilícito de drogas, diamantes e pessoas. Por sua vez, esses conflitos produziram números sem precedentes de refugiados e prejudicaram as economias legítimas das regiões, tornando-as terrenos férteis para o recrutamento de terroristas ou refúgios nos quais os praticantes do terror possam realizar seu planejamento e treinamento.

O crescimento das atividades transnacionais ilegais tem sido enormemente favorecido pelos grandes avanços tecnológicos do período pós-Segunda Guerra Mundial. O aumento do tráfego comercial aéreo, as melhorias das telecomunicações (inclusive telefone, fax e comunicações rápidas pela internet) e o crescimento do comércio internacional facilitaram a pronta circulação de produtos e pessoas. O anonimato das salas de bate-papo na internet e outras tecnologias de comunicação baseadas no computador são explorados por criminosos e terroristas para planejar e levar a cabo suas atividades. Os terroristas do 11 de Setembro usaram computadores de acesso público para enviar mensagens e comprar passagens aéreas. Da mesma maneira, os traficantes de droga da Colômbia usam telecomunicações criptografadas para planejar e executar suas atividades comerciais.

A globalização caminha junto com a ideologia de livres mercados e livre comércio e com a diminuição da intervenção estatal. Conforme os defensores da globalização, a redução das regulamentações e barreiras internacionais às transações comerciais e aos investimentos aumentará o comércio e o desenvolvimento. Mas essas mesmas condições que propiciam um ambiente globalizado são fundamentais para a proliferação do crime. Grupos criminosos e terroristas têm explorado o grande declínio nas regulamentações, o afrouxamento dos controles de fronteiras e a maior liberdade resultante para ampliar suas atividades nas fronteiras e em novas regiões do mundo. Esses contatos têm se tornado mais frequentes e a velocidade na qual ocorrem, mais acelerada. Enquanto o crescimento do comércio legal é regulado pela adesão às políticas de controle de fronteiras, aos funcionários aduaneiros e aos sistemas burocráticos, os grupos criminosos transnacionais exploram livremente as brechas dos sistemas jurídicos estatais para aumentar o seu raio de ação. Eles viajam, assim, para regiões onde não podem ser extraditados, instalam suas operações em países nos quais a lei é aplicada de maneira ineficaz e corrupta e lavam seu dinheiro em nações com sigilo bancário ou controles pouco eficazes. Segmentando suas operações, tanto criminosos quanto terroristas colhem os benefícios da globalização, ao mesmo tempo que reduzem os riscos operacionais.

O comércio global teve aumento impressionante na segunda metade do século 20. Só que o enorme fluxo de

produtos legítimos passou a conviver com o aumento de mercadorias ilegais. Saber o que é ilegal ou o que é legal é um verdadeiro desafio. Apenas uma porcentagem muito pequena de navios porta-contêineres tem suas cargas verificadas, facilitando, assim, a circulação de drogas, armas e contrabando. Portanto, drogas podem ser transportadas em barcos de pesca de atum, escapando facilmente da identificação, e um negócio de mel pode ser usado para movimentar dinheiro e gerar lucros para a Al Qaeda.

As últimas décadas testemunharam a ascensão das mais diferentes formas de crime globalizado. O comércio de drogas foi o primeiro setor ilegal a maximizar os lucros em um mundo globalizado. Os criminosos conseguiram gigantescos lucros com as drogas, e muitos grupos terroristas usaram esse tipo de tráfico como importante fonte de financiamento. Mas à

medida que o mercado de drogas se tornou mais competitivo e passou a sofrer maior fiscalização internacional, os lucros foram reduzidos com a concorrência e o aumento de risco; por conseguinte, muitos criminosos e terroristas exploraram outras formas de crime amparados pela economia global. Mais tarde, tanto criminosos quanto terroristas beneficiaram-se financeiramente do crescimento do tráfico de armas e de pessoas. Tem havido também grande aumento de comércio ilegal de espécies em perigo de extinção, roubo de obras de arte e de antiguidades, falsificação e crime globalizado relacionado com cartões de crédito. O crime organizado e o terrorismo exploram todas essas atividades, algumas vezes em conjunto.

Também surgiu uma grande indústria de serviços para atender a todos os tipos de criminosos transnacionais. Isso inclui fornecedores de documentos falsos, lavadores de dinheiro e mesmo profissionais de alto nível que fornecem serviços jurídicos, financeiros e contábeis a ambos os grupos. Um exemplo dessa tendência foi o Banco Riggs em Washington, D.C. — que teve entre seus clientes legítimos presidentes americanos e muitos membros da comunidade diplomática mundial — ter sido processado por lavar dinheiro para o ditador do Guiné Equatorial e por facilitar a transferência de recursos para terroristas, o que resultou em

**"Grupos criminosos e terroristas têm explorado o grande declínio nas regulamentações, o afrouxamento dos controles de fronteiras e a maior liberdade resultante para ampliar suas atividades nas fronteiras e em novas regiões do mundo."**



(Jesus Alfonso/ ©AP/WWP)

internacional. Ao ater-se a distinções artificiais e obsoletas de que os criminosos são motivados apenas pelo lucro e os terroristas por impulsos políticos ou religiosos, as autoridades responsáveis por política pública, agências de execução das

(Shakil Adil/ ©AP/WWP)



leis e estrategistas militares não estão, de modo geral, dando o devido tratamento ao novo fenômeno das redes criminosas transnacionais.

As organizações estatais e multilaterais devem abandonar o paradigma de segurança da época da Guerra Fria que considera o conflito entre Estados-nação a principal ameaça à

segurança internacional e conclui, portanto, que os Estados são capazes de controlar a segurança internacional. Por exemplo, a estratégia de controlar a proliferação de armas de destruição em massa simplesmente bloqueando o acesso aos materiais necessários para sua fabricação pode ser arquitetada com brilhantismo, mas apresenta uma falha fatal porque, ao não tratar das ameaças adicionais representadas pela difusão da corrupção e pelas operações das redes criminosas e terroristas, os Estados podem estar criando uma falsa sensação de segurança.

A abordagem do cruzamento do crime com o terrorismo e a corrupção no ambiente global requer igualmente o

Fotos:

1. Policiais verificam a chegada de 200 quilogramas de cocaína apreendidos na Guatemala em novembro de 2005
2. Funcionário aduaneiro do Paquistão contempla algumas das quase 1.500 antiguidades no valor de milhões de dólares, confiscadas em Karachi em junho de 2005. O contrabandista foi preso
3. Uma pele de tigre e outros artefatos foram exibidos na Convenção das Nações Unidas sobre o Comércio Internacional de Espécies da Fauna Selvagem em Perigo de Extinção em Bangcoc, Tailândia, em outubro de 2004

tratamento do ambiente social, político e econômico que gera e sustenta esse estado de coisas. Todos esses três males estão ligados a problemas profundos resultantes de desequilíbrios econômicos entre os países, governos autoritários e falta de oportunidades em muitas regiões do mundo. Uma solução viável deve reconhecer e lidar com o sentido de exclusão que motiva boa parte do terrorismo, especialmente entre as populações islâmicas. A disponibilidade de empregos e meios de subsistência é essencial para muitos no mundo em desenvolvimento, de modo que, por exemplo, os agricultores afegãos e latino-americanos não dependam do cultivo da droga para sustentar suas famílias.

O crime é visto com frequência como um assunto periférico ao terrorismo. Desde 11 de setembro de 2001, inúmeros recursos antes utilizados no combate ao crime transnacional nos Estados Unidos e em outros países foram desviados para a luta contra o terrorismo. Isso pode representar um sério erro dos militares, das comunidades de inteligência e de outros. A necessidade de combater o crime não é uma questão periférica, mas absolutamente central para a luta contra o terrorismo. Os terroristas que bombardearam os trens de Madri em 11 de março de 2004 talvez tivessem tido seus planos frustrados se as autoridades prisionais estivessem mais atentas ao complô em andamento em suas próprias instalações.

***"A necessidade de combater o crime não é uma questão periférica, mas absolutamente central para a luta contra o terrorismo."***

seguir de perto as atividades criminosas em suas comunidades, o LAPD tem sido extremamente bem-sucedido no dismantelamento de atividades terroristas potenciais e de organizações que ajudam o terrorismo. Ao trabalhar de forma cooperativa e reduzir as barreiras burocráticas, a polícia de Los Angeles tem se mostrado capaz de combater o terrorismo sem usar ferramentas jurídicas especiais e sem violar os direitos legais.

Se a ameaça de agentes não estatais, tais como criminosos e terroristas transnacionais, continuar a aumentar nas próximas décadas, o futuro exigirá maior cooperação internacional, mais legislação sintonizada e maior compartilhamento de inteligência. Na implementação de uma política contra o crime e o terrorismo transnacionais, devemos, no entanto, respeitar os direitos humanos e evitar medidas que levem a uma maior radicalização e fomento do terrorismo. O modo como gerenciamos essa mudança de paradigma, que passa a ver e a tratar os criminosos, os terroristas e a corrupção como fatores interligados, determinará nosso nível de sucesso em salvar os benefícios da globalização de seu perigoso mau uso na área de segurança internacional. ■

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# A CONEXÃO DA SAÚDE EM ÂMBITO GLOBAL

D.A. HENDERSON



*D.A. Henderson é médico e professor de Medicina e Saúde Pública da Universidade de Pittsburgh, acadêmico residente do Centro de Biossegurança, consultor do Departamento de Saúde e Serviço Social dos EUA sobre prontidão em emergências de saúde pública e ex-diretor médico da Organização Mundial da Saúde (OMS) para a erradicação da varíola.*

**N**os últimos 20 anos, foi descoberto um número surpreendente de novas doenças infecciosas, algumas afligindo apenas um ou alguns países, enquanto a Aids disseminou-se de forma inexorável, tornando-se uma epidemia mundial e a quarta causa de morte no mundo. Também surgiram outras doenças — pelo menos 30 novas em todo o mundo. Pode-se prever muitas outras porque nas últimas décadas tem havido grandes mudanças demográficas, tecnológicas e sociais que notadamente alteraram o potencial para transmissão de doenças, e essas mudanças estão avançando de forma exponencial.

Atualmente, causa de grande preocupação é o risco mundial da pandemia de gripe aviária, novo tipo de vírus de gripe que representa séria ameaça a todos os países. O risco da gripe aviária mostra com clareza como os avanços da tecnologia no mundo todo podem contribuir para a disseminação de doenças, mas também demonstra como a cooperação global pode resultar em medidas eficientes de

combate. Surtos de gripe normalmente reaparecem a cada ano em todo o mundo. Embora possam causar doenças graves e levar à morte idosos ou pessoas com doenças pulmonares ou cardíacas crônicas, na maioria das pessoas os males não vão muito além de febre e sintomas respiratórios por cerca de uma semana. Entretanto, a cada 30 anos, surge um novo e diferente tipo de gripe que se espalha pelo mundo provocando epidemias generalizadas, conhecidas como pandemia.

## A AMEAÇA DA GRIPE DO FRANGO

Uma das mais sérias pandemias ocorreu em 1918, quando o surgimento de um novo tipo de vírus de gripe provou ser muito mais letal do que qualquer outro. Essa ocorrência levou à morte pelo menos 50 milhões de pessoas no mundo todo. Em 1997, preocupações com a possibilidade de uma pandemia igualmente séria foram reavivadas quando uma cepa mais ameaçadora de gripe (hoje identificada como cepa H5N1 da gripe aviária) foi descoberta em Hong Kong. Ela foi excepcionalmente letal às aves domésticas, em especial aos frangos, mas também fez 18 vítimas humanas, levando à morte cinco delas. Nunca uma cepa de gripe havia causado um índice de mortalidade humana tão elevado. Todos os casos ocorreram em pessoas que trabalhavam com frangos doentes.

Felizmente, àquela época, a doença não era transmitida de pessoa para pessoa. Autoridades de saúde pública logo sacrificaram milhares de frangos, e o vírus parecia ter

desaparecido. Infelizmente, seis anos depois, reapareceu em frangos e logo começou a se espalhar pelo Sudeste Asiático. Dezenas de milhares de frangos morreram ou foram sacrificados em tentativas para evitar disseminação ainda maior do vírus. Ocorreram cerca de 150 casos em seres humanos, dos quais quase metade foram fatais. Praticamente todos os pacientes haviam tido contato muito próximo com aves infectadas ou cuidavam de um dos doentes.

Na atualidade há aves selvagens infectadas e, em decorrência da migração, o vírus se espalhou pela Ásia Ocidental, pelo Leste Europeu e pela África. Como a doença continua a se espalhar, há justificável preocupação de que a qualquer momento o vírus possa mudar suas características e



Pesquisador mostra vacinas para combater a gripe do frango em seres humanos, em Pequim, China, em novembro de 2005

**"A ameaça da gripe ilustra com clareza a necessidade de maior cooperação internacional para descobrir e combater os riscos da doença, onde quer que ocorram."**

começar a ser transmitido de pessoa para pessoa. Em face do volume atual do tráfego aéreo de passageiros, o vírus poderá, sem dúvida, se espalhar pelo mundo em semanas.

Será necessária uma vacina para proteger as pessoas contra a doença. Entretanto, para que seja eficaz, a vacina deve ser muito semelhante ao vírus capaz de ser transmitido entre seres humanos; contudo, até agora essa cepa viral ainda não existe, pelo que sabem os cientistas. Assim, há um esforço internacional intenso em andamento que envolve laboratórios,

pessoal da saúde pública e a indústria. Seu objetivo é a obtenção do vírus o mais rápido possível, tão logo se verifique o contágio entre seres humanos, e o uso de novas técnicas na fabricação de vacinas que permitam a produção em larga escala em curto espaço de tempo.

## NECESSIDADE DE COOPERAÇÃO MUNDIAL

A ameaça da gripe ilustra com clareza a necessidade de maior cooperação internacional para descobrir e combater os riscos da doença, onde quer que ocorram. Tal cooperação é necessária com mais urgência hoje do que em qualquer outro período da história. No universo dos micróbios, inúmeras espécies se multiplicam continuamente em índices astronômicos, e a mutação, a adaptação e a mudança de cada espécie visam a assegurar sua sobrevivência. De forma inevitável, de tempos em tempos, surgem micróbios com características diferentes, alguns altamente letais aos seres

humanos e outros com capacidade de rápido crescimento e disseminação. Nas sociedades agrárias com populações espalhadas em pequenas cidades ou vilarejos, os novos agentes tinham pouca chance de ser transmitidos de pessoa para pessoa e logo podiam desaparecer. Ainda que

uma nova doença se espalhasse de forma significativa em uma área ou país, quase sempre uma maior disseminação era reduzida devido às distâncias. Hoje, a facilidade com que viajamos pelo mundo pode disseminar as doenças mais perigosas, mas os avanços nas comunicações também podem servir para facilitar a cooperação na descoberta de curas — uma conexão mundial pela saúde.

Atualmente, casos e surtos de doenças, sejam quais forem as causas ou onde quer que ocorram, são uma ameaça à saúde das pessoas do mundo todo. Nenhuma grande cidade do mundo é mais distante que 36 horas de qualquer outra. Em 2003, cerca de 642 milhões de viajantes internacionais desembarcaram em 750 diferentes aeroportos em 135 países. Controles e inspeções comuns nas fronteiras já provaram ser ineficientes na prevenção de doenças, como foi sem dúvida constatado durante a epidemia de Sars, em 2003. Mais de 35 milhões de passageiros foram examinados com o objetivo de colocar em quarentena aqueles que apresentassem febre. Não foram detectados casos. Se havia passageiros infectados, é muito provável que estivessem na fase silenciosa de incubação da doença, quando não é possível identificá-la sejam quais forem os exames de verificação usados. Vivenciamos hoje um movimento populacional de magnitude e velocidade nunca antes vistas.

A probabilidade de novos agentes microbianos se firmarem é muito intensificada pelo rápido crescimento das populações urbanas. Até 50 anos atrás, só havia duas cidades com populações acima de 7 milhões de pessoas (Nova York e Londres); apenas 20% da população mundial vivia em áreas urbanas. Atualmente, há 30 cidades com populações superiores a 7 milhões, e sete delas têm populações acima de 15 milhões. Muitas dessas cidades estão em áreas tropicais ou subtropicais onde as aglomerações, a desnutrição, o saneamento precário e a poluição ambiental são características predominantes. É sem dúvida um terreno fértil para o estabelecimento de uma nova doença.

Outra grande influência na disseminação de doenças é a industrialização e a internacionalização dos alimentos. Há apenas algumas décadas, os alimentos em sua maioria eram produzidos localmente, em pequenas fazendas, e armazenados ou preparados para uso comercial em estabelecimentos pequenos, dos quais poucos lidavam com o comércio internacional. Se ocorresse contaminação em algum ponto, poucas pessoas eram afetadas. Com a produção e o processamento de gêneros alimentícios em larga escala e a possibilidade de sua refrigeração e embarque aéreo, a contaminação em qualquer etapa na cadeia produtiva pode resultar em epidemias maciças que se espalham por muitos países. Um pequeno exemplo disso foi a grave epidemia de

diarréia causada por um organismo chamado *shigellosis*, em agosto de 2004. O fato deveu-se à contaminação na preparação de alimentos na cozinha de uma companhia aérea americana. Ao todo, foram efetivamente constatados 241 casos, mas estima-se a ocorrência de 9 mil casos em 219 diferentes vôos para 24 Estados e quatro países.

Um fator fundamental que facilita a disseminação de doenças raramente considerado é a grande proliferação de hospitais, em especial em países e áreas onde os recursos econômicos são tributados e equipes de profissionais capacitados são escassas. Muitos desses hospitais não têm instalações para



(Musadeq Sadeq/©AP/WWP)

Jovem afegão ao lado de um banner que diz: "HIV/Aids: lutar contra as dificuldades é responsabilidade de todos", em Cabul, Afeganistão

***"Um fator fundamental que facilita a disseminação de doenças raramente considerado é a grande proliferação de hospitais, em especial em países e áreas onde os recursos econômicos são tributados e equipes de profissionais capacitados são escassas."***

isolar pacientes com doenças contagiosas e possuem pouco ou nenhum equipamento para a esterilização adequada de agulhas e seringas, bem como de instrumentos cirúrgicos. Podem ocorrer doenças transmitidas pelo sangue e, na realidade, esse fator tem contribuído de forma relevante para a disseminação da Aids em algumas nações. Ao mesmo tempo, em tais cenários de atendimento à saúde, é habitual que muitos familiares e amigos, de cidades e vilarejos espalhados por uma grande

área, visitem o paciente. Conseqüentemente, é comum haver uma repentina explosão epidêmica de doença atingindo grande área. Experiência recente mostrou que os hospitais têm sido os principais lugares para a transmissão epidêmica de sarampo e doenças hemorrágicas como as causadas por vírus como Lassa, Ebola e Marburg.

Nesta era globalizada, a saúde de cada ser humano do planeta tornou-se relevante para a saúde de todos os demais. Ainda temos de compreender inteiramente as implicações desse fato, embora a Aids e a gripe aviária estejam mostrando sua importância na comunicação dessa mensagem. É necessário combater os problemas decorrentes de doenças infecciosas onde quer que ocorram. Hoje, uma epidemia nas áreas mais remotas da

África ou das Américas, por exemplo, pode resultar amanhã em casos e talvez surtos em quase todos os lugares do mundo. Em termos práticos, a adoção em maio de 2005 das Regulamentações Internacionais de Saúde da OMS atualizadas é um passo positivo para levar a cabo a pesquisa e o desenvolvimento compartilhados necessários para lidar com problemas de doenças onde quer que ocorram e elaborar redes internacionais eficientes para pesquisa e educação de tal forma que descobertas e observações importantes possam ser transmitidas e aplicadas de forma mais rápida e mais eficaz. ■

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

## Adaptação das regulamentações internacionais de saúde a um mundo menor

Em 23 de maio de 2005, a Assembléia Mundial da Saúde (AMS) aprovou as Regulamentações Internacionais de Saúde para administrar as emergências de saúde pública de preocupação internacional. As novas normas destinam-se a "prevenir a disseminação internacional de doenças e proteger-se contra elas, assim como controlá-las e oferecer-lhes resposta de saúde pública", de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS). As regulamentações também refletem a natureza mutante das doenças globais a partir da adoção dessas normas em 1969.

O secretário de Saúde e Serviço Social dos EUA, Mike Leavit, disse na AMS em 16 de maio de 2005: "A adoção das regulamentações revisadas representará uma ferramenta muito eficaz nos nossos esforços para responder aos desafios impostos por ameaças biológicas, químicas e radiológicas à saúde pública que possam ocorrer de forma natural, deliberada ou casual."

De acordo com a OMS, as primeiras Regulamentações Internacionais de Saúde adotadas em 1969 destinavam-se a ajudar no monitoramento e controle de quatro doenças infecciosas graves — cólera, peste bubônica, febre amarela e varíola. As novas regulamentações exigem que os Estados notifiquem a OMS caso ocorram quaisquer incidentes ou doenças que "possam constituir emergência de saúde pública de preocupação internacional". Os Estados também devem relatar indícios de riscos à saúde pública existentes fora de seus territórios que possam causar disseminação internacional de doenças.

As regulamentações revisadas ressaltam as obrigações mais amplas de se construir capacidade nacional para medidas preventivas de rotina, bem como para detectar emergências de saúde pública de preocupação internacional e responder a elas. Essas medidas de rotina incluem ações de saúde pública em portos, aeroportos e fronteiras terrestres, além de locais relacionados com outros meios de transporte utilizados para viagens internacionais.

Conforme observado pela OMS, o objetivo das Regulamentações Internacionais de Saúde é garantir a proteção máxima das pessoas contra a disseminação internacional de doenças e ao mesmo tempo minimizar a interferência no comércio e nas viagens internacionais.

"As regulamentações existentes foram escritas para um mundo muito diferente deste em que vivemos hoje. Viagens aéreas eram luxo, e a movimentação de produtos e pessoas ao redor do mundo era relativamente lenta", disse o dr. Guenael Rodier, diretor de vigilância e resposta a doenças transmissíveis da OMS. "Atualmente as viagens e o comércio se expandiram para muito além do que foi previsto nas regulamentações originais. As novas regras atendem a um mundo globalizado, ativo 24 horas por dia e no qual um surto de doença em um país pode deslocar-se rapidamente por todo o planeta." ■

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

### FONTES:

<http://usinfo.state.gov/gi/Archive/2005/May/20-582917.html>  
[http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2005/pr\\_wha03/en/index.html](http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2005/pr_wha03/en/index.html)



(John Mcconnical/©AP/WWP)

Casal em pé diante de 2.000 velas acesas em memória às vítimas do HIV/Aids em Copenhage, Dinamarca, no Dia Mundial de Luta contra a Aids

## Cooperação em sistemas de alerta contra tsunamis

**H**á 14 meses, desde que um tsunami e um terremoto de magnitude 9,15 mataram mais de 200 mil pessoas e deixaram milhões de desabrigados em 12 países do Oceano Índico, essas nações e seus parceiros internacionais têm trabalhado arduamente para garantir que novos desastres naturais jamais assumam essas dimensões outra vez. Planos para um sistema de alerta antecipado na região foram elaborados em reuniões realizadas em diversos países durante todo o ano de 2005, o que reflete a contribuição de muitos parceiros internacionais — Japão, França, Havaí, Austrália e, mais recentemente, Índia.

Em Hyderabad, Índia — onde foi realizada a segunda sessão do Grupo de Coordenação Intergovernamental (ICG) do Sistema de Alerta contra Tsunamis e de Mitigação de seus Efeitos no Oceano Índico, da Comissão Oceanográfica Internacional (COI) da UNESCO —, representantes de várias nações do Oceano Índico reuniram-se de 14 a 16 de dezembro. Os participantes, junto com observadores e assessores da Alemanha, do Japão e dos Estados Unidos, discutiram detalhes técnicos de um novo sistema para detectar tsunamis e outros desastres naturais. O novo sistema está sendo montado em países como Austrália, Índia, Indonésia, Malásia, Maldivas, Sri Lanka, Tailândia, entre outros, onde ainda não havia nada desse tipo.

Desde a ocorrência do tsunami, muitos países, inclusive os Estados Unidos, ofereceram ajuda técnica e financeira para esse empreendimento complexo. Por meio do Programa dos EUA de Alerta contra Tsunamis no Oceano Índico, as agências americanas gastarão US\$ 16,6 milhões em dois anos para ajudar a desenvolver recursos de alerta antecipado

contra tsunamis e outros desastres naturais no Oceano Índico e apoiar a liderança da COI no desenvolvimento de um sistema de alerta internacional com dados sísmicos e oceanográficos compartilhados por 16 países.

Desenvolver um sistema como esse leva tempo, porque alertar pessoas contra a iminência de tsunamis e de outros desastres naturais requer um sistema completo que inclua: avaliação de riscos e de desastres naturais para cada país, alertas sobre desastres naturais e prontidão de resposta, observações oceânicas, gerenciamento de dados, previsões, divulgação de previsões e alertas, geração de capacidade para detecção e previsão de desastres naturais, possibilidade de se

comunicar com a população para alertá-la e prontidão para responder aos desastres. Cada componente de um sistema multinacional desse tipo deve ser capaz de se comunicar com os outros componentes do sistema e com outros sistemas no mundo inteiro.

Em 26 de dezembro de 2004, quando ocorreu o tsunami no Oceano Índico, esse tipo de sistema só existia na bacia do Oceano Pacífico, onde ocorrem mais de 85% dos tsunamis do mundo. O Centro de Alerta contra Tsunamis do Pacífico (PTWC), instalado no Havaí, é parte do Serviço Nacional de Meteorologia da Administração Nacional Oceanográfica e Atmosférica dos EUA (Noaa). Antes daquela data, o PTWC funcionava como centro de alerta regional e de longa distância contra tsunamis para a Bacia do Pacífico e como centro de alerta local contra tsunamis para o Havaí. Atualmente, está servindo como centro de alerta provisório para o Oceano Índico — em cooperação com a Agência Meteorológica do Japão (JMA), que divulga boletins sobre ocorrências relacionadas com desastres naturais no Oceano Índico — e para o Caribe, até que essas regiões tenham seus próprios sistemas.

Graças a um esforço internacional maciço, os elementos desse tipo de sistema estão sendo reunidos no Oceano Índico. Nos últimos 12 meses, segundo a UNESCO, 25 países dessa região criaram centros de comunicações que lhes permitem receber alertas contra desastres naturais com base em informações sísmicas do PTWC no Havaí e do JMA em Tóquio.

O Serviço Geológico dos EUA (USGS) está instalando várias estações de monitoramento sísmico na zona de origem do tsunami de dezembro de

2004 — próximo à falha geológica de Sunda ao largo da Ilha de Sumatra na Indonésia. Para isso, a agência está trabalhando com os governos da Indonésia, da Tailândia, do Sri Lanka, da Índia e das Maldivas para melhorar o monitoramento, a detecção e a notificação de terremotos com potencial de gerar tsunamis.

Como o prazo para alerta é de apenas 15 a 20 minutos desde o momento em que ocorre o terremoto até que as ondas atinjam o litoral da Indonésia, os métodos sísmicos — em vez de sensores oceânicos — são a melhor forma de detectar um terremoto na área. Estão sendo instalados 60 sismógrafos, principalmente na Indonésia, mas também nos



Técnica analisa dados sísmicos registrados por sismógrafo digital em estação geofísica de Banda Aceh, Indonésia, em novembro de 2005

(Dita Alangkara / ©AP/WWP)



(Fadlan Arman Syam/ ©AP/WWP)

Bóia pertencente ao sistema de alerta contra tsunamis desenvolvido pela GITEWS (Contribuição da Alemanha e da Indonésia para a Instalação de um Sistema de Alerta contra Tsunamis). Sensores no leito oceânico e bóias na superfície do mar transmitem informações sobre terremotos e tsunamis às estações de observação

países vizinhos; a meta de longo prazo é ter mais de 100 sismógrafos na região. Nesse esforço, o USGS está trabalhando com o JMA, o Ministério de Ciências e Tecnologia da Alemanha e a Administração Chinesa de Terremotos.

Informações sísmicas podem revelar a esses centros nacionais a ocorrência de um terremoto de determinada magnitude em um local específico, mas não esclarecem se um tsunami está a caminho. Instrumentos de detecção de tsunamis nas profundezas do oceano são necessários para detectar um teletsunami — um tsunami que está se deslocando pelo oceano em direção a áreas costeiras distantes. Não existem esses tipos de instrumentos operando no Oceano Índico, mas vários países da região — entre eles, Índia (com ajuda da Alemanha), Austrália e Malásia (com ajuda de uma empresa comercial, Fugro, da Holanda) — estão trabalhando para instalar instrumentos de detecção de tsunamis no fundo do oceano.

Medidores de maré também podem ajudar a determinar a existência de risco de tsunami. Na região do Oceano Índico, 32 desses medidores foram modernizados para ser usados na detecção de tsunamis. Esse empreendimento é parte de uma rede internacional COI-Organização Meteorológica Mundial (OMM) chamada Sistema Global de Observação do Nível do Mar para pesquisas climáticas, oceanográficas e do nível do mar nas áreas litorâneas.

Outro sistema internacional também foi pressionado para ajudar na detecção de tsunamis. O Sistema Global de Telecomunicações é uma rede mundial de transmissão de dados meteorológicos de estações meteorológicas, satélites e centros de previsão do tempo que foi adaptado, com ajuda da OMM e da NOAA, para transmitir informações relativas a tsunamis.

“Como descobrimos em 26 de dezembro [2004]”, declarou Eddie Bernard, diretor do Laboratório de Meio Ambiente Marinho do Pacífico em Seattle, Washington, “um tsunami pode ser um fenômeno global, por isso é realmente importante que, quando um tsunami ocorrer em determinado local, o resto do mundo seja informado”. ■

-- Cheryl Pellerin, da equipe de redação do Departamento de Estado dos EUA

# QUESTÕES GLOBAIS NO ENSINO SUPERIOR

STEPHEN P. HEYNEMAN



*Stephen P. Heyneman é professor de Política de Educação Internacional na Universidade Vanderbilt, em Nashville, Tennessee. Colaborador freqüente de publicações especializadas, sua experiência inclui 22 anos no Banco Mundial e visitas a dezenas de outros países.*

**A**s influências globais afetam muitos aspectos da vida cotidiana e, como consequência, nossas estratégias para enfrentá-los. Nos anos 1970, por exemplo, o crescimento econômico dependia das finanças do governo. Atualmente, o investimento privado supera a ajuda externa e a assistência pública.

As decisões industriais eram tomadas com base na proximidade dos fornecedores vizinhos, que falavam a mesma língua. Hoje, as decisões industriais são tomadas levando-se em conta as vantagens globais. Uma empresa montadora de computadores pode estar localizada em Nashville, Tennessee, na Irlanda do Norte ou na Malásia; uma empresa têxtil, em Bangalore, Índia, ou em Sonora, México; uma plantação de frutas de inverno na Flórida, no Chile ou em Marrocos.

## AMBIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

As influências globais também afetam o ensino superior. Hoje em dia, praticamente todos os países têm três ambições no que se refere ao ensino superior. Primeiro, a demanda por mais facilidade de acesso, e em todas as partes do mundo o

acesso ao ensino superior está aumentando com rapidez. No final dos anos 1960, não havia país na Europa Ocidental em que a proporção de jovens em idade universitária (18 a 22 anos) matriculados em cursos de nível superior fosse maior do que 8%; atualmente, não há país na Europa Ocidental em que essa proporção seja menor do que 35%. As matrículas estão aumentando entre 10% e 15% ao ano no mundo todo, inclusive nos países de média e baixa renda da Ásia, da África e da América Latina.

Resultado: São poucas as regiões do mundo em que o ensino superior é educação “de elite”, isto é, onde alcança menos de 15% da população dessa faixa etária. O ensino superior tornou-se “educação de massa”. As matrículas na Universidade Nacional Autônoma do México somam 269 mil alunos; a Universidade de Délhi tem 309 mil; a Universidade da Anatólia (Turquia) tem mais de 1 milhão; e as matrículas naquela que talvez seja a maior universidade privada do mundo, a Universidade Islâmica Azad, no Irã, com seus 145 campi, chegam a 850 mil. A imagem tradicional que podemos ter das instituições de ensino superior como retiros enclausurados isolados do mundo, onde apenas poucos escolhidos estudam, pode estar ultrapassada. Na verdade, o ensino superior é bastante impessoal hoje em dia – longas filas para entrar em auditórios antiquados, bibliotecas desfalcadas, paredes rachadas, pinturas descascadas, torneiras com vazamentos.

A segunda ambição de todos os países é melhorar a qualidade do ensino superior. Nas últimas décadas, houve uma revolução nos critérios que ajudam a definir a qualidade

desse nível de ensino. O ensino superior de alta qualidade agora exige modernidade eletrônica em salas de aula, dormitórios, bibliotecas, laboratórios de ciência e salas de estudo. Os alunos são quase sempre mais velhos, trabalham meio expediente e não moram no campus. O currículo de alta qualidade não é mais baseado em livros didáticos, mas sim nas informações mais atualizadas de fontes impressas e eletrônicas. A informação para os alunos é digitalizada e fica disponível on-line. Os alunos têm acesso à informação curricular de qualquer lugar onde estejam morando ou viajando.

Acima de tudo, o ensino em sala de aula mudou. O tempo da aula não é mais dedicado à passagem de informação para os alunos; em vez disso, é dedicado à análise das informações absorvidas antes da aula. A internet e outros meios de informação eletrônicos transformaram a biblioteca acadêmica e aumentaram sua qualidade. Há menos necessidade de professores ou estudantes visitarem o local físico. Uma biblioteca acadêmica de alta qualidade costumava ser definida pela quantidade de seus títulos. Atualmente, ela é definida pela quantidade de acesso à informação. A diferença é enorme. Toda biblioteca acadêmica de alta qualidade tem recursos suficientes para fazer parte de “redes de informação” exclusivas, onde os títulos são compartilhados.

As redes de bibliotecas acadêmicas são transnacionais e cobrem bibliotecas de universidades da Europa, da Ásia e da América do Norte. O acesso à informação é o que distingue as bibliotecas excelentes das mediocres. Todos os serviços acadêmicos — tanto de ensino, quanto bibliográficos — são prestados por meio de recursos de banda larga. A classificação das universidades, de fato, agora inclui a largura da banda da universidade (veja tabela). As universidades com

**Classificação das universidades da Ásia por largura de banda**

| Classificação | Escolas multidisciplinares                      | Largura de banda por aluno (kbps) | Classificação geral 2000 |
|---------------|---|-----------------------------------|--------------------------|
| 1             | Universidade de Sun Yat-sen (Taiwan)            | 33,53                             | 20                       |
| 2             | Universidade Nacional Kyungpook (Coreia do Sul) | 29,76                             | 35                       |
| 3             | Universidade Nacional Chungnam (Coreia do Sul)  | 20,84                             | 50                       |
| 4             | Universidade Nacional da Austrália              | 19,58                             | 8                        |
| 5             | Universidade Normal de Taiwan                   | 19,02                             | 37                       |
| 6             | Universidade Nacional de Seul (Coreia do Sul)   | 17,14                             | 4                        |
| 7             | Universidade Tsing Hua (Taiwan)                 | 14,77                             | 18                       |
| 8             | Universidade de Kyoto (Japão)                   | 14,17                             | 1                        |
| 9             | Universidade Nacional Chonnam (Coreia do Sul)   | 13,52                             | 34                       |
| 10            | Universidade de Tohoku (Japão)                  | 11,84                             | 2                        |
| 11            | Universidade de Tianjin (China)                 | 11,54                             | 46                       |
| 12            | Universidade Xi'an Jiaotong (China)             | 10,81                             | 54                       |
| 13            | Universidade Nacional de Cingapura              | 7,1                               | 5                        |
| 14            | Universidade de Wollongong (Austrália)          | 6,92                              | 45                       |
| 15            | Universidade de Adelaide (Austrália)            | 6,88                              | 26                       |
| 16            | Universidade de Nagoya (Japão)                  | 6,58                              | 11                       |
| 17            | Universidade Central (Taiwan)                   | 6,12                              | 24                       |
| 18            | Universidade de Melbourne (Austrália)           | 6,06                              | 9                        |
| 19            | Universidade de Kasetsart (Tailândia)           | 5,56                              | 63                       |
| 20            | Universidade Chao Toung (Taiwan)                | 5,5                               | 28                       |

FONTE: <http://www.asiaweek.com>

banda estreita não podem competir em qualidade com as universidades que tenham banda larga.

A terceira ambição comum das universidades em todo o mundo é melhorar a equidade, isto é, oferecer bolsas de estudo de diversos níveis a alunos capacitados, vindos de famílias carentes ou de regiões menos favorecidas. Muitas universidades de primeira classe terão recursos suficientes para oferecer bolsas de estudo a um de cada três alunos, além das que possam estar disponíveis por meio de recursos públicos.

**RECURSOS FINANCEIROS**

Mas as três ambições juntas são caras, e há poucos países onde todas as três podem ser financiadas apenas com recursos públicos. Com o aumento do número de alunos e das expectativas sobre qualidade e equanimidade, os recursos públicos são insuficientes. É provável que a escassez de recursos públicos seja permanente, e isso se apresenta como um dilema global: como poderia o ensino superior financiar com sucesso seus próprios objetivos, inclusive os tradicionais de servir ao bem público?

Esse dilema diz respeito tanto às instituições públicas como às privadas. As universidades públicas nos Estados Unidos, por exemplo, recebem atualmente dos legislativos estaduais apenas 15% a 20% dos seus orçamentos periódicos; a própria universidade é responsável pelo levantamento do restante, o que faz com que as universidades públicas e privadas sejam muito similares nos seus objetivos e estratégias de gestão. Até onde sei, todas as universidades têm quatro opções para conseguir financiamento:

- podem levantar receitas de fontes tradicionais (tais como aumento nas matrículas, cobrança de aluguel pelas dependências e diminuição das despesas gerais);

- podem diversificar, gerando novas fontes de receita (tais como estabelecer direitos autorais sobre invenções ou investir no mercado de ações);
- podem distribuir os recursos que possuem de forma mais eficiente (por exemplo, passando do financiamento individual para o financiamento em bloco, diferenciando os salários dos professores, e assim por diante); ou
- podem eliminar cursos ou serviços já ultrapassados (por exemplo, ciência doméstica).

Todas as escolhas são polêmicas. As universidades de alta qualidade não são bem-sucedidas apenas no levantamento de recursos, elas são sensatas na sua distribuição para preservar a função de servir ao bem público. Algumas instituições conseguem mais êxito do que outras no financiamento de seus objetivos. Algumas são lentas porque ainda não reconheceram que, para ser de alta qualidade, todas as universidades devem cuidar de suas próprias finanças e da administração.

Alguns podem ver essa tendência como “comercialização” do ensino superior. Outros podem considerá-la globalização de um “modelo americano” de ensino superior. Eu vejo essa necessidade de maximizar os recursos de forma diferente. Caracterizaria isso não como comercialização, mas como profissionalização do ensino superior na sua busca legítima de excelência; e não como um modelo americano, mas como um modelo bem-sucedido do qual todas as universidades precisam participar para tratar do dilema universal atual que é a escassez de recursos públicos.

## COESÃO SOCIAL

Há outra influência global no ensino superior digna de menção: é a forma pela qual ele contribui para a coesão social de um país ou a prejudica. Tanto o ensino superior público quanto o privado têm papéis a desempenhar no sentido de garantir que os cidadãos vivam em paz uns com os outros e com os seus vizinhos, e que seus formandos sejam tecnicamente capacitados para atender às expectativas do mercado de trabalho.

Independentemente de sua finalidade principal — ensino, pesquisa ou preparação profissionalizante —, todas as universidades tentam influenciar a coesão social da comunidade por dois mecanismos. Um deles é por meio do seu currículo e profissionalismo no ensino de história, cultura, biologia, física, engenharia e ecologia. As universidades de alta qualidade são definidas por sua

abertura à literatura e às informações mundiais, disponíveis gratuitamente a todos os alunos e englobando o máximo de tópicos possível. Nenhuma grande universidade restringe o acesso à informação.

O segundo é a maneira como a universidade molda o bom comportamento e apresenta padrões profissionais. Isso inclui até que ponto uma universidade recompensa o

desempenho acadêmico honesta e justamente, até que ponto seus corpos docente e administrativo anunciam e adotam abertamente códigos de conduta e até que ponto a discussão aberta é estimulada e as opiniões divergentes, respeitadas. Quanto mais uma universidade apresenta essas características, maior a probabilidade de seus alunos revelarem capital humano por meio de seus conhecimentos e aptidões e mais eles contribuirão para o capital social, o tipo de capital que gera disposição para o sacrifício



(Bernd Kammerer/©AP/WWP)

Em sua chegada em outubro de 2005, alunos da Universidade Estadual de Louisiana são recebidos no aeroporto de Frankfurt, Alemanha, pelo cônsul-geral dos EUA Peter W. Bodde (à esquerda) e pelo ministro de Estado para Ciência e Artes de Hesse, Udo Corts (à direita), após terem aceitado a oferta para retomar os estudos interrompidos pelo furacão Katrina

pelo bem comum, assim como tolerância e compreensão para com outras opiniões e outros pontos de vista.

As universidades que apresentam um grau realmente alto de capital humano e social são de alta qualidade, e são as universidades com esse padrão que terão maior impacto positivo na coesão social de um país. Isso significa que as universidades onde ocorre corrupção, onde decisões sobre notas e admissão e o próprio credenciamento podem ser alterados por meio de subornos, ameaçam a coesão social de uma país. Em vez de moldar o bom comportamento, uma universidade corrupta faria o contrário, o que é prejudicial para o futuro da nação.

O combate à corrupção no ensino superior é atualmente um problema global, e há altos interesses em jogo. O processo de Bolonha, por meio do qual membros da União Européia trabalham para harmonizar seus sistemas de ensino superior para permitir maior mobilidade de alunos e professores, e as novas diretrizes de credenciamento da Unesco oferecem uma oportunidade para as universidades de diferentes partes do mundo serem comparadas em termos de qualidade dos cursos. A disposição de uma universidade de alta qualidade de ser comparada com outras parece depender com frequência do fato de ela poder ou não demonstrar que não é corrupta.

O ônus da prova é da universidade sob escrutínio. Se ela não conseguir provar sua honestidade, seus alunos estarão em permanente desvantagem no mercado de trabalho, e as pessoas poderão perguntar até que ponto o investimento público valeu a pena.

Em suma, há um “modelo” de sucesso que se aplica a todas as regiões do mundo: aquele pelo qual as instituições de ensino superior são capazes de financiar seus próprios objetivos. Fica cada vez mais claro que o ensino superior tem um papel único a desempenhar na coesão social de uma nação, e esse papel poderá ser negativo, se moldar um

comportamento pouco profissional, ou positivo, se corresponder aos padrões internacionais de conduta.

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*



(©AP/WWP)

Estudantes do Catar em aula de tipografia na Escola de Artes da Universidade da Comunidade de Virgínia, em Doha, Catar

# BIBLIOGRAFIA

## Leituras adicionais sobre globalização

Friedman, Thomas L. *The World Is Flat: A Brief History of the Twenty-First Century* [Publicação em português: O Mundo é Plano: Uma Breve História do Século 21, Editora Objetiva, 2005]. Nova York: Farrar, Straus, and Giroux, 2005.

Gugler, Josef, org. *World Cities Beyond the West: Globalization, Development, and Inequality* [Cidades do Mundo Além do Ocidente: Globalização, Desenvolvimento e Desigualdade]. Cambridge; Nova York. Cambridge University Press, 2004.

"Measuring Globalization: The Global Top 20" [Medidas da Globalização: Os 20 Países mais Globalizados do Mundo], *Foreign Policy*, nº 148 (maio/junho de 2005): pp. 52-60. [Índice Anual de Globalização A.T. Kearney/Foreign Policy]

Naim, Moisés. "Globalization: Passing Fad or Permanent Revolution?" [Globalização: Febre Passageira ou Revolução Permanente?], *Harvard International Review*, v. 26, nº 1 (segundo trimestre de 2004): pp. 84-85.

Perrons, Diane. *Globalization and Social Change: People and Places in a Divided World* [Globalização e Mudança Social: Povos e Lugares em um Mundo Dividido]. Londres, Nova York: Routledge, 2004.

Veltmeyer, Henry, org. *Globalization and Antiglobalization: Dynamics of Change in the New World Order* [Globalização e Antiglobalização: Dinâmica da Mudança na Nova Ordem Mundial]. Aldershot, Hants, RU; Burlington, VT : Ashgate, 2005.

### CULTURA

Appiah, Kwame Anthony. *Cosmopolitanism: Ethics in a World of Strangers* [Cosmopolitanismo: Ética em um Mundo de Estranhos]. Nova York: W.W. Norton, 2006.

Cowen, Tyler. *Good and Plenty: The Creative Successes of American Arts Funding* [Com Fartura: Os Sucessos Criativos do Financiamento das Artes nos EUA]. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2006 .

Cowen, Tyler. "The Fate of Culture" [O Destino da Cultura], *Wilson Quarterly* (quarto trimestre de 2002): pp. 78-84.

<http://www.gmu.edu/jbc/Tyler/fate-of-culture.pdf>

Hackett, Robert A. e Yuezhi Zhao, orgs. *Democratizing Global Media: One World, Many Struggles* [Democratização da Mídia Global: Um Mundo, Muitas Lutas]. Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 2005.

O'Sullivan, John. "The Role of the Media at a Time of Global Crisis" [O Papel da Mídia em Época de Crise Global], *International Journal on World Peace*, v. 21, nº 4 (dezembro de 2004): pp. 69-79.

Pells, Richard. "American Culture Goes Global, or Does It?" [A Cultura Americana está se Globalizando ou é Agente da Globalização?], *The Chronicle of Higher Education*, vol. 48, nº 31 (12 de abril de 2002): p. B7.

Pells, Richard. *From Modernism to the Movies: The Globalization of American Culture in the Twentieth Century* [Do Modernismo ao Cinema: A Globalização da Cultura Americana no Século 20]. New Haven, CT: Yale University Press, no prelo.

Rantanen, Terhi. *The Media and Globalization* [Mídia e Globalização]. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005.

Robertson, Robbie. *The Three Waves of Globalization: A History of a Developing Global Consciousness* [As Três Ondas da Globalização: Uma História do Desenvolvimento da Consciência Global]. Nova Scotia, [Canadá]; Fernwood; Nova York: Zed Books, 2003.

Veseth, Michael. *Globaloney: Unraveling the Myths of Globalization* [Globobagem: Derrubando os Mitos da Globalização]. Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 2005.

### ECONOMIA

Barfield, Claude E., Günter Heiduk e Paul J.J. Welfens, orgs. *Internet, Economic Growth, and Globalization: Perspectives on the New Economy in Europe, Japan, and the USA* [Internet, Crescimento Econômico e Globalização: Perspectivas sobre a Nova Economia na Europa, no Japão e nos EUA]. Nova York: Springer, 2003.

Barker, Drucilla K. e Susan F. Feiner. *Liberating Economics: Feminist Perspectives on Families, Work, and Globalization* [Economia Libertadora: Perspectivas Feministas sobre Família, Trabalho e Globalização]. Ann Arbor, MI: The University of Michigan Press, 2004.

Bhagwati, Jagdish N. *In Defense of Globalization* [Publicação em português: Em Defesa da Globalização, Editora Campus, 2004]. Nova York: Oxford University Press, 2004.

Buch, Claudia M. *Globalization of Financial Markets: Causes of Incomplete Integration and Consequences for Economic Policy* [Globalização dos Mercados Financeiros: Causas da Integração Incompleta e Conseqüências para a Política Econômica]. Berlim, Nova York. Springer, 2004.

Cavanagh, John e Jerry Mander, orgs. *Alternatives to Economic Globalization: A Better World Is Possible* [Alternativas para a Globalização Econômica: É Possível um Mundo Melhor]. 2ª ed. São Francisco, CA: Berrett-Koehler, 2004.

Chandler, Alfred D. e Bruce Mazlish, orgs. *Leviathans: Multinational Corporations and the New Global History*

- [Leviatãs: Corporações Multinacionais e a Nova História Global]. Cambridge, RU; Nova York: Cambridge, 2005.
- Das, Dilip K. *The Economic Dimensions of Globalization* [As Dimensões Econômicas da Globalização]. Houndmills, Basingstoke, Hampshire; Nova York: Palgrave Macmillan, 2004.
- Drainville, André C. *Contesting Globalization: Space and Place in the World Economy* [Para Contestar a Globalização: Espaço e Lugar na Economia Mundial]. Londres, Nova York: Routledge, 2004.
- Fundo Monetário Internacional. *U.S. Fiscal Policies and Priorities for Long-Run Sustainability* [Políticas Fiscais e Prioridades dos EUA para a Sustentabilidade de Longo Prazo]. Washington, DC: FMI, 2004
- Hanson, James, et al., orgs. *Globalization and National Financial Systems* [Globalização e Sistemas Financeiros Nacionais]. Washington, DC: Banco Mundial, 2003.
- Isaak, Robert A. *The Globalization Gap: How the Rich Get Richer and the Poor Get Left Further Behind* [O Descompasso da Globalização: Como os Ricos Ficam mais Ricos e os Pobres, cada Vez mais para Trás]. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall/Financial Times, 2005.
- Laudicina, Paul A. *World Out of Balance: Navigating Global Risks to Seize Competitive Advantage* [Mundo Desequilibrado: Lidando com os Riscos Globais para Conseguir Vantagem Competitiva]. Nova York: McGraw-Hill, 2004.
- Legrain, Philippe. *Open World: The Truth About Globalization* [Mundo Aberto: A Verdade sobre a Globalização]. Chicago: Ivan R. Dee, 2004.
- Lele, Uma J. e Chris Gerrard. *Addressing the Challenges of Globalization: An Independent Evaluation of the World Bank's Approach to Global Programs* [Como Enfrentar os Desafios da Globalização: Uma Avaliação Independente da Visão do Banco Mundial sobre Programas Globais]. Washington, DC: Banco Mundial, 2004.
- Mander, Jerry e Victoria Tauli-Corpuz, orgs. *Paradigm Wars: Indigenous Peoples' Resistance to Economic Globalization: A Special Report of the International Forum on Globalization, Committee on Indigenous Peoples* [Guerras Paradigmáticas: Resistência dos Povos Indígenas à Globalização Econômica: Relatório Especial do Fórum Internacional sobre Globalização, Comissão de Povos Indígenas]. São Francisco, CA: Fórum Internacional sobre Globalização, 2005.
- Michie, Jonathan, org. *The Handbook of Globalisation* [O Manual da Globalização]. Cheltenham, RU: Northampton, MA: Edward Elgar, 2003.
- Naím, Moisés. *Illicit: How Smugglers, Traffickers, and Copycats Are Hijacking the Global Economy* [Publicação em português: Ilícito: O Ataque da Pirataria, da Lavagem de Dinheiro e do Tráfico à Economia Global, Jorge Zahar Editor, 2006]. Nova York: Doubleday, 2005.
- Ocampo, José Antonio e Juan Martin, orgs. *Globalization and Development: A Latin American and Caribbean Perspective* [Globalização e Desenvolvimento: Uma Perspectiva Latino-Americana e Caribenha]. Palo Alto, CA: Ciências Sociais da Universidade de Stanford, Stanford University Press; Washington, DC: Banco Mundial, 2003.
- Pink, Daniel. *Free Agent Nation: The Future of Working for Yourself* [A Nação dos Autônomos: O Futuro do Trabalho por Conta Própria]. Nova York: Warner Business Books, 2002.
- Rivoli, Pietra. *The Travels of a T-Shirt in the Global Economy: An Economist Examines the Markets, Power, and Politics of World Trade* [As Viagens de uma Camiseta Pela Economia Global: Economista Examina os Mercados, o Poder e as Políticas do Comércio Mundial]. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, Inc., 2005.
- Runge, C. Ford, et al. *Ending Hunger in Our Lifetime: Food Security and Globalization* [Como Acabar com a Fome em Nossa Era: Segurança Alimentar e Globalização]. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, para o Instituto Internacional de Pesquisas sobre Política Alimentar, 2003
- Rupert, Mark e M. Scott Solomon. *Globalization and International Political Economy: The Politics of Alternative Futures* [Globalização e Economia Política Internacional: As Políticas de Alternativas Futuras]. Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 2006.
- Smith, Neil. *The Endgame of Globalization* [A Jogada Decisiva da Globalização]. Nova York: Routledge, 2005.
- Stark, Jurgen. "The State of Globalization" [O Estado da Globalização], *The International Economy*, v. 19, nº 2 (segundo trimestre de 2005): pp. 52-55.
- Stiglitz, Joseph. *Globalization and Its Discontents* [A Globalização e Seus Críticos]. Nova York: Norton, 2002.
- Weinstein, Michael M., org. *Globalization: What's New?* [Globalização: Quais as Novidades?]. Nova York: Columbia University Press, 2005.
- Wolf, Martin. *Why Globalization Works* [Por que a Globalização Funciona]. New Haven, CT: Yale University Press, 2004.

## EDUCAÇÃO

- Heyneman, S.P. "Defining the Influence of Education on Social Cohesion" [Definição da Influência da Educação na Coesão Social], *International Journal of Educational Policy, Research and Practice* (1º trimestre de 2003): pp. 73-97.
- Heyneman, S.P. "Education and Corruption" [Educação e Corrupção], *International Journal of Education Development*, v. 24 (2004): pp. 637-648.

Moiseyenko, Olena. "Education and Social Cohesion: Higher Education" [Educação e Coesão Social: Ensino Superior], *Peabody Journal of Education*, v. 80, nº 4 (2005): pp. 89-103.

"A New World View: Education in a Global Era" [Uma Nova Visão do Mundo: Educação na Era Global], *Phi Delta Kappan*, v. 87, nº 3 (novembro de 2005): pp. 184-245.

Rumyantseva, Nataliya L. "The Taxonomy of Corruption in Higher Education" [A Taxonomia da Corrupção no Ensino Superior], *Peabody Journal of Education*, v. 80, nº 1 (2005): pp. 81-92.

### DIREITOS HUMANOS

Brysk, Alison e Gershon Shafir, orgs. *People Out of Place: Globalization, Human Rights, and the Citizenship Gap* [Pessoas Fora do Lugar: Globalização, Direitos Humanos e a Defasagem da Cidadania]. Nova York: Routledge, 2004.

Moghadam, Valentine M. *Globalizing Women* [Mulheres na Globalização]. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 2005.

### SEGURANÇA

Barkawi, Tarak. *Globalization and War* [Globalização e Guerra]. Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 2006.

Carmody, Padraig. "Transforming Globalization and Security: Africa and America Post-9/11" [Transformando a Globalização e a Segurança: África e EUA pós- 11/9], *Africa Today*, v. 52, nº 1 (quarto trimestre de 2005): pp. 97-120.

Conselho Nacional de Inteligência dos EUA. *Mapping the Global Future: Report of the National Intelligence Council's 2020 Project, Based on Consultations With Nongovernmental Experts Around the World* [Mapeando o Futuro Global: Relatório do Projeto 2020 do Conselho de Inteligência Nacional, Baseado em Consultas com Especialistas Não-Governamentais do Mundo Todo]. Washington, DC: Conselho Nacional de Inteligência, 2004.  
<http://www.foia.cia.gov/2020/2020.pdf>

Copley, Gregory R. "Preparing for the Post-Terrorism Era" [Em Preparação para a Era Pós-Terrorismo], *Defense and Foreign Affairs Strategic Policy*, v. 33, nº 9 (setembro de 2005): pp. 2-4.

Echevarria, Antulio J. e Bert B. Tussing. *From "Defending Forward" to a "Global Defense-in-Depth": Globalization and Homeland Security* [Da "Defesa Avançada" à "Defesa Global em Profundidade": Globalização e Segurança Interna]. Carlisle, PA: Instituto de Estudos Estratégicos da Escola de Guerra do Exército dos EUA, 2003.

Florida, Richard. "The World Is Spiky" [O Mundo é Espinhoso], *The Atlantic Monthly*, v. 296, nº 3 (outubro de 2005): pp. 48-51.

Haas, Richard N. "The Politics of Power: New Forces and New Challenges" [A Política do Poder: Novas Forças e

Novos Desafios], *Harvard International Review*, v. 27, nº 2 (terceiro trimestre de 2005): pp. 60-65.

Miskel, James F. "Grand Strategies for Dealing With Other States in the New, New World Order" [Grandes Estratégias para Lidar com Outros Estados na Nova Nova Ordem Mundial], *Naval War College Review*, v. 58, nº 1 (primeiro trimestre de 2005): pp. 63-75.

<http://www.nwc.navy.mil/press/Review/2005/Winter/art3-w05.htm>

Morgan, Matthew J. "The Origins of the New Terrorism" [As Origens do Novo Terrorismo], *Parameters*, v. 34, nº 1 (segundo trimestre de 2004): pp. 29-43.

<http://carlisle-www.army.mil/usawc/Parameters/04spring/morgan.htm>

Nassar, Jamal R. *Globalization and Terrorism: The Migration of Dreams and Nightmares* [Globalização e Terrorismo: A Migração de Sonhos e Pesadelos]. Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 2005.

<http://www.rowmanlittlefield.com/Catalog/SingleBook.shtm?command=Search&db=^DB/CATALOG.db&eqSKUdata=0742525031>

Nye, Joseph. *Soft Power: The Means to Success in World Politics* [Poder Brando: Meios de Alcançar o Sucesso na Política Mundial]. Nova York: Public Affairs, 2004.

Rapley, John. *Globalization and Inequality: Neoliberalism's Downward Spiral* [Globalização e Desigualdade: A Espiral Descendente do Neoliberalismo]. Boulder, CO: Lynne Rienner, 2004.

Rosenau, James N. *Distant Proximities: Dynamics Beyond Globalization* [Proximidades Distantes: A Dinâmica Além da Globalização]. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2003.

Sicherman, Harvey. "Cheap Hawks, Cheap Doves, and the Pursuit of Strategy" [Os Falcões, os Pombos e a Busca de uma Estratégia Econômica], *Orbis*, v. 49, nº 4 (quarto trimestre de 2005): pp. 613-629.  
<http://www.fpri.org/orbis/4904/sicherman.cheaphawksdoves.pdf>

Van Rooy, Alison. *The Global Legitimacy Game: Civil Society, Globalization, and Protest* [O Jogo da Legitimidade Global: Sociedade Civil, Globalização e Protesto]. Houndmills, Basingstoke, Hampshire; New York: Palgrave Macmillan, 2004.

---

*O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo e disponibilidade dos recursos de outros órgãos e organizações relacionados acima. Todos os links da internet estavam ativos em fevereiro de 2006.*

# RECURSOS NA INTERNET

## Seleção de sites sobre globalização

### GOVERNO DOS EUA

Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional  
<http://www.usaid.gov>

Centros de Controle e Prevenção de Doenças do Departamento de Saúde e Serviço Social dos EUA  
<http://www.cdc.gov>

Departamento de Estado dos EUA  
<http://www.state.gov>

Departamento do Tesouro dos EUA  
Escritório de Controle de Ativos Estrangeiros  
<http://www.ustreas.gov/offices/enforcement/ofac/index.shtml>

### INTERNACIONAL

Centro Japonês de Intercâmbio Internacional  
<http://www.jcie.or.jp>

Estatística Canadá  
<http://www.statcan.ca/english/freepub/11-623-XIE/2003001/multi.htm>

Fundo Monetário Internacional  
<http://www.imf.org/external/np/exr/ib/2000/041200.htm#l>

Grupo do Banco Mundial  
<http://www.worldbank.org/html/extdr/pb/globalization>

Organização Internacional do Trabalho  
<http://www.ilo.org>

Organização Mundial da Saúde  
<http://www.who.org>

Organização Mundial do Comércio  
<http://www.wto.org>

Princípios de Governança Corporativa da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico  
<http://www.oecd.org/dataoecd/32/18/31557724.pdf>

### UNIVERSIDADES, FACULDADES E ORGANIZAÇÕES DE PESQUISA

Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais  
Globalization101.org  
<http://www.globalization101.org/about/>

Fórum Econômico Mundial  
<http://www.weforum.org>

Fórum Internacional sobre Globalização  
<http://www.ifg.org>

Fundação Bill e Melinda Gates  
<http://www.gatesfoundation.org>

Fundação Carnegie para a Paz Internacional  
Programa de Políticas Globais  
<http://www.carnegieendowment.org/programs/global/>

Site da Globalização (Universidade Emory)  
<http://www.sociology.emory.edu/globalization/about.html>

Universidade George Washington  
Centro de Estudo da Globalização  
<http://gstudynet.com/gwcsg/>

### OUTROS

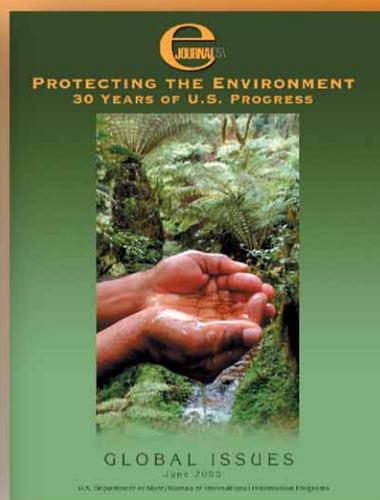
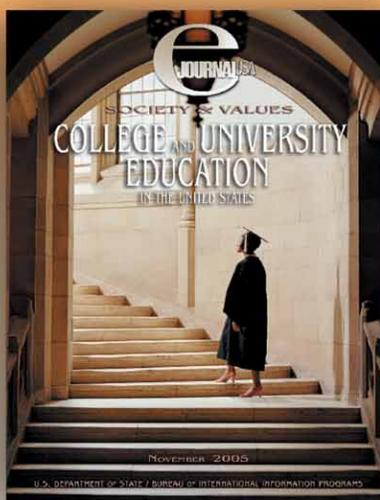
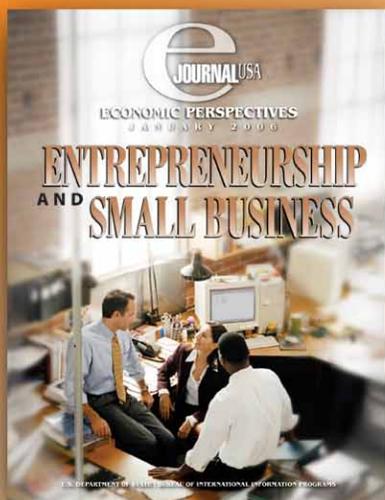
A. T. Kearney: Índice de Globalização 2005  
<http://www.atkearney.com/main.taf?p=5,4,1,116>

Centro da Tribuna Internacional da Mulher  
<http://www.irc.nl/page/7049>

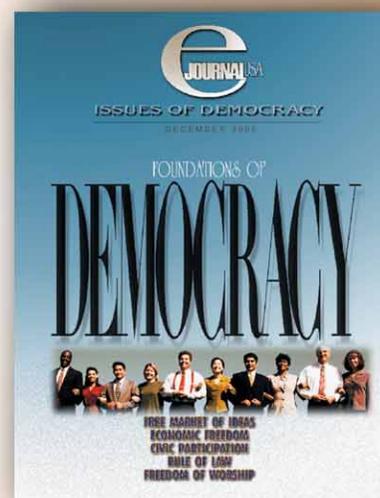
Grupo Conjuntura Global  
<http://www.gsg.org>

Um Mundo Conectado  
<http://www.aworldconnected.org/>

*O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo e disponibilidade dos recursos de outros órgãos e organizações relacionados acima. Todos os links da internet estavam ativos em fevereiro de 2006.*



REVISTA  
MENSAL  
EM  
VÁRIOS  
IDIOMAS



VEJA A RELAÇÃO COMPLETA DOS TÍTULOS EM  
<http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>